



ECONOMIA 11

CIDADÃO REPÓRTER

Subornou alguém?
Viu alguém a ser subornado?

Ajude-nos a vigiar os corruptos e quem corrompe, seja um cidadão repórter e conte-nos a sua história.

82 1115

Indique-nos onde o suborno aconteceu, quem foi subornado, o valor que pagou... Por exemplo:

O polícia mandou-me parar, o pisca estava avariado, tive de subornar com 50 meticais.

A partir de hoje, e nas próximas seis semanas, joga e ganha prémios com a Verdade

INDireitos laborais

DESTAQUE 12/ 13

Selma dá brilho ao jornalismo moçambicano

4º PODER 30

facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Uma avaria verificada esta segunda-feira no sistema de comunicação da operadora Moçambique Celular (mCel), na central de Maputo, afecta as províncias de Sofala, Tete, Manica e Zambézia, para além de uma parte da cidade do Maputo e das províncias de Gaza e Inhambane. Sofala, Manica, Tete e Zambézia estiveram ontem sem comunicações móveis na rede 82

Ontem às 9:24 · Gosto · Partilhar
3 pessoas gostam disto.



Eddy Dengo Onde tem mCel, Tem rede + tem problema de chamada,gprs,linha do cliente,sms... Ontem às 9:27 · Gosto



Muca Mucauro essa empresa devia ser multada por falhar constantemente na oferta dos seus serviços aos clientes, mais hei kem são os acionistas, não mais aki kem falou, orgulhosamente o que? sem qualidade não vale a pena, tantos lucrando e não conseguem ter ekipamentos propicios

Ontem às 9:31 · Gosto



Lucia Jofrice alem dessas províncias acrescem Pemba tambem... ficamos praticamente o dia todo com problemas de comunicacao... foi complicado trabalhar... sem falar dos prejuizos/ incomodos que tivemos por causa disso!!... Percebo que nao foi intencional mas... Mcel, cartao vermelho para voces... Ontem às 9:36 · Gosto · 1 pessoa



Need Natalia Nhabombamcel... ate quando? Ontem às 9:41 · Gosto



Salim Mahmood MCEL = LIXO Ontem às 9:43 · Gosto



Neisa Ester Ismael mcel tem sempre problemax n vale a pena juxtifikasiarem nada, ja xtam habituados. Ontem às 9:54 · Gosto



Sansao Chume Alguns leitores aqui parece que nem são moçambicanos ou talvez são da outra rede, porque os seus argumento não visam contribuir de forma positiva, mas sim desnegar a imagem da própria operadora. Tem que saber que mesmo num estado democrático como USA sempre houve imprevisto, e porque não pode acontecer com operadora. Mais nada não disse. Ontem às 10:17 · Gosto



Leovistónia Mondlane Mcel sinceramente é sinônimo d problemax...Só sabem justificar..K tal aranjar soluções... Ontem às 10:20 · Gosto



Gina Barros Não serão problemas intencionais, querendo matar a mcel para dar + força a vodacom (todos sabemos quem são os donos) e a nova operadora (que tbm sabemos a quem pertence) Daqui a nada a mcel já terá donos e ai passará a funcionar... Fiquemos atentos. Ontem às 10:26 · Gosto



Leovistónia Mondlane Sansão a operadora justifica e tu defendes..Deves ter tido o privilegio d ter tido rede..E o pessoal foi coado..Soluxao tem k aranjar os técnicos k recebm muito bm por isso..Tem k parar de dizer.. Fazer.. Ontem às 10:27 · Gosto



Andre Dimasmoxambicano k se prese tem as duas no bolso/a SWAFANA PA um dia est outro aqele, mas a mcel humw ta mal msmo ou tem la um trafulha qalqr a celarar negocios dos camaradas... Ontem às 10:48 · Gosto

Uma família moçambicana com certeza...

O dia-a-dia no bairro do Xipamanine é intenso e incerto. Não por se tratar de um lugar "por onde Deus nunca passou", como um dia Valete cantou sobre os subúrbios. São quatro da manhã e as ruas estão quase desertas. Mas será que o bairro dorme? Se a noite existe para sonhar o que não se fez e o que não se disse durante o dia, no Xipamanine a realidade é bem distinta. As pessoas já se levantaram para lutar contra a pobreza porque não há tempo para sonhar...

Texto: Redação • Foto: Miguel Manguezé



No entanto, a madrugada está quase silenciosa. À exceção do vento e do latido de cães vadios – ecos já rotineiros da operação que as donas de casa prosseguem diariamente contra a fome já se evidenciam. É o sono, dizem, que divide as mulheres moçambicanas em dois mundos imensos. As que dormem: ricas, estudadas e 'modernas'. Do lado oposto, as mulheres que se levantam antes do sol: pobres e sem instrução. A uni-las, o papel preponderante da mulher na sociedade moçambicana.

Duas histórias de sobrevivência

A casa de banho de madeira e zinco, sem cobertura, fica separada da moradia onde Manuela Lhongo vive com o esposo e quatro filhos, dois rapazes e duas meninas. Não se trata, porém, de uma inovação na paisagem suburbana maputense. É, isto sim, resultado da forma como são construídas as casas nos subúrbios de Maputo.

Normalmente, as pessoas erguem uma casa onde possam viver e num canto do terreno constroem uma casa de banho precária. Porém, o mais comum é que elas sejam construídas em caniço e sem nenhuma cobertura.

Na casa de Manuela ela é a primeira a despertar. Bem antes das 4horas. Depois de sair da cama vai directo ao quintal. Antes passa pela sala, local que, nas noites, muda de função e vira quarto das meninas. Elas ainda dormem profundamente. Manuela sorri ao vê-las e pede, em pensamento, que o futuro seja melhor para as duas pequenas.

Sai para o quintal com um balde na mão, no qual leva água até ao meio. Actualmente, devido às temperaturas baixas, a água é bem mais fria. Porém, o

que perturba Manuela não é o estado da água, mas a incerteza da vida. "A refeição" é sempre uma incógnita. Isso, diz, "é um problema para qualquer mãe". Continua: "nem sempre posso contar com o meu marido. A natureza do trabalho dele não permite. Mas quando ele consegue alguma coisa compramos um saco de arroz de 25 quilos. O que sobra vai para pagar a água e a luz".

O chefe do agregado familiar não tem emprego formal, vive da pintura, uma profissão que lhe dá dinheiro sem data marcada, o que torna ainda mais imprevisível a vida de uma família de baixa renda. Aliás, o lucro total de Manuela não chega, nos melhores meses, à fronteira do salário mínimo. Ainda assim, ela é quem suporta o peso da família.

Um negócio comum

O negócio do carvão não é original. Porém, é a única coisa que Manuela sabe fazer. Comprar e revender carvão. Adquire o produto no mercado do Xipamanine bem ao pé de casa e vende em frente ao seu quintal em pequenos montes. Uns por 15 e os mais caros por 20 meticais. O saco custa-lhe 650 meticais e gera, conta, um lucro que varia dos 100 aos 150 meticais.

A mercadoria dura, em norma, três dias. Manuela não sabe com quanto fica no final do mês. Mas uma estimativa tendo em conta o lucro máximo revela que o rendimento não passaria dos 1500 meticais nos melhores meses.

Porém, do que faz na rua pouco sobra para poupanças. "E vai-se tão depressa! Quando chega já tem destino. Afinal a minha família tem de se alimentar. É ganhar no carvão e tirar para o caril", conta.

O almoço

São 12 horas e Manuela faz uma pausa no negócio para preparar a primeira refeição do dia. Nos outros dias, diz, a filha é que acende o lume no velho fogão a carvão. A refeição, regra geral, é a base de pão e regada com chá.

Lá para o final do dia, ela larga o negócio e embrenha-se no mercado do Xipamanine. Engana-se, porém, quem pensa que Manuela procura as bancas mais recheadas. Uma vida de sacrifício e privações ensinou-lhe a fazer milagres com pouco dinheiro. Hoje, por exemplo, amealhou 120 meticais. 70 foram guardados na ponta da capulana e 50 foram levados ao mercado para dar corpo à segunda e última refeição familiar. Com 15 meticais compra um molho de couve. Depois, nas senhoras perfiladas no chão do mercado, consegue quatro tomates por cinco. Uma cebola por dois meticais e um copo de amendoim por 10. Manuela move-se com mestria no coração do mercado e desta vez não precisará de comprar arroz. O lucro sem hora marcada do esposo deixou um saco de 25 quilos daquele produto no princípio do mês.

À noite, a fome inquieta os estômagos. Bem na hora da novela das 19 é o tempo de mergulhar noutro mundo. A refeição é servida e a família janta alegremente. O pensamento tenta resolver as suas contradições, como será o dia seguinte, mas não consegue. É a incapacidade de vencer a dificuldade cíclica que fala mais forte. É impossível sonhar porque a vida é um pesadelo: o Inferno onde as almas vagueiam sem descanso. E vistas daqui as notícias que falam da estabilidade do país parecem ridículas. No jornal, o Primeiro- Ministro, Aires Aly,

insiste afirmando que o país está estável e que o Governo não prometeu nenhuma cesta básica. Manuela franze a testa e não percebe do que se fala.

A refeição acaba subitamente. Assim sem avisar. A noite entra bruscamente por todas as frinchas. Voltam as dúvidas de Manuela. "O que será da vida amanhã?", eis a questão de todos os dias.

A vida de Joana

No Quarteirão 4, no Bairro do Xipamanine, são quatro horas quando Joana, o braço forte de um agregado familiar de sete pessoas, sai de casa apressada. Àquela hora o bairro é apenas dela e de mais algumas mulheres, portanto, não há lugar para vergonhas. Aliás, a pressão da pobreza também não deixa espaço para tal.

Vai ao mercado Fajardo. Às seis, regressa. É o seu biscoite diário, a "safa" que garante o rendimento mensal da família, inferior a dois mil quinhentos meticais. Alberto, o esposo, tal como a mulher, nunca teve um emprego formal. Sempre foi um homem de negócios. Porém, experimentou a actividade de mukherista, mas deu-se mal. Faliu e agora está em casa.

Joana é rebento da época em que a cabeça das jovens era inundada pelo sonho de trabalhar na casa dos brancos, todavia, esse desejo nunca lhe rimou nos ouvidos. Em casa do colono, só trabalhou duas vezes. Com as economias dessa época ajudou o esposo a construir a casa onde criaram oito filhos, dos quais três já têm as suas próprias residências.

Desde então Joana estende um saco no chão, num espaço que no passado foi um campo de futebol, no Bairro do Xipamanine. Os dias são passados, porque não há nenhuma fonte de rendimento, a vender os produtos que compra no Fajardo.

O investimento diário permite-lhe arrecadar um lucro diário de 150 meticais,

o suficiente para fazer um xitique diário de 75 meticais, sobrando-lhe igual valor para a alimentação e o transporte dos filhos. No final do mês Joana recebe 2175 meticais, com os quais compra um saco de arroz de 25 quilos, 10 de carapau e cinco litros de óleo. No passado com esse dinheiro comprava mais produtos. Porém, "o custo de vida está cada vez mais alto". Joana não se deixa enganar pelos números frios da estatística oficial e tem um exemplo prático muito claro: "No início do ano adquiria cinco litros de óleo por 250 meticais e hoje com esse dinheiro compro metade". Ou seja, a subida do custo de vida sente-a em cada metical que tira da ponta da capulana.

Impossível almoçar

Há anos que Joana não sabe o que é almoçar. Para enganar a fome, por volta das 10h, toma uma sopa de feijão sem tirar os olhos dos produtos e do movimento. Enquanto isso, clientes vêm e vão. Perguntam pelo preço dos produtos, pedem desconto e partem. Uns compram. Os preços variam dos dois meticais aos 30.

As horas da vida de Joana são passadas ali. Presa ao chão não pode sequer sair para almoçar porque "senão não há lucro". Contudo, essa é a mais doce das suas penas. Os filhos e o esposo têm o que comer enquanto Joana procura alimentos para o dia seguinte. Normalmente, eles arranjam-se com o que sobrou da noite anterior ou se nutrem de pão e chá.

Curvada no chão poeirento, os seus dias são iguais. A única coisa que muda a rotina é a chuva. Mas essa não demove Joana. Às 18h confere o que ganhou.

Carregada com o que sobrou dos produtos, Joana volta ao lar com um sorriso no rosto. Amanhã os filhos irão à escola limpos e sem fome. Joana não tem de cozinhar. O esposo, assim como as filhas, encarregam-se dessa tarefa. Porém, viver não é fácil...



O Banco de Moçambique tem à disposição do público um **Serviço de Atendimento de Reclamações, Pedidos de Informações e de Sugestões**. O cidadão pode recorrer a este serviço quando discorda do tratamento dado pelos bancos comerciais às suas reclamações, ou quando não obtém resposta das mesmas dentro dum prazo de 10 dias úteis.

As reclamações podem ser apresentadas presencialmente, por carta, por e-mail ou por telefone na Sede do Banco de Moçambique, em Maputo, ou nas Filiais e Agências do Banco de Moçambique, nas províncias.

Banco de Moçambique

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONSULTE O AVISO N° 4/GBM/09, DE 4 DE MARÇO DE 2009.

Av 25 de Setembro nº 1695, Maputo • Tel.: 21426641 ou 21354670 • E-mail: bm_reclamações@bancomoc.mz

www.bancomoc.mz



O chefe do Estado, Armando Guebuza, promulgou e mandou publicar, segunda-feira, em Maputo, a Lei sobre o sistema de Títulos Honoríficos e Condecorações da República de Moçambique.

Mortalidade infantil é causada por doenças evitáveis

Texto: Victor Bulande

A maior parte das mortes de crianças menores de cinco anos deve-se a um pequeno número de doenças comuns, evitáveis e tratáveis, como a malária, problemas neonatais, infecções agudas do trato respiratório inferior, infecções por HIV, doenças intestinais infecciosas, meningite e desnutrição. Destas enfermidades, a desnutrição é apontada como sendo a principal causa.

A maior parte das mortes de crianças menores de cinco anos deve-se a um pequeno número de doenças comuns, evitáveis e tratáveis, como a malária, problemas neonatais, infecções agudas do trato respiratório inferior, infecções por HIV, doenças intestinais infecciosas, meningite e desnutrição. Destas enfermidades, a desnutrição é apontada como sendo a principal causa.

Estes dados foram divulgados esta semana durante a cerimónia de lançamento do relatório da UNICEF intitulado "Pobreza Infantil e Disparidades em Moçambique 2010", correspondente ao período 2003 e 2008. De acordo com o documento, cuja elaboração contou com a colaboração do Governo, Sociedade Civil, Nações Unidas e seus parceiros, cerca de 44% das crianças são desnutridas, o que pode retardar o seu desenvolvimento mental e baixar o seu quociente de inteligência.

Lola Castiço, representante residente do Fundo das Nações Unidas para a Infância, o país registou melhorias no que diz respeito à materialização dos direitos das crianças desde que ratificou a respectiva convenção, em 1994, mas o ritmo a que as mesmas acontecem pode comprometer o cumprimento dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio até 2015. Moçambique está em condições de atingir quatro dos vinte e um objectivos. Ainda há possibilidade de se alcançar mais nove².

Apesar desses avanços, Moçambique é o 22º país com a mais alta taxa de mortalidade infantil do mundo. No período compreendido entre o 2003 e 2008, a taxa de mortalidade de menores de cinco anos de idade baixou de 153 mortes em 1 000 nados vivos para 141.

A percentagem de crianças de cinco anos sofrendo de desnutrição diminuiu de 48% em 2003 para 44% em 2008. Embora tenha registado avanços na área da mortalidade infantil, Moçambique ainda se situa entre os países com as mais elevadas taxas de desnutrição do mundo. A província da Zambézia é a que mais casos de mortalidade infantil tem registado, cerca de 20%, o dobro da província e cidade de Maputo.

Embora reconheça que o país tem potencial para alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio relativos à mortalidade infantil até 2015, o relatório recomenda que, para que se atinja a metade de redução da mortalidade de crianças menores de cinco anos, corresponde a uma taxa de mortalidade de 108 por cada 1 000 nados vivos em 2015, é necessário que haja uma redução anual de 4.5% do número de mortes, na taxa de mortalidade de menores de cinco anos, e de 3.7% na taxa de mortalidade infantil.

Educação

Neste sector, o relatório avança que muitas crianças tiveram acesso à educação e registou-se uma melhoria na equidade do género, mas refere que a qualidade baixa e aponta o rácio professor-aluno e o reduzido tempo de permanência na escola como sendo as prováveis causas deste contraste. O rácio professor-aluno é estimado em mais de 70 alunos por turma, um número considerado alto quando comparado com os países da África Subsaariana.

Dados do Consórcio da África Austral e Oriental para a Monitoria da Qualidade de Ensino (SACMEQ) indicam que entre 2000 e 2007 os níveis de Moçambique registraram uma deterioração significativa no desempenho em leitura e matemática.

O SACMEQ conclui que o declínio está associado às rápidas mudanças estruturais no sistema de ensino no período em análise que resultaram em aumentos significativos das matrículas na 6ª classe sem que houvesse um correspondente aumento de recursos humanos e materiais.

Questionado sobre se este não seria o resultado das passagens semi-automáticas, o representante-adjunto da UNICEF, Roberto DeBernardi, disse "não haver evidências claras de que este processo tenha influenciado negativamente a qualidade do ensino", tendo apenas aventado a hipótese de este "fracasso" estar aliado ao elevado número

de turnos lecionados por dia nas escolas, cerca de três, devido à falta de salas de aulas, material didáctico, dentre outros factores.

Dos cerca de 81% das crianças que se encontram a frequentar o ensino primário,

apenas 15% é que conseguem concluir o nível na idade certa, devido à entrada tardia no sistema de ensino. O primeiro contacto com a escola na idade certa depende de vários factores, dentre os quais a área de residência. As crianças das zonas rurais iniciam os estudos mais tarde que as crianças das áreas urbanas.

Registo de Nascimento

Em 2006 foi lançada uma campanha de registo de nascimento de longa duração, o que permitiu que mais de 4,2 milhões de crianças (tendo abrangido alguns menores na faixa etária dos 18 anos) fossem registadas, representando 40% delas em Moçambique.

A percentagem de crianças menores de cinco anos que foram registadas aumentou de 8% em 2003 para 31% em 2008. 39% residem nas áreas urbanas, enquanto 28% se encontram nas zonas rurais.

Na cidade de Maputo foram registadas 47% das crianças e 11% na província de Tete.

Violência e abuso na escola

O estudo aponta que o abuso e a violência nas escolas têm levado os pais e encarregados de educação a retirar os seus filhos dos estabelecimentos de ensino. Segundo um estudo realizado pelo Ministério da Educação em 2008, 70% das raparigas entrevistadas afirmaram que alguns professores põem como condição para a transição de classe a prática de relações sexuais e que as escolas não oferecem segurança nesse aspecto, pois o acto é cometido com o conhecimento das autoridades escolares.

Saúde

O resultado do Inquérito de Indicadores Múltiplos de 2008 revela uma redução da taxa de mortalidade de menores de cinco anos de 153 mortes por cada 1 000 nados vivos em 2003 para 141 em 2008, o que representa um progresso significativo na melhoria da saúde e sobrevivência da criança e da mãe em Moçambique, embora esta redução tenha abrandado nos últimos anos e deva ser acelerada para que o país possa alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio.

Apesar deste progresso, Moçambique possui o 22º mais elevado índice de mortalidade de menores de cinco anos do mundo e a melhoria nas taxas de sobrevivência infantil encontra-se distribuída de forma desigual, havendo crianças e mulheres em algumas províncias a beneficiarem menos que as outras províncias.

Porém, a pandemia da SIDA poderá afetar negativamente esta tendência pois está a fazer cada vez mais vítimas, principalmente nas crianças.

O risco de uma criança morrer é muito alto no primeiro mês de vida e quase metade de todas as mortes nesta faixa etária (0 aos 5 anos) ocorre nesse período (38 por 1000 nados vivos em 2008).

A redução observada na mortalidade em Moçambique foi mais acentuada nas áreas rurais, onde a taxa média de mortalidade de 237 mortes por mil nados vivos, registada entre 1987 e 1997, baixou para 164 óbitos no período compreendido entre 1998 e 2008, o que equivale a um decréscimo de 32%. Nas áreas urbanas, a taxa de mortalidade de menores de cinco anos diminuiu de 150 entre 1987 e 1997 para 138 no período 1998-2008, uma redução de cerca de 10%. Essa melhoria está associada a um maior acesso a estabelecimentos e serviços de saúde.

Porém, as disparidades geográficas continuam preocupantes, estimando-se que uma criança em Cabo Delgado tem quase três vezes maior probabilidade de morrer antes dos cinco anos de idade do que uma criança na cidade de Maputo. Esta disparidade verifica-se também entre as províncias do Centro e Norte e as do Sul. As províncias da Zambézia e Cabo Delgado registraram as

taxas mais elevadas (206 e 181 óbitos por 1 000 nados vivos, respectivamente), enquanto a província de Tete apresenta a terceira mais elevada taxa de mortalidade nesta faixa etária, 174 por 1 000 nados vivos, e a província e a cidade de Maputo as mais baixas (103 e 109, respectivamente).

Nutrição

A desnutrição é a principal causa do elevado nível de mortalidade infantil em Moçambique, e um factor preocupante uma vez que afecta o desenvolvimento cognitivo e está intimamente ligada ao desempenho educacional no futuro. As principais manifestações da desnutrição são o pouco peso para a idade, reduzido peso para a altura, baixa altura para a idade e deficiências de micronutrientes.

As causas de desnutrição nas crianças estão ligadas à dieta inadequada (em quantidade e qualidade) e às doenças. A interacção destes

dois factores leva ao aumento da morbidez e mortalidade infantil. A infecção por HIV é também uma das principais causas do défice de crescimento e da desnutrição nas crianças.

Os problemas dietéticos e as doenças são,

por sua vez, causados por um insuficiente acesso a alimentos, inadequadas práticas de cuidados materno-infantis (fraco aleitamento e outros hábitos alimentares), e insuficiente acesso a cuidados de saúde e serviços de água potável e saneamento. A pobreza, a insuficiente escolaridade (especialmente das mães) e as desigualdades de géneros são as causas básicas.

Água e saneamento

Nos últimos anos, Moçambique registou avanços significativos no abastecimento de água e no saneamento e higiene.

Essas melhorias foram realizadas no quadro

institucional e de políticas, tendo sido também criada uma estrutura de regulamentação que integra o Governo, o sector privado e os consumidores. Também se progrediu na descentralização da gestão. Porém, a maior parte das reformas e dos investimentos destinou-se ao abastecimento de água e saneamento nos grandes centros urbanos. Os serviços de água rurais e peri-urbanos continuam frágeis e o acesso ao saneamento e à promoção da higiene estão, em grande medida, estagnados, especialmente em áreas peri-urbanas. A capacidade institucional continua limitada, principalmente a nível local.

A percentagem de agregados familiares em Moçambique com acesso à água potável aumentou de 36% em 2003 para 43% em 2008,

sendo o poço não protegido a fonte de água mais comum, mas ainda persistem grandes disparidades entre as áreas urbanas e rurais.

Quase todas as casas na cidade de Maputo

NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115



(94%) têm acesso ao precioso líquido, em comparação com apenas 24% na província da Zambézia e 30% em Cabo Delgado. Apesar das 77% dos agregados familiares urbanos têm acesso à água potável, contra 34% dos habitantes das zonas rurais. O tempo médio gasto até uma fonte de água é de quase uma hora, uma deslocação feita frequentemente por mulheres e crianças.

O acesso a instalações sanitárias melhoradas continua baixo, particularmente nas áreas rurais e nas províncias do Norte e Centro do país, tendo passado de 12% em 2004 para 19% em 2008 (47% nas zonas urbanas e 6% nas rurais).

Publicidade

KPMG
cutting through complexity™

Vagas

Vaga para Coordenador Administrativo

Estabelecida em Moçambique em Julho de 1990 A KPMG Auditores e Consultores, SA é a mais antiga firma de auditoria e consultoria a operar em Moçambique. A KPMG, pretende contratar para o seu quadro de pessoal, um **Coordenador Administrativo** cuja missão será a de coordenar todas as actividades do departamento de administração.

Responsabilidades:

- Manutenção do escritório;
- Coordenar a manutenção de viaturas;
- Coordenar os serviços de Aprovisionamento;
- Coordenar a gestão do PABX assim como arquivo

Requisitos:

- Nível médio de escolaridade;
- Mínimo 7 anos de experiência nas áreas;
- Fluência em português e inglês;
- Domínio das ferramentas Microsoft Office;
- Capacidade de trabalhar e adaptar-se em ambientes multiculturais;
- Capacidade de relacionamento interpessoal muito forte;
- Espírito de iniciativa, pro-actividade, dinamismo e rigor;
- Capacidade de trabalhar sobre pressão;
- Nacionalidade Moçambicana.

A KPMG oferece:

- Integração numa empresa multinacional dinâmica;
- Remuneração compatível com a capacidade e experiência evidenciadas;
- Boas perspectivas de progressão de carreira;
- Boas condições de trabalho;
- Outras regalias em vigor na firma.

Os CVs em Português e/ou Inglês, detalhados e acompanhados de carta de candidatura e respectivos documentos comprovativos, devem ser enviados (até ao dia 08 de Julho) para o seguinte endereço:

Edifício Hollard, Rua 1.233 nº 72 C - Maputo Telefone: 258 21 355 200 / 258 21 31 33 58, ou através do seguinte e-mail: candidaturas@kpmg.com, com o título: "Candidatura a Vaga de Coordenador Administrativo".

Mantém-se o máximo sigilo

KPMG
cutting through complexity™

NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

Beira	Sexta 01	Sábado 02	Domingo 03	Segunda 04	Terça 05
	Máxima 24°C Mínima 15°C	Máxima 25°C Mínima 17°C	Máxima 28°C Mínima 16°C	Máxima 25°C Mínima 16°C	Máxima 23°C Mínima 18°C

Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Existe pauta aduaneira?

Bom dia. Comprei uma bateria de laptop através do eBuy. O custo total do produto foi de 26 dólares (780 meticais ao câmbio do dia). Porém, os agentes alfandegários, afectos aos correios, cobraram-me 400 meticais de taxa (quatrocentos meticais na Direcção Geral das Alfândegas e outros 120 nos Correios de Moçambique). O valor total das taxas ultrapassa 50 por cento do preço do produto. Como é que isto possível tendo em conta o preço do produto? Podem investigar e ver se isto constitui verdade ou se fui vítima de uma burla. Por outro lado, existe algum Boletim da República ou Pauta Aduaneira que especifica que valores devem ser cobrados em casos do género?

Resposta

Existe uma Pauta Aduaneira que especifica que taxas devem ser observadas na importação de um produto. Os serviços alfandegários têm o dever de apresentá-la aos interessados. Por outro lado, a mesma pode ser consultada no site da Autoridade Tributária, através do endereço electrónico www.at.gov.mz. Em Moçambique, são passíveis de tributação os produtos ou bens cujo valor de compra esteja acima de 500 dólares. Os produtos ou bens abaixo desse valor não carecem de nenhuma tributação.

Nos casos semelhantes a este, em que o valor de compra esteja abaixo dos quinhentos dólares, é emitido um documento pela estância aduaneira local denominado DUA (Documento Único Abreviado). Este documento é emitido no local por onde o produto ou bem entra, nomeadamente a fronteira, aeroporto ou porto.

Porém, a dispensa de tributação do produto ou bem não quer dizer que o seu proprietário não tem nenhum encargo a pagar pela importação dos mesmos. Existem taxas decorrentes da importação do produto ou bem.

Essas tarifas incidem sobre o valor total da factura, isto é, a soma do preço do produto ou bem, transporte e seguro (Custo+Transporte+Seguro).

No caso em apreço, o leitor tinha que pagar um valor de 198 meticais referentes às tais taxas. Todo o pagamento efectuado deve ser comprovado por meio de um documento que pode ser um recibo ou uma factura-recibo.



: reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gera as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsável por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escrive a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie por carta – Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Seis polícias detidos por extorsão a cidadão sul-africano

Pelo menos 12 agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM) afectos ao Comando da corporação na cidade de Maputo encontram-se detidos em conexão com vários crimes, incluindo roubo e extorsão. Dos agentes ora detidos, seis roubaram dinheiro a um cidadão sul-africano.

"Eles ameaçaram o cidadão com arma de fogo e retiraram quatro mil rands do seu bolso. Depois forçaram-no a ir a uma caixa Multibanco onde ele foi coagido a retirar oito mil meticais (o equivalente a 277 dólares)", explicou Cossa, falando no habitual briefing semanal com a imprensa.

Segundo Cossa, depois de contactar a Polícia e confirmar a ocorrência, os seis agentes, que na altura de roubo trajaram de uniformes de trabalho, foram detidos. Eles deverão também

enfrentar processos disciplinares. Além disso, consta nos registos da PRM o caso de dois agentes que depois de recuperaram bens roubados, guardaram o espólio para o seu benefício pessoal, ao invés de seguir os trâmites estabelecidos na lei.

Este número, que poderá vir a subir nos próximos dias, corresponde ao número de agentes detidos apenas em Maputo no período compreendido entre Sexta-feira da semana passada e Domingo último. No geral, esses agentes são acusados por

prática de cinco crimes.

Falando, segunda-feira, a jornalistas, o porta-voz do Comando-geral da PRM, Pedro Cossa, disse que as detenções se enquadram numa acção destinada a "purificar as fileiras da corporação", na qual se apela a colaboração de toda a sociedade.

O outro caso tem a ver com o agente da Polícia de Trânsito que se beneficiou de quatro telemóveis pertencentes a quatro jovens que na altura do crime estavam

envolvidos num acidente de viação. "Eles roubaram os telemóveis e depois condicionaram a devolução dos mesmos ao pagamento de cinco mil meticais", explicou Cossa. O caso criminal é do indivíduo que se identificava como agente da Polícia de Investigação Criminal (PIC) como forma de extorquir e roubar a cidadãos por diversos motivos.

Este indivíduo, que trabalha no Comando da PRM (mas não na PIC), levava as suas vítimas para as instalações da PIC, particularmente no

Centro Social, onde as coagiava a pagar dinheiro.

Apesar de haver várias possíveis penas a serem aplicadas aos agentes infractores, Cossa adiantou que para o caso dos "polícia-ladrão" não há outra medida senão a "expulsão" e, provavelmente, enfrentar um processo-crime. "Estamos em purificação de fileiras, não só em Maputo, mas em todas províncias onde instruímos os respectivos comandos provinciais para controlarem, a pente fino, a conduta dos nossos agentes, e tomar as

devidas medidas punitivas", disse Cossa.

"Nós queremos nos livrar de todos que mancham o bom nome da Polícia moçambicana", sublinhou a fonte, apelando a sociedade para denunciar, oportunamente, todos os agentes que se envolvem em actos indevidos.

Na ocasião, Pedro Cossa disse ainda que a PRM registou um total de 151 casos criminais na semana passada, 48 dos quais do tipo homicídios e ofensas corporais e 95 furtos e roubos. /AIM



ACOMPANHE AS NOTÍCIAS TODOS OS DIAS EM

verdade.co.mz

flash NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

**NIASSA****"Sete milhões" beneficiam apenas homens**

Uma mulher de meia-idade denunciou, na última quarta-feira, ao chefe do estado, Armando Guebuza que as mulheres de Macalope, em Sanga, província do Niassa são desconsideradas na atribuição de os sete milhões de meticas disponibilizados aos distritos para o financiamento dos projectos de iniciativa local.

Rosita Barnabé, jura de pés juntos que o fundo só contempla os homens, "não as mulheres: fizemos projectos e submetemos ao conselho consultivo local mas não passaram".

Triste, ela revelou, sem apontar nomes, que há alguns régulos que não permitem que os projectos da autoria das mulheres sejam seleccionados para o financiamento posto administrativo de Macalope.

Ainda sobre o mesmo assunto, um outro interventor queixou-se de que os sete milhões só beneficiam os que tem barracas, os que tem pai e mãe. "Eu não tenho barraca, não

tenho pai e mãe, não posso receber o dinheiro", lamentou.

Por seu turno, Amade Jacob, diz ter abandonado a agricultura alegadamente porque não conseguia vender os excedentes e passou a dedicar-se a actividade garimpeira.

"Achamos que temos que abandonar a enxada e cavarmos o que Deus nos deu e o governo manda uma tropa para nos agredir. Nos que cavamos a terra também somos pessoas desta república. O desenvolvimento do país e o quê? As pessoas estão a chorar", disse ao presidente da república.

O problema da água, mesmo na sede do posto administrativo, sobretudo nas aldeias, o facto de as mães darem parto a caminho do hospital por falta de ambulância para a sua evacuação, foram outras preocupações apresentadas pela população de Macalope, a mais de cem quilómetros de Lichinga.

/Diário de Moçambique

**TETE****Moatize: Empresas mineiras criaram mais de 10 mil empregos**

As 36 empresas mineiras de Moatize, província de Tete, criaram até agora 10 811 empregos, o que já teve impacto na vida da comunidade daquela região do centro de Moçambique.

Segundo Manuel Guimarãe, administrador de Moatize, os postos de trabalho criados naquele distrito têm reflexos na vida social da população, sendo que mais crianças frequentam escolas e jovens têm suas habitações.

"Os projectos estão a trazer bons resultados. Os jovens já mandam à escola os seus filhos e assistem socialmente os seus dependentes directos. Reduziu-se o número de jovens desempregados que pululavam nas ruas", explicou Manuel Guimarãe.

Dos empregos criados em Moatize,

8 720 são ocupados por cidadãos nacionais, e 1 633 destes são naturais da região. As multinacionais australiana Riversdale e brasileira Vale, que começam a exportar a sua produção ainda este ano, são as que mais empregam.

Ainda segundo a mesma fonte, trabalhos estão em curso junto das empresas para incentivar a abertura de mais postos de trabalho, criar cultura de trabalho entre os jovens e desencorajar actividades ilegais.

Guimarãe referiu que a mineração no distrito de Moatize, também começou a ter impacto no impulsionamento do desenvolvimento com a abertura de vias de acesso e a respectiva iluminação, além da construção de infra-estruturas sociais. */Rádio Moçambique*

**MANICA****Cinco milhões de USD estimulam produção leiteira**

A Província de Manica está a implementar, desde o ano de 2009, um projecto de fomento de vacas destinadas à produção de leite para o consumo e comercialização. A iniciativa, que conta com apoio financeiro da Land O. Lakes, uma organização não-governamental norte-americana que opera naquele ponto do país e que, para o efeito, desembolsou 5.32 milhões de dólares, vai ser implementada durante o triénio 2009/2012.

Com esse montante, prevê-se, entre outros objectivos, garantir a aquisição a partir da República da África do Sul (RAS), de número não especificado de vacas leiteiras que deverão ser distribuídas a criadores familiares nos distritos de Gondola, Manica, Sussundenga e cidade do Chimoio. Até ao momento, de acordo com Adolfo Raimundo, chefe dos Serviços Provinciais de Pecuária de Manica, já foram adquiridos e distribuídos 267 animais. */Jornal Notícias*

**MAPUTO****Centros de inspecção sob forte pressão**

A poucos dias do início da fiscalização da ficha de inspecção obrigatória a viaturas e reboques, os centros de Maputo e Matola estão a conhecer um movimento desusado, pressionando aqueles serviços.

De acordo com Henrique Henri-

ques, director técnico do centro do Zimpeto, com a aproximação do dia 1 de Julho, data prevista para o arranque da fiscalização, o número de viaturas multiplicou e está a criar pressão aos seis inspetores que ali trabalham.

De uma média de 150 carros

**CABO DELGADO****Abatidos 53 animais problemáticos**

As autoridades que tutelam a área de Florestas e Fauna Bravia na província de Cabo Delgado, abateram durante o ano passado, 53 animais que destruíram sistematicamente machambas e ameaçavam a integridade física da população local.

Eliseu Machava, governador da província, explica que para estancar as perdas de áreas de culturas causadas por animais de grande porte foram realizadas acções para afugentar a fauna bravia, bem como abertas machambas em bloco com o envolvimento de 45 caçadores comunitários e distribuídas 25 armas de caça e 320 munições para os locais críticos.

Estas acções culminaram com o abate dos 53 animais tidos como problemáticos, dentre os quais constam 40 elefantes, sete crocodilos, dois leões, duas hienas e um

búfalo, nos distritos de Mocímboa da Praia, Muidumbe, Montepuez, Namuno, Macomia, Meluco, Pemba-Metuge, Chiúre, Ancuabe, Mecufi, Nangade, Quissanga, Palma e Mueda.

Machava, que falava, há dias, no momento de apresentação do balanço do grau de cumprimento do Plano Económico e Social de 2010, por ocasião da visita do Chefe do Estado, Armando Guebuza, disse que, de uma área de 1.001.991 hectares cultivada, foram perdidos 2.591 hectares de culturas diversas.

As perdas foram originadas por destruições provocadas pelo conflito Homem/Fauna Bravia, inundações dos rios Messalo e Montepuez, ataques de pragas e doenças o que representa uma redução das perdas em 75 por cento, se comparadas com ano passado. *AIM*

**NAMPULA****Doentes privados de banho por falta de água**

A crise de água no Centro de Saúde de Anchilo, distrito de Nampula, está a obrigar os doentes a abdicarem da higiene individual, sujeitando-os a contrairam doenças da pele como é o caso da sarna e micoses. Segundo dados da direcção daquele estabelecimento hospitalar, dos 11 120 litros de água que aquela unidade sanitária necessita diariamente para o seu funcionamento, apenas consegue mil litros, quantidade que acaba por ser priorizada à confecção de alimentos e lavagem da roupa hospitalar.

Raul Lázaro Atibo, director do centro e chefe dos serviços distritais da Saúde, Mulher e Acção Social, explicou que o sistema concebido para transportar a água de um furo subterrâneo fei-

to a cerca de um quilómetro dali, está avariado neste momento.

"O sistema já não aguenta pois, em três meses, tivemos igual número de avarias cuja reparação tem acarretado muitos custos" - referiu Atibo, para quem a saída encontrada para o problema, é o recurso ao transporte de água em bidões do Hospital Central de Nampula, que dista a vinte e dois quilómetros, para aquela unidade, um exercício que é feito pelo menos duas vezes por dia para lograr mil litros de água.

Segundo as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), cada pessoa necessita de pelo menos 110 litros de água por dia para atender às necessidades de consumo e higiene. */Wamphala Fax*

ZAMBÉZIA**Líderes comunitários envolvidos em actos de convivência com madeireiros furtivos**

Alguns líderes comunitários de determinados povoados de Mocuba, na Zambézia, estão a ser indiciados de actos de convivência com os madeireiros furtivos que de há alguns anos a esta parte devastam as florestas daquele distrito.

Pelo menos três daqueles chefes foram já afastados dos cargos em consequência das suas ligações com operadores ilegais do chourão de negócios de madeira.

Embora não haja dados concretos sobre o grau de delapidação deste recurso, estima-se que em certas zonas de Mocuba, como Mataia, a extração furtiva tenha atingido extensas áreas florestais e o número de árvores com diâmetro recomendável para o corte tenha se reduzido drasticamente ao ponto de agora os madeireiros

estarem mesmo a abater unidades com dimensões abaixo das autorizadas para o efeito.

Os alertas sobre a extração desenfreada de recursos madeireiros, concretamente na Zambézia, são antigos. Um dos mais recentes vem do Instituto Panos da África Austral, uma instituição lançada no país no ano passado, que há dias levou um grupo de jornalistas àquele ponto da província da Zambézia.

Maria Isabel Sebastião, chefe da localidade de Munhiba, onde se insere o povoado de Mataia, reconheceu que a zona está, realmente, a ser devastada por madeireiros furtivos, que se aproveitam das fragilidades existentes na fiscalização para os desmandos. */Jornal Notícias*

**INHAMBANE****Massinga recolhe armas das mãos de caçadores furtivos**

A Polícia da República de Moçambique (PRM), no distrito de Massinga, desencadeou uma operação de recolha de armas de fogo de calibre 12 e as respectivas munições, cartuchos adquiridos na África do Sul e cidade de Maputo, pelo facto de serem instrumentos letais e que atentam contra a ordem e segurança públicas.

A Polícia está a sensibilizar e mobilizar os portadores deste material bélico para, num certo prazo, fazerem a entrega voluntariamente. Neste período, a comunidade é chamada a colaborar com a Polícia não só na denúncia dos portadores de armas de fogo, como também na desactivação das respectivas "indústrias" de montagem destas armas.

Findo o período estipulado para se proceder à entrega voluntariamente, os portadores serão responsabilizados criminalmente por porte e uso ilegal de armas de fogo, além do seu fabrico não autorizado. */Jornal Notícias*

De acordo com o comandante distrital da Polícia, em Massinga, Acácio André Machava, as armas neste momento em poder da corporação foram recolhidas nas localidades de Marilane, Balata, Chicomo, Dimande e Muluguane.

O processo de recolha de armas de calibre 12 regista-se pela segunda vez em menos de cinco anos no distrito de Massinga. A primeira aconteceu em 2007, tendo sido recolhidas cerca de 1030 armas de fabrico caseiro.

Tratou-se de um marco marcante na história da agremiação, uma vez que desde a sua criação funcionou sem os seus órgãos sociais designa-

damente conselho de gestão, fiscal e da própria mesa da assembleia. Os seus membros tinham, em simultâneo, funções executivas e de fiscalização, o que dificultava, em grande medida, a necessária prestação de contas.

Mário Boane, eleito presidente daquela associação disse estarem assim criadas as condições para um desenvolvimento harmonioso, dinâmico e transparente na organização. O nosso interlocutor referiu que, com este acto, estavam criadas as condições para que a ADCR se possa adaptar à nova realidade, imposta pela conjuntura internacional. */Jornal Notícias*

estão a aparecer em grande número", disse Henrique.

Dados indicam que o país conta com cerca de 400 mil veículos, sendo que metade está concentrada na cidade e província de Maputo, dos quais apenas 90 mil que tinham sido inspecionados.

No centro do Zimpeto tinham sido inspecionados até ao momento 47782 veículos, enquanto que no centro da Matola foram inspecionados 42218 carros, deixando claro que a maior parte das viaturas ainda não se fez aos centros de inspecção. Notícias e Redacção

Editorial

averdademz@gmail.com

João Vaz de Almada

joao.almada29@gmail.com

PRM: Fonte inesgotável de matéria

A edição nº 136 do @ Verdade, que saiu à rua no passado dia 20 de Maio, foi dominada por um tema: o estado actual da Polícia da República de Moçambique (PRM). A instituição completava 36 anos e esse foi o pretexto para a elaboração de um dossier que ocupou, para além da capa, seis páginas no interior.

Trabalhos com uma dimensão e profundidade semelhantes a este fizemos só muito excepcionalmente. Estou a lembrar-me dos Heróis Moçambicanos, da Mulher Moçambicana, da Criança e da eleição de Barack Obama, o primeiro não-branco a conquistar a presidência norte-americana.

Há muito que tínhamos consciência da necessidade de se abordar, de uma forma séria e rigorosa, o tema da PRM, mas a sensibilidade do mesmo exigia um tratamento com pinças. Por isso demorámos tempo, mas não desistimos e o dossier foi publicado.

Nunca recebemos tanto "feedback" como nessa edição. A grande maioria elogiou-nos a coragem e a determinação em abordar esta problemática e, passado quase um mês, ainda estava a receber parabéns pela ousadia quando me cruzava com um conhecido na rua.

Nesse extenso dossier, falámos na corrupção no interior da instituição, na falta das placas de identificação, na impreparação geral dos agentes, na falta de meios, no caso dos agentes da FIR que espancaram brutalmente seguranças da empresa G4S que reclamavam o pagamento de salários em atraso, nos relatórios internacionais que dão conta de que o maior violador dos direitos humanos no nosso país é a polícia, num caso de um agente que violou um cidadão na Zona Verde e nas queixas dos cidadãos em geral em relação à actuação da polícia.

Dirão os leitores que só conseguimos descortinar aspectos negativos. Não é verdade. A polícia, como qualquer outra instituição, também possui, seguramente, aspectos positivos, mas os negativos são tantos e tão gritantes que ofusciam completamente os outros. Infelizmente, esta é a realidade e a realidade não pode ser escamoteada.

Senão vejamos: depois disto – lembro que ainda só passaram 40 dias! – já tínhamos, como se costuma dizer, pano para mangas, para elaborar outro dossier PRM. Desde as nossas experiências pessoais (apreensão do cartão da máquina fotográfica do nosso fotógrafo que registou uma violação de uma rapariga por parte de agentes da PRM nas Barreiras e da confiscação de um portátil ao nosso redactor “porque andam a desaparecer muitos computadores dos escritórios”), passando pelas ameaças do seu mais alto responsável para quem se manifeste na rua e pelos julgamentos na praça pública de supostos ladrões numa clara violação da Constituição – a lei máxima do país – no que diz respeito à presunção da inocência, até aos doze detidos esta semana por furto a um cidadão sul-africano (sob a ameaça de armas de fogo roubaram-lhe quatro mil randes e, não contentes, ainda o forçaram a efectuar um levantamento de oito mil meticais no ATM). A esta polícia tudo é permitido.

Por conseguinte, como podem constatar pela amostra, matéria para outro dossier não nos falta. Se em matéria de histórias fosse tudo como a PRM, garantir-vos que a sobrevivência do jornalismo estava assegurada.

“Se as suas afirmações não estivessem gravadas, nós éramos capazes de duvidar da sua existência”
Editorial do Magazine Independente em reacção às declarações do Ministro do Interior, Alberto Mondlane.



Boqueirão da Verdade

“(...) depois de todos esses anos - 6 e pouco - a conviver com ele, chego a uma constatação que a diferença entre ele (Guebuza) e Dhlakama é igual num ponto: ambos gostam de relaxar no campo, deixando a cidade e gostam de banhos de multidões. Só assim é que se sentem líderes. Ao assim proceder, deixam assuntos candentes nas mãos de “míudos” e colaboradores, para lidar com as batatas quentes da cidade”, Egídio Raposo in facebook

“É que nos dias de hoje, política faz-se nas cidades, onde há massa crítica. Ora, ao abandonar a cidade para o campo ou para Nampula, eles furtam-se ao calor intenso do debate de ideias. Alguns dirão que eles andam sempre informados. Sim, pode ser verdade, mas é diferente que enfrentá-lo. E isso não minimiza o facto de essas presidências abertas e inclusivas trazerem mais vantagens políticas para a Frelimo que para o povo em geral”, idem

“(...) a ausência de clarividência do que é segredo do Estado do que não é abre franquias para a promiscuidade entre segredo do Estado e segredo do dirigente do Estado, sendo que o segredo de Estado compreende também aos podres e escândalos dos diri-

gentes do Estado. Esta é uma prova de que os nossos impostos são a “cantina”, a machamba, a barraca, a banca de rebuçados de enriquecimento dos altos representantes do Estado”, **Elísio Muendane in Canal de Moçambique**

“Quem se admira com as histórias reportadas pelo WikiLeaks, em que aparecem ‘grandes senhores’ relacionados com o tráfico, inclusivamente de drogas, perante este quadro pode continuar admirado?” Idem

“A outra grande incompatibilidade que nos parece inclusivamente escandalosa é que entre os donos da “Kudumba” há importadores. Sendo os seus próprios serviços (scanners) para fiscalizar, pode-se crer com toda a legitimidade que as suas próprias mercadorias não sejam sujeitas, com rigor, às mesmas regras e controlo que o Estado deve assegurar”, Editorial do Canal de Moçambique

“(...) temos aqui um ministro em três momentos distintos. No primeiro reconhece que violou a lei. No segundo retrato, recusa-se a corrigir a violação, refugiando-se numa explicação esfarrapada de tipo ‘não falta muito para ele ter a licenciatura’”, idem

Editorial do Magazine Independente

“(...) Se o Procurador da República tem provas ou desconfia das fortunas de alguns deles (investidores na área imobiliária), então que mande prender os suspeitos, mas não deve generalizar nem criar pânico. Ao Procurador da República não compete fazer ilações didáticas. Não continuemos a pôr areia grossa na cara do povo, levantando problemas que não são problemas. Este é o tempo de agir senhor Procurador Geral da República”, Editorial do Público

“Mas a lei não diz para nomear pessoas que estão quase a ter licenciatura, a lei estabelece a licenciatura como requisito para aceder ao cargo. Não é aceder primeiro para depois procurar a licenciatura. É o inverso. É ter a licenciatura primeiro para aceder ao cargo depois. Está lá no Decreto e não foi inventado por nenhum de nós. Foi o Conselho de Ministros que assim deliberou. E, deste modo, ficamos a saber que, afinal, no seio do próprio Conselho de Ministros há dirigentes, como Alberto Mondlane, que possuem em entendimento vulgar e de senso comum sobre a própria legislação produzida por aquele órgão de soberania”, idem

OBITUÁRIO: Abdul Kader Asmal 1934 – 2011 – 76 anos



Abdul Kader Asmal, uma das figuras-chave da luta contra o apartheid na África do Sul e arquitecto da jovem democracia no país – integrou o governo de Nelson Mandela saído das primeiras eleições multirraciais – morreu no passado dia 22 de Junho de ataque cardíaco. No twitter podia ler-se a seu respeito: “Kader Asmal era um homem íntegro e corajoso.” Contava 76 anos.

Kader Asmal nasceu a 8 de Outubro de 1934, em Stanger, KwaZulu-Natal. Ainda na escola, conheceu o primeiro Nobel da Paz sul-africano, Albert Luthuli, que rapidamente se converteria em seu mentor e amigo. Este conhecimento foi a chave para o seu despertar político.

Quando chegou a altura de tirar um curso superior Kader foi para Londres, ingressando na London School of Economics, trabalhando depois como professor e advogado especialista em direitos humanos em Inglaterra e na Irlanda. Empenhou-se em campanhas cívicas a favor da Palestina e da Irlanda do Norte, ao mesmo tempo que liderava o movimento anti-apartheid no exterior.

Em 1990, aproveitando os ventos da mudança, resolve voltar para a África do Sul, sendo eleito para o comité executivo do ANC. Em 1993 está presente nas negociações que puseram fim ao apartheid e, em 1994, Mandela chama-o para a pasta dos Recursos Hídricos e Florestais no primeiro governo do ANC saído das eleições de Abril desse ano. Em 1996 vence a medalha de ouro instituída pelo World Wide Fund for Nature pelo seu empenho na conversão ambiental.

Em 1999, após o abandono de Nelson Mandela, integra o governo chefiado por Thabo Mbeki mas agora com a pasta da Educação. Em Outubro de 2007, acaba por abandonar a política activa em protesto contra o desmantelamento pelo governo do ANC da unidade especial de investigação criminal “Escorpiões”, que era dependente da Procuradoria e que tinha processado vários membros da elite política no poder por corrupção e negócios ilícitos.

SEMÁFORO

VERMELHO – Alberto Mondlane



Se cometer uma grosseira violação da lei já não é nada bom numa pessoa com as responsabilidades do ministro do Interior, insistir deliberadamente nessa violação excede tudo. Semáforo refere-se à nomeação de Carlos Rungo para Director Nacional da Polícia de Investigação Criminal (PIC) o que constituiu, e constitui, uma flagrante violação da lei, uma vez que para se ocupar aquele cargo é necessário que o seu titular possua o curso superior de Direito, requisito que Rungo não preenche. O pior foram as declarações do ministro ao dizer que “não falta muito para ele [Rungo] ter a licenciatura.” Até lá não faz mal: viola-se a lei.



AMARELO – Maria da Luz Guebuza

A nossa primeira-dama parece também andar muito preocupada com a paz, alinhando pelo diapasão oficial. A semana passada, numa visita ao distrito da Manhiça, na província de Maputo, a esposa do Presidente da República pediu às autoridades locais que dissuadam os jovens a manifestarem-se porque isso pode prejudicar o desenvolvimento do país, uma vez “que elas (as manifestações) destroem as nossas conquistas”. Semáforo pergunta: Quais conquistas?



VERDE – Tribunal Penal Internacional (TPI)

Depois do mandado de captura emitido contra o Presidente Omar el-Bashir – procurado desde 2009 por genocídio – agora a mesma sorte bate à porta de outro ditador do continente: Muammar Kadafi. Para além de Kadafi, duas outras personalidades do regime líbio estão igualmente a contas com o TPI. São elas Seif Al-Islam, filho de guia da revolução, e o chefe do serviço da secreta, Abdallah Al-Senoussi. Kadafi, seu filho e o chefe do serviço de informação líbio são suspeitos de crimes contra a humanidade após o início da revolta popular na Líbia, em 15 de Fevereiro. Segundo o procurador, o conflito no país já deixou milhares de mortos. Estimativas da ONU apontam que cerca de 650 mil líbios tiveram de deixar o país.



Escrutínio Escolar d'@Verdade

| Francisco Joaquim Pedro
| Cronista

Passava uma dúzia de dias depois de ter recebido o meu tardio salário 'márgo de alimentar passarinho' quando numa dessas sextas-feira frias de Junho, depois de uma jornada laboral, já a desligar o computador do trabalho e a arumar as pastas, descobri-me sem os importantes cinco metacais para pagar ao cobrador do chapa que me levaria à casa onde lavar-me, comer e descansar chamavam por mim. Não tinha nem sequer moeda de cinquenta centavos que um possível cobrador destraído confundiria com a moeda de dez metacais por causa da cor de bronze. De onde viria a minha ajuda se os meus colegas haviam todos se ido embora? Costumo ser o último a sair. Lá estava o guarda noturno no

portão. Aproximei-me com a vergonha vencida pela necessidade de chegar à casa.

- Viva colega!

- Viva, eh viva chefe Txhukelani! – Respondeu curvado como se falasse com o seu patrão. A forma como me tratava e o fato que eu trajava diminuíram-me a coragem de pedir a desrespeitável quantia que se entrega a um cobrador de chapa em pagamento pelo troço 'Museu/P.Combatentes'. Mas a necessidade de chegar à casa reforçava a coragem de mendigar. Já me refreava para pedir a tão fundamental esmola.

- Tudo bem contigo colega?
– Fi-lo como forma de preparar o tipo para suportar

a perda de cinco metacais que lhe seriam úteis.

- Estou mal 'boss', – disse ele – preciso de moedas para comprar cigarros, a noite é longa 'boss' e faz frio, só tenho um cigarro, conto com a sua ajuda, – acrescentou, enchendo-me de desânimo – só uns dez metacais chefe – rematou.

Fiquei mudo, quase estátua, não esbocei nem um gesto, era como se um fio de electricidade tivesse sido ligado às minhas veias. Precisei de longos minutos para arranjar uma saída.

- Mostra-me o cigarro que tens – pedi para começar a manipular, a fim de me safar da crise.

- Está aqui 'boss' – corres-

pondeu, exibindo uma unidade de cigarro, de marca GT, talvez 'General Tobacco' seja o significado da sigla, pois há uma indústria de produção de cigarros com essa designação.

- O que é que está escrito aqui no teu cigarro? – Perguntei indicando uma frase grafada ao longo do comprimento do GT, a marca que veio revolucionar a fumaça, salvando os de poucas posses da compra do PALMAR, entre outras marcas caras.

- Fumar é um risco para a saúde – leu o guarda.

- Não te vou colocar em risco de saúde. Dar-te-ia moedas. O meu conselho é que deixes de fumar – disse as últimas palavras em forma

de brincadeira e a apertar-lhe a mão, ao que ele foi simpático e correspondeu com um riso desmedido, talvez com vergonha. Eu sentia mais vergonha que ele, mas o que importa é que me safei.

- Ah ah ah Txhukelani, pá!
– Apertava-me a mão com mais força, até parecia que lhe soltei cigarros para milhares de noites.

Manifestei a necessidade de lhe largar a mão para tirar o telefone do bolso, a isso ele correspondeu. Fingi estar a efectuar uma chamada. Saí para uma meia distância com o celular posto no ouvido e comecei a conversar sozinho. Simulei uma preocupação de ter que encontrar alguém que, durante a conversa fantas-

ma, supunha esperar-me na paragem. Ainda com o celular no ouvido, levantei a mão em gesto de despedida ao guarda e saí às pressas, fazendo-me de esquecido quanto ao pedido de cigarros.

Decidira percorrer a pé os razoáveis quilómetros da minha estrada para casa. A sola de sapato mostrava-se prejudicada pelos inermináveis movimentos dos pés.

- kho, kho, kho... – sofria o meu sapato.

Concluí que mais iria gastar pagando os serviços de um sapateiro do que pagando os serviços de um cobrador.

- Oh, paciência – disse eu em pensamentos...

SELO D'@Verdade

averdademz@gmail.com

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO NA ILHA DE MOÇAMBIQUE

Foi publicado pelo vosso jornal um artigo escrito por mim relativo à venda de património arqueológico da Ilha de Moçambique com o título "E lá Foi leiloado O Património da Ilha de Moçambique". É de louvar a iniciativa, que agradeço.

A intervenção da Arqueonautas nesse local começou em 1998 – 99, com trabalhos de prospecção em zonas onde a Universidade Eduardo Mondlane se encontrava na altura a trabalhar, devidamente licenciada. Por "coincidência", o naufrágio, cujas peças foram vendidas no leilão da Christie's de Amesterdão e no Ebay, era um dos principais que a Universidade tinha localizado e em que se encontrava a efectuar trabalhos. Naufrágio este que inclusivamente foi divulgado pela Televisão de Moçambique em 1997. A empresa Arqueonautas que se encontrava activa no norte de Moçambique desde 1995, em trabalhos arqueológicos, sem apresentar quaisquer resultados, deslocou-se então para a Ilha de Moçambique obtendo para o efeito uma licença em Outubro de 1998, se não me falha a memória.

As escavações intensivas de recuperação selectiva de objectos arqueológicos efectuados pela Arqueonautas, no local, decorreram a partir dos inícios de 2001, seguindo-se operações sistemáticas todos os anos entre este ano e 2008 e continuando activa na região efectuando trabalhos de escavação e recuperação até ao presente.

Os relatórios divulgados pela própria Arqueonautas referentes a estas intervenções são esclarecedores quanto aos objectivos de natureza comercial com que actua, (www.arp-publications.com) e uma inspecção feita logo nos inícios da sua actividade por arqueólogos da Universidade Eduardo Mondlane, a pedido do Ministério da Cultura, apontou os seus erros e deficiências.

Temos assim sérias ressalvas relativamente à natureza dos trabalhos da Arqueonautas e os seus resultados do ponto de vista científico e cultural e benefícios para o enriquecimento da História de Moçambique e da região. Acrescento ainda que não estamos devidamente informados e temos reservas quanto ao currículo científico e as graduações académicas do Sr. Sandizel e outros arqueólogos que actuam em nome da Arqueonautas.

Devido ao facto de esta empresa ter actuado em regime de monopólio numa área tão relevante, tão extensa e por tanto tempo, destaca-mos a importância de efectuar um levantamento da situação.

Não é correcto que se mantenha este monopólio da Arqueonautas. É essencial criar condições e mecanismos para que outras instituições fundamentalmente nacionais, como é o caso do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, tenham a oportunidade de realizar pesquisas arqueológicas na Ilha e em tão extensa região de Moçambique.

O Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane e os arqueólogos moçambicanos, apesar dos parcisos recursos e baixo salário, têm efectuado importantes trabalhos do ponto de vista científico e cultural: foram publicadas livros e artigos científicos e de divulgação; foram apresentadas comunicações em conferências internacionais; foram descobertas e estudadas importantes estações arqueológicas, foram formados arqueólogos alguns com graus elevados de formação em universidades estrangeiras; e foi criada a licenciatura em arqueologia.

Relativamente às considerações do Sr. Sandizel, na sua resposta ao artigo publicado pelo vosso jornal, não posso deixar de apresentar a minha opinião e responder às perguntas por ele colocadas através deste órgão de informação.

Refere-se o Sr. Sandizel a pilhagens na Ilha, que ocorreram desde os anos de 1997/98 até 2004. Estará ele esquecido que no período em questão quem estava a actuar em regime de exclusividade na zona era a própria Arqueonautas? Sobre este assunto é importante esclarecer que a última campanha arqueológica da Universidade Eduardo Mondlane na Ilha (que foi dirigida por mim) foi realizada em Fevereiro de 1998. Nessa altura os depósitos arqueológicos em causa estavam em condições aceitáveis de conservação e não tivemos conhecimento de que estivesse a ser levada a cabo qualquer pilhagem no local!

Se, como afirma o Sr. Sandizel, os artefactos foram roubados na sua totalidade entre 1998 e 2004, parece então, que não terá sido muito efectiva a licença "para a protecção da herança

marítima nacional ao largo da Ilha de Moçambique" dada pelo Governo à Arqueonautas, com exclusividade, a partir de 1998.

Afirma o Sr. Sandizel que os guias locais vendiam, na altura, os artefactos históricos subaquáticos aos turistas, mas podemos garantir ao Sr. Sandizel que ainda hoje continuam a ser vendidos na ilha artefactos do mesmo tipo! Isto após 14 anos da actividade de "protecção da herança marítima nacional ao largo da Ilha de Moçambique" por parte da Arqueonautas!

Quanto aos dois presumidos grupos de caça ao tesouro que operavam ilegalmente na Ilha até ao ano 2000, sem qualquer licença, acho pouco fundamentadas e credíveis as afirmações do Sr. Sandizel mas, dando crédito às suas afirmações gostaria de saber, por exemplo, se o "grupo luso/sul-africano organizado por um Sr. Amaral" se refere a Carlos Amaral Dias que montou uma empresa de mergulho na Ilha "Dugongo Diving" e que até desconfio ter colaborado com Arqueonautas na Ilha de Moçambique?! A verdade é que nunca me constou que este senhor tenha efectuado pilhagens arqueológicas.

Relativamente ao relatório dos trabalhos que efectuei na Ilha de Moçambique, o mesmo será apresentado quando for dada a oportunidade de terminar o respectivo projecto de investigação, precocemente interrompido. Relembro que as investigações foram suspensas logo no seu início, e tal foi devido ao contrato assinado entre o Governo de Moçambique e a Arqueonautas SA.

Ao contrário da descabida, ridícula e até ofensiva afirmação do Sr Sandizel, quanto a um objecto abandonado à porta do museu, devo salientar que são centenas os objectos de arqueologia e etnografia que pessoalmente recolhi e que hoje fazem parte do espólio do Serviço Nacional de Museus de Moçambique, instituição que organizei e dirigi durante muitos anos, assim como das colecções do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane. Por que razão iria então abandonar um objecto à porta de um museu?

Não tenho qualquer veleidade em afirmar a minha competência técnica e científica ou de me comparar às presumíveis e autoproclamadas competências do Sr. Sandizel e a sua equipa

quanto a conhecimentos científicos e técnicos relativos à conservação de objectos arqueológicos. O meu trabalho realizou-se como Investigador da Universidade Eduardo Mondlane, uma instituição do Estado moçambicano que me contratou considerando obviamente apropriadas as minhas qualificações profissionais para o efeito, foi aliás no âmbito dos programas de formação de quadros técnicos dessa Universidade que tive a oportunidade de me qualificar profissionalmente para servir o meu país tarefa que tenho levado a cabo há mais de trinta anos. Já estou no entanto habituado a estas atitudes de desprezo e paternalismo, para com os investigadores e instituições moçambicanas, por parte de pseudocientistas estrangeiros que "tudo" sabem.

Quanto à pergunta "quem pagou a sua expedição de 1997/98?", se o Sr. Sandizel se refere às investigações que realizei na Ilha no âmbito das actividades da Universidade Eduardo Mondlane (aliás as únicas que realizei no local) poderá o Sr. Sandizel dirigir-se à administração da UEM onde será certamente informado sobre como foi custeada a actividade do Departamento de Arqueologia e Antropologia daquela instituição do Estado durante os anos a que se refere.

Quanto à pergunta "porque não tomou na altura o Sr. Teixeira Duarte as medidas apropriadas para proteger a importante herança cultural e marítima ao largo da Ilha de Moçambique?", respondo-lhe que a minha actividade e da Universidade Eduardo Mondlane não era a de proteger essa herança de pilhagens etc... mas sim de realizar um trabalho de investigação arqueológica. A respectiva licença foi atribuída para esse fim e não para fiscalização e segurança, tarefa da competência das autoridades marítimas.

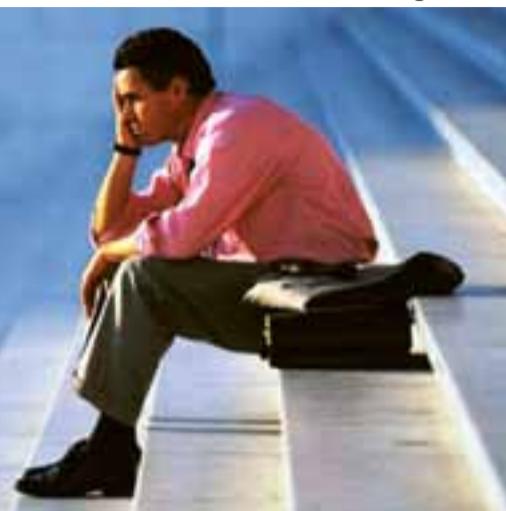
Seria bom, continuar a debater este assunto e esclarecer todas estas questões e eventuais duvidas que persistam, de modo que os leitores do Jornal @Verdade sejam bem informados sobre esta importante questão.

E, mais uma vez, muito obrigado aos editores deste importante órgão de informação por esta oportunidade de informar e esclarecer o público.

Ricardo Teixeira Duarte

Helénicos à beira de um ataque de nervos

Depressão económica, desemprego: há mais de um ano que os gregos vivem na tormenta. A longo prazo isto afecta a sua saúde mental, diz um estudo recente.



Há dois anos, um homem de 35 anos começou a sentir dores no estômago e no peito. Também tinha dores de cabeça. Foi ao médico, que lhe recomendou uma bateria de análises. Os sintomas revelaram-se todos psicossomáticos. Foi a psicóloga Asimina Christopoulos que diagnosticou: "O paciente estava num estado de intensa ansiedade prolongada. Cheio de medos". A empresa onde trabalhava tinha anunciado despedimentos e vivia no pânico de perder o emprego.

A ansiedade face ao desemprego, a precariedade e o clima social têm um significativo impacto psicológico, às vezes grave, nas pessoas. O medo é um reflexo natural útil perante o perigo. Mas pode tornar-se perigoso, se perdemos o controlo. É o que parece estar a acontecer hoje na Grécia. "O facto de não podermos reagir amplifica o stress e o medo", conclui Asimina Christopoulos.

Desde o início da crise económica e das medidas de austeridade que se lhe seguiram, são as classes médias e desfavorecidas as mais afectadas psicologicamente. "Mas os mais abastados também estão preocupados", afirma Ilia Theotoka Chrysostomidis, especialista de psiquiatria da Universidade de Atenas. "Os problemas de ansiedade, as depressões, as

crises de pânico, os distúrbios do sono e as tentativas de suicídio aumentaram. E isso preocupa-nos a todos." Encontrámos algumas dessas pessoas duramente afectadas pela crise:

Voltar à casa dos pais

Tassos Varounis, agrônomo. Tem 32 anos e está desempregado há quinze meses. Nos últimos cinco anos, Tassos trabalhou em vários institutos públicos com contratos a prazo. Até ao início da crise viu sempre os seus contratos renovados; agora, apesar de já ter enviado dezenas de cartas e currículos não encontra trabalho. "Tenho medo que a minha vida esteja a andar para trás." Aos 32 anos teve de trabalhar como empregado de mesa: "Era o trabalho que fazia para ter algum dinheiro quando era estudante. Tive de mudar para um apartamento mais pequeno, que partilho com um antigo colega de escola, enquanto antes vivia sozinho. No meu sector ninguém está a contratar. Nestas circunstâncias, não consigo ver a luz ao fundo do túnel. Estou seriamente a pensar voltar a viver em casa dos meus pais, mas o meu sonho era formar família com a minha companheira. O mais triste é que as pessoas à minha volta atiram as culpas para cima uns dos outros. O sector privado contra os

funcionários, os gregos contra os emigrantes, a nova geração contra a anterior. A nossa sociedade está dividida, ao invés de ficar unida para encontrar uma solução para a crise."

Solução é... o voluntariado

Fotini Mermuga, engenheira. 25 anos. Em Setembro licenciou-se em Engenharia Civil na Universidade de Tessalônica. Já enviou dezenas de currículos e foi a inúmeras entrevistas de emprego. Sem resultados. Agora tem medo do futuro. "Ao início procurava um emprego na minha área de formação em empresas de construção ou gabinetes de engenharia. O tempo passava e só recebia recusas... Comecei a procurar pequenos biscoitos: assistente comercial, empregada de mesa, assistente de telemarketing... mas até aí as respostas foram negativas. Finalmente, a única proposta que recebi foi de um trabalho não remunerado numa empresa de construção." Desapontada, Fotini faz parte dos jovens gregos que só têm um objectivo: partir. "A minha maior deceção é que os empregadores nunca poderão aproveitar os meus conhecimentos e o esforço que fiz para terminar os estudos. Estou condenada, nos próximos anos, a aceitar biscoitos para sobreviver. A minha única esperança é

abandonar o país, uma opção impensável há cinco anos."

Trigêmeos e ... 800 euros

Dimitri Theodoridis. "Todas as manhãs acordo com o mesmo pânico. Onde vou trabalhar hoje?" É a pergunta deste homem de 55 anos, desde há quatro a trabalhar na câmara municipal de Atenas com um contrato a prazo. Dimitri está, como milhares de outros funcionários, nesta situação; os que foram contratados há mais de três anos interpuíram um recurso no tribunal de Atenas para que os seus contratos fossem transformados em contratos sem termo. Para ele, a angústia é amplificada pelo medo de não conseguir satisfazer as necessidades da sua família, que recentemente aumentou com o nascimento de trigêmeos. "A minha mulher é professora numa escola privada. É remunerada à hora. No Verão não trabalha. O meu salário é de menos de 800 euros. As fraldas e a comida dos bebés custam entre 500 e 600 euros por mês. Imaginem se, depois disto, ainda perco o emprego! Com esta crise tenho a certeza de uma coisa: se perco o emprego, com esta idade, não consigo encontrar trabalho."

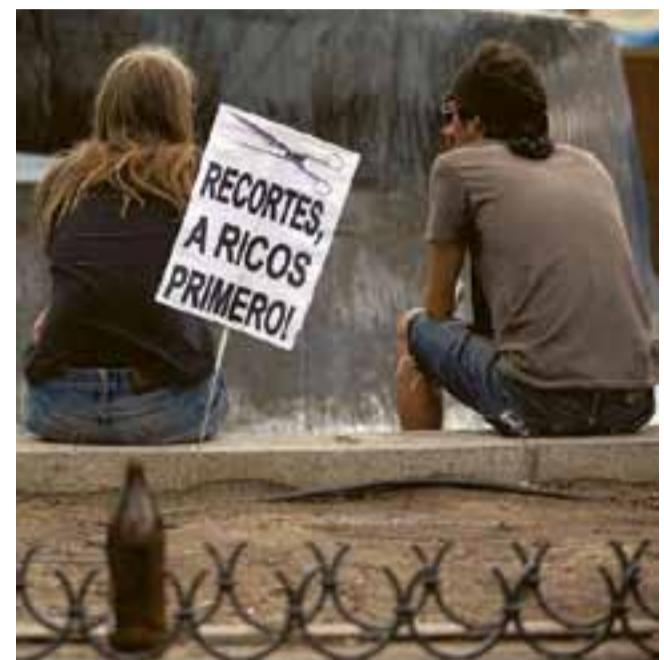
Fomos invadidos por prostíbulos

Anna Vayena, actriz. Viveu sempre no centro de Atenas, mas agora tem medo de aí passear. Há já uma década que esta actriz faz avisos sobre a degradação das condições de vida em Atenas. Prevê o pior e actualmente considera que "o pior já chegou". "Todos os dias assistimos ao tráfico de drogas e vemos as suas vítimas. No passeio da avenida Piraeus, nas suas adjacências... São os africanos que gerem este tráfico e também a prostituição. Fomos invadidos por prostíbulos", afirma. No entanto, a repressão não é a resposta. A prevenção sim. Mas quem se preocupa com a prevenção em tempos de crise?

Oiçam a voz das praças espanholas!

A democracia espanhola está com problemas. A indignação manifestada pelos jovens nas praças é sintoma disso. E pode ser um primeiro passo para a mudança.

Texto: Jornal El País • Foto: Susana Vera/REUTERS



Agora que o mal-estar se transformou em indignação, falta fazer o mais difícil: transformar a emoção em ação política. Alguns dizem que é impossível, que a indignação e a política não andam de mãos dadas e que a indignação só conduz à frustração. No entanto, a história está repleta de exemplos que atestam o contrário: onde estariam os movimentos dos direitos civis afro-americano sem as mobilizações da década de 1960? Que se teria passado nas repúblicas soviéticas sem a indignação que levou tanta gente às ruas? Sem as manifestações populares, as tropas espanholas ainda estariam no Iraque. A indignação é, muitas vezes, o precursor de mudança ou transformação política. Vimos isso recentemente nos países árabes.

Após três anos de crise, as primeiras expressões de indignação surgiram em Espanha. Como esconder o desconforto quando a situação é explosiva? 20% de desempregados – 43% entre os mais jovens. Estamos prestes a deitar borda fora toda uma geração, com terríveis consequências no futuro do país, sem que ninguém mexa uma palha.

Foram avançadas muitas explicações para esta passividade: o salário ainda permite às classes médias e a parte das classes baixas proteger os filhos; o medo, omnipresente numa sociedade sem horizontes, onde os indivíduos têm medo de perder os seus bens; o bem-estar dos últimos anos provocou uma mudança cultural e instou as pessoas a adoptarem posições mais conservadoras; o martelar do discurso sobre a crise faz as restrições serem aceites com resignação.

Podemos acrescentar uma outra explicação: a ênfase dada por José Luis Rodríguez Zapatero à política social, durante os primeiros dois anos da crise, serviu de antídoto à rebelião.

Esse efeito dispersou-se, desde que Zapatero, sob pressão dos mercados, mudou de discurso, há um ano, na altura em que a crise começou a ter repercussões nos bolsos dos espanhóis. O chefe do Governo caiu nas sondagens e o desconforto foi finalmente capaz de se expressar e mobilizar a sociedade. Em Espanha, as desigualdades aumentaram exponencialmente, aproximando-se da fronteira a partir da qual surge a ameaça de colapso social.

Nunca a política se submeteu tanto aos desígnios da economia

No combate entre o poder económico e o poder político, a economia tem sempre tido vantagem, mas, nesta crise, a submissão da classe política foi tão flagrante que é hoje difícil considerá-la um factor favorável ao interesse geral. Juntemos a isto a sanitificação jurídica dos poderosos e o atrevimento das finanças mundiais que obrigam os contribuintes a pagar pelos seus erros, enquanto divulgam descaradamente os seus ganhos. Por isso, é fácil entender a irritação dos cidadãos.

O Governo perdeu qualquer capacidade de entender o mal-estar social. A oposição (Partido Popular) contenta-se com a estratégia de "quanto pior, melhor", apostando no regresso ao poder e não na resolução dos problemas. O bipartidarismo – específico dos países com maiores desigualdades sociais – limita perigosamente a margem de manobra dos cidadãos. É lógico que se sintam enganados e que a ideia da democracia confiscada se propague.

Curiosamente, os cidadãos que agora manifestam a sua indignação reclamam o mesmo que os países árabes: mais democracia. Eles não a têm, nós sim. Mas sinais claros da sua deterioração são evidentes. É preciso reanimar a chama da democracia para bem dos cidadãos e dar-lhes algo mais palpável do que uma eleição de quatro em quatro anos.

Líbia: campanha da NATO assinala 100 dias de ataques aéreos. E vai continuar a contar

12 347 surtidas da aviação desde o início da Operação Unified Protector. A crise humanitária no país de Kadhafi continua sem fim à vista.

Às seis horas da manhã de 23 de Março, os aviões da NATO entraram na Líbia para impedir que o regime de Muamar Kadhafi continuasse a recorrer a meios aéreos para reprimir os opositores do seu regime. No final do mesmo mês, as operações da coligação internacional formada pela França, Reino Unido e Estados Unidos deram lugar à Operação Unified Protector da NATO. Ontem, assinalaram-se 100 dias desde que a Aliança Atlântica assumiu o controlo das operações na Líbia.

Desde que a resolução 1973 foi aprovada, a 17 de Março, a ONU foi transferindo de forma gradual para a Aliança Atlântica o comando militar da intervenção. "Se o regime de Kadhafi pensa que a determinação e a unidade internacionais sobre isto não estão realmente a avançar, terá uma grande surpresa", afirmou, na altura, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, William Hague. A primeira medida da ONU foi a imposição de um embargo naval e de uma zona de exclusão aérea como reacção aos ataques de helicópteros do regime líbio contra aqueles que, instigados pelo que se passava na Tunísia e no Egito, pediam reformas a Kadhafi, há 42 anos no poder.

A controversa acção bélica - agora ainda mais controversa do que há 100 dias, depois de sucessivos ataques falhados que resultaram na morte de civis - atingiu, segundo números oficiais da

NATO, 795 dos alvos pretendidos, com maior pressão em Trípoli, em Misrata e nas montanhas de Nafusa, a sul da capital. A eficácia dos bombardeamentos, distribuídos por um total de 12347 surtidas, incluindo cerca de cinco mil missões de ataque, continua ínfima mesmo com o recurso a helicópteros que permitem um voo mais baixo e, portanto, mais certeiro. Na semana passada, em menos de 24 horas, dois ataques da NATO mataram pelo menos 24 civis, em Sorman e em Trípoli. No domingo, o regime líbio deu conta de um terceiro ataque da NATO, desta vez em Brega, que resultou na morte de 15 civis, mas a Aliança desmentiu que existam vítimas não-militares do bombardeamento.

Quanto ao líder líbio permanece irredutível no cargo que ocupa desde 1 de Setembro de 1969, embora tenha visto o seu círculo do poder diminuir à medida que ministros e alguns altos cargos do exército desertavam. Na semana passada, 22 membros das forças de segurança abandonaram Kadhafi e denunciaram que lhes foram dadas ordens para não tratar os rebeldes capturados da mesma forma que os prisioneiros regulares.

Abdurrahman Shalgam, um antigo ministro líbio dos Negócios Estrangeiros, bastante próximo de Kadhafi, deixou também o país por não concordar com as medidas tomadas pelo regime para

controlar a insurgência rebelde. Shalgam afirmou em entrevista ao "Corriere della Sera", na quinta-feira, que o coronel está a negociar a possibilidade de lhe ser dado asilo num país africano ou na Bielorrússia. "Penso que deixará a Líbia em poucas semanas, duas ou três no máximo", assegurou Shalgam ao jornal italiano. O ministro da Defesa dos rebeldes, Jatal el-Digheily, disse ontem à ABC que "o que temos vindo a saber pelos desertores é que os apoiantes de Kadhafi são cada vez menos. As pessoas próximas a ele estão a abandoná-lo e o seu círculo íntimo fica menor a cada dia que passa".

A incerteza sobre o futuro político da Líbia continua a pairar sobre Trípoli, mas a grande preocupação continua a ser a instabilidade e a falta de recursos que está a provocar uma crise humanitária no país. A organização humanitária Save the Children divulgou ontem que maior parte dos dois milhões de crianças líbias não estão a assistir a aulas desde o início do conflito, já que as escolas estão fechadas, e que uma em cada dez mostram sintomas de stress pós-traumático. Cerca de 650 mil refugiados deixaram a Líbia para escapar à violência, em direcção à Tunísia, Egito ou Europa através da ilha italiana de Lampedusa, que recebeu até agora pelo menos 12 mil refugiados. Nem todos são de nacionalidade líbia - cerca de 3500 são emigrantes da África subsariana que se vêm obrigados a fugir.

Texto: Jornal

O Tribunal Penal Internacional (TPI) anunciou, durante uma audiência pública em Haia (Holanda), que lançou uma ordem de prisão contra o dirigente líbio Muammar Kadafi, por crimes contra a humanidade cometidos na Líbia desde 15 de Fevereiro.

MUNDO

COMENTE POR SMS 821115

'Está? Sou um terrorista islâmico!'

A linha directa aberta pelos serviços secretos alemães está a ter um eco limitado junto dos extremistas que queiram mudar de vida.

Texto: Jornal Süddeutsche Zeitung • Ilustração: Antoni Ribeiro Martins

Basta um simples telefonema. Qualquer jihadista que decida renunciar à violência só tem de levantar o auscultador. Em Julho de 2010, a Agência Federal para a Protecção da Constituição (dos serviços secretos alemães) passou a disponibilizar para este efeito a linha aberta HATIF. Trata-se de "um programa de ajuda a quem queira abandonar o extremismo" e pretende, especificamente, combater a violência de inspiração islâmica. As críticas chovem desde que foi criado: os especialistas do Islão e da segurança do território entendem que este dispositivo tem um alcance demasiado limitado e que não deveria ser gerido pela Agência Federal.

Quase um ano depois, o balanço não é brilhante. HATIF significa "telefone", em árabe. Se telefonarem para este número gratuito, amigos dos extremistas podem obter aconselhamento, caso um dos seus conhecidos esteja a ser arrastado para os meios radicais. A agência informou

que os seus especialistas facultam conselhos em alemão, turco e árabe. Estabelecem os contactos com a administração e dão apoio às pessoas que se sintam ameaçadas por antigos "correligionários" dos meios extremistas.

Segundo esta agência, existem na Alemanha cerca de 30 associações islâmicas, que corresponderão a 36 mil pessoas. Só um pequeno número dessas pessoas é tida como susceptível de recorrer à violência, garante um porta-voz do serviço. Porém, o problema que se coloca é o seguinte: qual será o extremista que vai procurar ajuda junto da Agência Federal para a Protecção da Constituição? O Ministério do Interior da Baviera também tem uma opinião crítica acerca da linha HATIF. "Os islamitas fanáticos não consideram as instituições dos 'infíéis' como instâncias a que possam recorrer", sublinha um estudo dedicado ao islamismo, publicado na Baviera no Outono de 2010.



Trazer de volta as ovelhas desgarradas

O Centro para a Cultura Democrática (ZDK, uma associação que combate os extremismos) lamenta que a HATIF tenha sido criada com base no mesmo princípio que o programa de ajuda aos arrependidos da extrema-direita, posto em prática em 2001 pela Agência Federal: também nesse caso, os neonazis telefonam para um número para receberem aconselhamento especializado. Bernd Wagner não recomenda a ninguém que recorra à HATIF. Ele próprio chefia o serviço de aconselhamento do ZDK (Exit), financiado por fundos federais e destinado aos extremistas neonazis que querem abandonar a violência. "Nunca recorreria à Agência Federal para a Protecção da Constituição porque, muitas vezes, esse serviço só pretende obter informações sobre os meios extremistas", confidencia. Bernd Wagner já prestou aconselhamento a pessoas que tinham tido recaídas, depois de contactarem a agência. "Não tinham rece-

bido ajuda suficiente para se reintegrarem." Se o programa falhou, como poderia a linha aberta destinada aos extremistas islâmicos dar frutos? Os dados disponíveis não permitem saber se a HATIF está, ou não, a obter resultados. A agência não revela quaisquer estatísticas e bloqueia todos os pedidos de informação relativos a este projecto.

Por seu lado, o secretário-geral do Conselho Central dos Muçulmanos da Alemanha, Aiman Mazyek, defende uma maior participação dos imãs neste dispositivo. "São os muçulmanos que têm mais hipóteses de trazer de volta à sociedade as suas ovelhas desgarradas." A Agência Federal para a Protecção da Constituição ouviu este conselho e decidiu alargar o programa. Actualmente, há um grupo de trabalho que tenta definir com exactidão o papel que os guias espirituais deverão desempenhar, no âmbito deste dispositivo. Contudo, a data de entrada em vigor destas alterações ainda não é conhecida.

Publicidade



**PARA MIM,
NÃO HÁ
DIFICULDADES,
HÁ DESAFIOS**

Millennium
blm

1+1=1

O Canal número 1 em Moçambique é agora também o número 1 em ÁFRICA:

MIRAMAR. Vencedor do Prémio CNN de Jornalismo Africano 2011.



MCT MIRAMAR 2011

Membro do grupo:



Quarta-feira
21h30



JORNALISMO DE PRIMEIRA

Jogos Africanos sem hino nem obras concluídas

Hoje é o primeiro dia do mês de Julho. A vila olímpica, que está em construção ao lado do Estádio Nacional do Zimpeto, e que se destina ao alojamento dos atletas e técnicos participantes nos X Jogos Africanos de Maputo deveria ter sido entregue até ontem. Finais de Junho disseram os senhores do COJA, garantiram os empreiteiros... e os moçambicanos acreditaram.

O Presidente da República, Armando Guebuza, afirmou, na inauguração do estádio nacional do Zimpeto, que o desporto é gerador de uma dinâmica social e económica própria que se entrelaça com outros sectores da intervenção humana para contribuir para a produção de riqueza e criação do emprego. Isto é verdade e vemos acontecer todos os dias por este mundo fora. Só que nesta pátria onde faltam heróis contemporâneos isso não parece acontecer!

Como pode haver dinâmica social se não há divulgação dos Jogos nem dentro e muito menos fora de portas? Como eu, muitos moçambicanos não têm boas expectativas sobre o que vai acontecer a partir do dia 3 de Setembro. Poderá mesmo ser o dia do "juízo final"!

É, porventura, possível haver dinâmica económica se o produto não é bom? Ainda me recordo do dia em que com pouca pompa foi inaugurado o relógio oficial da contagem decrescente para os jogos e, para além da mascote que foi apresentada e desapareceu, também um vinho foi apresentado. É, no mínimo, surrealista que num país que não produz uvas a bebida oficial dos seus jogos africanos seja o vinho. Quem escolheu o vinho? Porque não foi escolhida uma água que brota a rodos nas várias nascentes do nosso país e até é recomendável para os atletas, ao contrário do vinho?



O Chefe do Estado apela-nos para usarmos os Jogos Africanos para a reafirmação da moçambicanidade, a da nossa auto-estima mas pelos vistos ninguém se esmera na organização. Vamos receber os Jogos na nossa cidade capital sempre suja, com os crónicos problemas sobejamente conhecidos e até nos palcos dos jogos, onde estão a acontecer reabilitações, só se faz uma pequena maquilhagem.

Como é possível ter auto-estima quando se reabilitam os courts de ténis do jardim Tunduro e se esquece de tratar do jardim, que há vários anos se vai degradando perante o nosso olhar impávido e sereno? Então vamos receber os nossos visitantes e mostrá-lhes uma casa só de fachada?

Quando se tem a oportunidade de viajar – como os nossos governantes têm – e ver o que outros fizeram em ocasiões semelhantes – afinal não estamos a inventar os Jogos Africanos – é hilariante que se faça um concurso público para um hino dos Jogos Olímpicos de África. O resultado só poderia ser o que foi. Não haver temas de qualidade e ter-se perdido tempo, coisa que nunca tivemos para organizar estes Jogos.

Para fazer hinos contratam-se profissionais especializados, que o nosso país até tem – como bem nos lembramos das músicas de algumas marcas quem nem é preciso citar. Recordo-me da estranheza, e algum scepticismo, dos sul-africanos com o "waka waka" da Shakira mas o facto é que até hoje os miúdos cantam o refrão e as meninas bem tentam imitar o rebolar da colombiana.

O mais irónico é que estamos no ano em que o país celebra Samora Machel, recordado como fonte de inspiração e de força para construir um Moçambique melhor e, quando faltam 64 dias para o início dos Jogos, o país caminha a passos largos no caminho contrário.

Escrito por Adérito Caldeira

O Sul deve cooperar, não apenas vender

Os países africanos devem ter cuidado para não pôr fora dos trilhos os seus próprios planos de desenvolvimento quando entram em acordos com Estados doutros continentes, apesar dos aparentes resultados positivos. Essa foi uma das advertências feitas por especialistas reunidos em Johannesburgo.

Texto: Tinus de Jager/IPS

A directora do Instituto Sul-Africano de Assuntos Internacionais (SAIA), Elizabeth Sidiropoulos, afirmou que o conceito de cooperação Sul-Sul está presente há muito tempo, mas "o crescimento fenomenal" de China e Índia nos últimos anos lhe deu maior peso. "O crescimento desses dois países também aumentou ou interesse nas ferramentas que usaram para atingir esses níveis", destacou.

O SAIA, centro de estudos vinculado à Universidade de Witwatersrand, em Johannesburgo, realizou uma conferência, nos dias 9 e 10 deste mês, sobre as relações entre Índia e África do Sul. Sidiropoulos afirmou que desafios semelhantes aos desses dois países em matéria de meio ambiente e pobreza permitem "intercâmbios mais significativos nas relações Sul-Sul".

Porém, alertou para o risco de se procurar apenas o lucro económico unilateral, e destacou que a cooperação entre Índia e África do Sul poderia beneficiar em grande parte os dois lados. "Os países em desenvolvimento devem desempenhar o seu próprio papel. Há toneladas de ferramentas para esti-

mular o crescimento económico. A ajuda é apenas uma delas. A África precisa de infra-estrutura e capacitação para o desenvolvimento. O acesso aos mercados continua a ser um problema", acrescentou Sidiropoulos.

A directora do SAIA destacou que o impacto directo do crescente comércio entre os países do Sul ainda é difícil de determinar. "O facto é que criou novos actores no cenário do comércio mundial. África tem maior poder de negociação, não apenas no comércio Sul-Sul, como também com o Primeiro Mundo", destacou.

"Os investidores estrangeiros estão a participar no continente africano. A chave, entretanto, é a cooperação em desenvolvimento entre sócios e Estados africanos.

A ajuda deve ser mais efectiva, e isto permite a cooperação Sul-Sul, em lugar de comércio Sul-Sul", disse Sidiropoulos. A Índia mostra a sua disposição para ajudar o continente, envolvendo-se em iniciativas africanas como a Nova Sociedade para o Desenvolvimento Africano (NEPAD). Nova Deli também ajuda

África a reduzir a brecha digital e investe na criação de um sistema médico eletrónico que permite realizar consultas pela Internet.

A isto se acrescenta o fundo Índia-Brasil-África do Sul (IBAS), que torna disponível dinheiro para projectos pequenos e novos, como um para o tratamento de lixo na Guiné. "No entanto, o impacto de todos esses esforços só pode ser avaliado após os projectos serem implementados por um longo período", disse Sidiropoulos. Para que a cooperação funcione, África deveria garantir que os acordos tenham em conta os planos nacionais existentes.

Organizações regionais como a Comunidade Económica de Estados da África Ocidental (CEDEAO) e a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) deveriam forjar acordos.

"A cooperação Sul-Sul não significa o fim da cooperação Norte-Sul", explicou Sidiropoulos. Sunil Joshi, chefe-executivo da segunda operadora nacional de telecomunicações da África do Sul, concorda que a interacção Sul-Sul se deve

basear na cooperação e não no comércio. O empresário prevê que África teria mais a oferecer do que recursos naturais.

"Em 2009, 64% da população indiana estava em idade de trabalhar. Estima-se que esse número cairá para 57% em 2020. A idade média dos trabalhadores na Índia é de 27 anos, e na China de 37. África é muito mais jovem, e os recursos humanos do continente converter-se-ão em matéria-prima no futuro", disse Joshi. Segundo o empresário, "o crescimento económico é apenas um dos factores a considerar na altura de medir o progresso. O que também deve ser considerado são os efeitos positivos para o povo e a cultura".

"Quando se considera a cooperação Sul-Sul, os Estados africanos devem ser realistas. Este tipo de cooperação pode adequar-se aos Estados africanos mais fortes, como a África do Sul, mas não para os mais fracos, nos quais a ajuda pode ser mais efectiva", disse Joshi. "Mas a cooperação Sul-Sul pode ser uma das estratégias fundamentais para a fase de crescimento de África", acrescentou

Transacções correntes da moeda estrangeira liberalizadas

As transacções correntes em moeda estrangeira foram liberalizadas pelo Conselho de Ministros, segundo consta do novo Regulamento da Lei Cambial aprovado pelo Governo e em vigor desde inícios de Junho de 2011, em Moçambique.

Contudo, o Conselho de Ministros faz notar que a liberalização não pode prejudicar a obrigatoriedade do seu registo no Banco de Moçambique (BM), instituição financeira também responsável pelo estabelecimento da tabela de classificação das operações cambiais, indicando os respectivos códigos computarizados e definições das categorias e subcategorias classificativas, bem como a classificação detalhada das transacções correntes.

O Regulamento da Lei Cambial,

cujo dispositivo legal foi aprovado pela Assembleia da República (AR), em 2009, revela também que estão sujeitas à autorização do BM as operações de capitais, carecendo também da mesma autorização a realização de actos, negócios, transacções e operações que, não sendo de capitais, estão sujeitos àquele requisito.

Casas de câmbio

Por outro lado, aquele instrumento legal estabelece que as

entidades residentes em Moçambique são obrigadas a declarar ao BM todos os valores e direitos adquiridos, gerados ou detidos no estrangeiro e ainda a remeter para o país as receitas de exportação de bens, serviços e investimento no estrangeiro.

As casas de câmbio, entretanto, estão apenas autorizadas a proceder à compra e venda da moeda estrangeira a pessoas singulares até ao montante máximo de cinco mil meticais.

O Regulamento da Lei Cambial contém 130 artigos que versam sobre regras e procedimentos a observar na realização de actos, negócios, transacções e operações de natureza cambial.

Antes da sua aprovação, o esboço do instrumento foi amplamente discutido pelos agentes económicos de todo o país, e, particularmente, pela Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA), visando o seu enriquecimento.

/ Correio da manhã

Malawianos compram combustível em Tete para revenda no seu país

Colunas de viaturas pesadas e leigeras do Malawi têm vindo a cruzar a fronteira em direcção à cidade de Tete para compra, em quantidades elevadas, de combustível para comercializar naquele país vizinho com uma grave crise deste produto por falta de divisas para a sua importação.

Escrito por Correio da manhã

Vários cidadãos moçambicanos residentes naquela cidade, incluindo dois jornalistas locais, contaram, esta segunda-feira, ao Correio da manhã que a província corre " sérios riscos" de

ficar sem combustível por estar a ser adquirido por malawianos em quantidades elevadas para comercialização e pôr alguns sectores produtivos a funcionar.

Contudo, a informação não foi confirmada pelo Governo da província de Tete por dificuldades de comunicação. Os jornalistas contaram ainda que a crise de combustíveis no Malawi levou, semana finda, o Presidente Bingu Wa Mutharika a apelar à calma e compreensão aos seus concidadãos ante a grave crise de combustíveis que

o seu país atravessa.

Dados comparativos

Fonte oficiosa moçambicana confirmou ao Cm a ocorrência destas práticas em quase todas as regiões fronteiriças de Moçambique, por os cidadãos dos países vizinhos saberem dos baixos preços que se praticam no nosso país, graças aos subsídios assegurados pelo Governo.

Efectivamente, enquanto em Moçambique os preços da gasolina, petróleo de iluminação e do gasóleo são na ordem

dos 44Mt/litro, 26,52Mt/litro e 34,08Mt/litro, na África do Sul os mesmos combustíveis são vendidos a 44Mt/litro, 28,82 Mt/litro e 41Mt/litro, respectivamente, enquanto no Malawi estão a 58,5Mt/litro, 31Mt/litro e 52Mt/litro.

Na Zâmbia a gasolina é vendida ao equivalente a 45,95Mt/l, 30,27Mt/litro de petróleo de iluminação e 43,24Mt/litro de gasóleo, enquanto na Tanzânia praticam-se os seguintes preços: 42,62Mt/litro de gasolina, 28,72Mt/litro de petróleo de iluminação e 39,38Mt/litro de gasóleo./ Correio da manhã

A Lei do Trabalho é uma das bases de determinação dos direitos do trabalhador. As outras bases são as normas ou regras fixadas pelas partes em contratos individuais de trabalho ou instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho.

Quando o patrão tem a faca...na mão

Para os empregadores, os funcionários são preguiçosos e reclamam por tudo e mais alguma coisa. Do outro lado da barricada, os trabalhadores olham para os sindicatos como um objecto na mão do patronato que varre para debaixo do tapete um emaranhado de injustiças laborais. A OTM-Central Sindical, dizem, vale pelo seu factor estratégico de rampa de lançamento político e não como um órgão que representa o trabalhador moçambicano...

Texto: Hélder Xavier



Cartoon – Carlos Laranjeira

Ainda no piso térreo das instalações da antiga Fábrica Continental de Borracha (FACOBOL), localizada na Avenida de Angola, na cidade de Maputo, o barulho das máquinas de cortar madeira chega aos ouvidos. Não é um ruído ensurdecedor, mas também não deixa ninguém indiferente, assim como as condições de trabalho. Trata-se de oficina de carpintaria/marcenaria da empresa Dormiflex – Comércio e Indústria de Colchões em pleno funcionamento.

No interior, um grupo de homens, entre ajudantes e mestres, trabalham a madeira para a produção de móveis, nomeadamente mobílias de escritórios, quarto e sala. Uma poeira espessa provocada pela actividade acumula-se por todos lados da oficina. Os trabalhadores não ostentam uniformes em condições, nem botas e tão-pouco máscaras. Tem sido assim todos os dias, de segunda a sexta-feira, das 7h00 às 17h00 (Com interrupção de uma hora no período destinado ao almoço).

Mas as exigências vão mais além. Há anos que os artífices da empresa na área de exploração de madeira (carpintaria/marcenaria) têm vindo a exigir o cumprimento de direitos laborais ao patronato. A falta de higiene e segurança no trabalho figura no topo da enorme lista de reclamações que um grupo de trabalhadores apresenta.

“Há muito tempo que temos vindo a pedir que se cumpram os nossos direitos como trabalhadores, tais como uniforme, higiene e segurança no trabalho, botas, máscaras e também queremos leite. O nosso patrão simplesmente ignora as nossas preocupações”, diz um dos trabalhadores e outro sublinha: “Nesta empresa nunca houve respeito pelos nossos direitos”.

Todas as cartas submetidas à direcção da empresa pedindo o cumprimento dos direitos dos trabalhadores, sobretudo a disponibilização de equipamentos de trabalho foram todas indeferidas. “Sempre que pedimos, por exemplo, leite, o nosso patrão responde com uma provocação dizendo que vai trazer um cabrito de Portugal. Ele leva tudo para a brincadeira, mas um dia vai arrepender-se de estar a brincar connosco”, afirmam.

De acordo com Ernesto Boana, falando em representação do proprietário da empresa que se encontra fora do país a tratar da sua saúde, todas as questões levantadas pelos trabalhadores relacionadas com higiene e segurança no trabalho “são assuntos já ultra-

passados. Brevemente, vamos receber uniformes. Estiveram aqui há dias algumas pessoas a tirar as medidas de cada trabalhador”, garante.

Porém, os trabalhadores afirmam que há muito tempo que as promessas deixaram de ser cumpridas naquela empresa. “É sempre assim, o nosso patrão diz que sim, ou seja, ele concorda em satisfazer todas as exigências, mas nunca se preocupa em cumprilas. Temos de usar a nossa própria roupa para trabalhar. Dizem que até o dia 15 de Julho teremos uniformes, vamos esperar para ver”.

A Dormiflex funciona desde o ano de 1998, mas a carpintaria/marcenaria começou a laborar em 2000. Segundo os trabalhadores, a empresa arrenda o espaço nas instalações da FACOBOL, dispõem de pelo menos 70 trabalhadores e já obteve o selo “Made in Mozambique”. “Ficámos a saber através do nosso patrão que a empresa já tinha o selo e nós ficámos perplexos, pois como é que o Governo atribuiu uma coisa dessas a alguém que viola os direitos dos trabalhadores?”, questionam.

Atraso e descontos salariais

O grupo de trabalhadores que apresentou a reclamação é composto por chefes de família que fazem desse emprego a única fonte de rendimento para garantir o sustento dos seus respectivos agregados familiares constituídos, em média, por quatro pessoas. Auferem salários que variam de 2500 meticais a 4200, montante que consideram bastante irrisório para levar um vida com o mínimo de dignidade.

Para agravar a situação, estão os constantes atrasos no pagamento de salários e os descontos sem nenhuma justificação da parte do patronato. “Com o que ganhamos já não dá para viver e, como se não bastasse, sofremos descontos quase todos os meses, mesmo em casos de doença, além dos atrasos sem satisfação”, contam e afirmam ainda que “todos os dias a empresa recebe encomendas, nós fazemos mobílias a tempo e horas e não percebemos porque não temos o salário no fim do mês. Geralmente recebemos entre os dias 15 e 19. Temos famílias por sustentar e dependemos desse dinheiro”.

“Quando o salário atrasa, recorro a outros parentes ou mesmo aos vizinhos para poder chegar cedo ao trabalho”, diz um dos trabalhadores.

Ernesto Boana afirmou que a empresa “não deve salários” a nenhum trabalhador e tão-pouco verifica-se atraso no pagamento das remunerações. “Existe um regulamento interno segundo o qual o salário deve ser pago até o dia cinco. O que acontece é que eles habituaram-se a receber nos dias 27 ou 28 e quando o ordenado sai nos dias três a quatro dizem estar atrasado”.

Mais adiante os trabalhadores acrescentam: “Trabalhamos muito e só ganhamos insultos das 7h00 às 17h00, com intervalos de uma hora. Em caso de atraso de seis minutos descontam 30. Gostaríamos de saber quanto é que se paga pelo atraso dos nossos salários”

Desde Abril que os trabalhadores da Dormiflex têm vindo a exigir o ajustamento da remuneração na empresa, uma vez que no mesmo mês o Governo anunciou a nova tabela de salários mínimos nacionais. “Os aumentos salários são feitos quando ele entende e não de acordo com as categorias”, dizem.

Todos estes assuntos, segundo os trabalhadores, são também do conhecimento do Sindicato da empresa que é acusada de ser “inerte e incapaz enquanto os funcionários estão sujeitos a ser zombados e espezinhados com palavrões”.

Um dos elementos do Sindicato da empresa garantiu que o patronato não toma em consideração as preocupações dos sindicalistas e nem os consulta em algumas questões, apenas recorre a estes nos casos em que são os trabalhadores a cometem erros. “As pessoas são expulsas e contratadas sem o nosso conhecimento, ou seja, não há nenhuma satisfação da parte do patrão. É como se não existisse o Sindicato”.

Contam ainda que nos finais do ano passado se reuniram com o patronato para procurar entender o porquê de ainda não terem recebido os salários até aquela data, visto que se tratava da época festiva e o Governo apelara para que os empregadores pagassem com antecedência, mas a resposta não veio de encontro às expectativas: “Que se lixe o Governo! Isto é meu e pago salários quando eu quiser”.

Além disso, os trabalhadores também se queixam da falta de assistência médica e medicamentosa, apesar de estarem expostos à poeira e a alguns produtos tóxicos, e de não beneficiarem de bónus de antiguidade e subsídio de férias.

Os direitos a protecção da dignidade do trabalhador têm como objectivo a sua promoção humana e social.
Por isso mesmo, neles integram-se todos os direitos que visam a defesa de uma vida laboral digna do trabalhador.

DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115

Receio dos trabalhadores

Há mais de cinco anos na carpintaria/marcenaria da Dorniflex, os trabalhadores têm receio de um dia ficar sem emprego supostamente porque o patronato pretende desfazer-se da empresa. Além disso, eles suspeitam de que a oficina não esteja registada, uma vez que não há nada que a identifique, e questionam o porquê de nunca terem recebido uma equipa da Inspecção do Trabalho.

Boana afirma não ter conhecimento das reclamações feitas pelos trabalhadores ao patronato e acrescenta que algumas não têm fundamento, além de "não

constituírem verdade".

Segundo os empregados, todas as preocupações já são do conhecimento da Organização dos Trabalhadores de Moçambique – Central Sindical (OTM-CS), mas nunca obtiveram uma resposta satisfatória, o que lhes leva a perder fé nesta agremiação no que diz respeito à resolução dos seus problemas.

MozEquipamentos: será que há direitos dos trabalhadores?

Há anos que Miguel* trabalha como mecânico. Arranhaduras e mordidas de cães tatuam o

seu corpo, revelando os maus tratos por que ele e os seus colegas têm passado no posto de trabalho.

Faz muito tempo que Miguel trabalha na oficina mecânica da empresa MozEquipamentos, também conhecida por Clutch Brake Specialists (CBS), situada no bairro do Zimpeto. E a necessidade de ganhar o sustento para sua família faz-lhe submeter-se à humilhações de todos os gêneros, desde a violência verbal até a física.

"Somos tratados como cães. Aliás, os cães cuidados por João Manhiça (também trabalhador da mesma empresa) têm melhor tratamento que nós", diz e

acrescenta: "somos insultados, agredidos e, durante o trabalho, chamados de pretos, porcos, escravos, entre outros nomes depreciativos".

Há algum tempo, Miguel conta que não cumpriu as metas que lhe haviam sido colocadas num daqueles dias de trabalho e isso valeu-lhe uma valente bofetada. "Não retaliiei porque ainda precisava do emprego. Quando nos queixamos de alguma situação, somos dados aos cães que lá existem. Isto só acontece com os trabalhadores moçambicanos, pois com os brasileiros e outros estrangeiros o tratamento é diferente", afirma.

A violação dos direitos laborais

é protagonizada pelo patronato. Já perdura há alguns anos. "Não sabemos quem nos poderá ajudar a sair deste sofrimento", diz Miguel.

Além de Miguel, um grupo de trabalhadores da empresa queixou-se da violação dos seus direitos. Das preocupações apresentadas, destacam-se a agressão física e verbal, e o facto de não disporem de descanso diário e semanal. "Trabalhamos todos os dias sem descanso. Isto ainda continua ao tempo da escravatura", comentam e acrescentam: "quem tenta reclamar, arrisca-se a ser surrado ou a perder o emprego".

Manuel*, mecânico há mui-

tos anos, garante que chegou a desistir de trabalhar devido às arranhaduras e mordeduras de cães. "Quando fui reclamar, recebi ameaças de perda de emprego e até de morte", conta.

Na Moz Equipamentos os trabalhadores recusam-se a fazer qualquer tipo de comentário, pois temem represálias. Na entrada da oficina, encontrámos um funcionário da empresa que não quis ser identificado que disse apenas: "Eu não sei de nada". O medo é visível em cada um deles quando questionados sobre os maus tratos denunciados por um dos seus colegas.

*Nomes fictícios

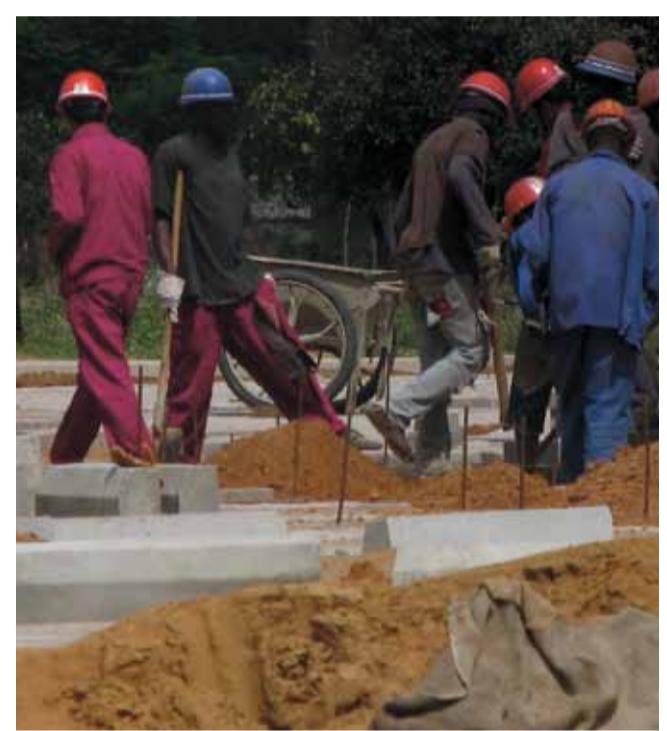


Foto: Miguel Manguez

**Os direitos do
trabalhador
devem ser
respeitados!!**



São alguns dos direitos dos trabalhadores moçambicanos consagrados na Lei do Trabalho em Moçambique, nomeadamente ter assegurado um posto de trabalho; ser remunerado; ser tratado com correção e respeito; e ter assegurado o descanso diário, semanal e férias anuais remuneradas. Mas, na prática, a realidade é outra, ou seja, no país, os direitos laborais, apesar de previstos e consagrados na legislação, são sistematicamente ignorados ou violados pelas entidades patronais.

As denúncias que diversas empresas onde existem estruturas sindicais de base têm encaminhado à Organização dos Trabalhadores de

Moçambique – Central Sindical (OTM-CS) têm a ver com a violação dos direitos dos trabalhadores maioritariamente ligadas às reivindicações pelo pagamento de salários, respeito ao horário normal de trabalho e a observância das regras de higiene e segurança no trabalho.

Por não verem as suas preocupações resolvidas, os trabalhadores passam a olhar para os sindicatos como sendo os braços direitos dos patronatos. Esta situação não se verifica apenas em relação aos sindicatos nas empresas, mas também a nível central. Aliás, as greves recorrentes em algumas empresas são o sintoma do descrédito em que tais organismos que supostamente defendem os interesses da classe operária caíram.

Além disso, a OTM-CS é também vista, por grande parte dos trabalhadores, como sendo um órgão ligado ao Governo e ao partido no poder. Esta percepção deve-se, sobretudo, à incapacidade de impor melhores condições de trabalho e, acima de tudo, salariais aos parceiros sociais, além do próprio contexto de formação ou surgimento do movimento sindical no país.

Porém, a organização afirma que existem entidades patronais tendenciosas que criam barreiras para que as representações sindicais não possam funcionar devidamente, o que resulta claramente numa forma de intimidação para os trabalhadores. No entanto, os sindicatos têm pautado pela aproximação e aconselhamento das entidades empregadoras, mostrando-lhes que este facto não só prejudica o trabalhador, como também provoca um mau ambiente dentro da empresa, o que traz inevitavelmente repercussões na produtividade.

Direitos laborais e o papel dos sindicatos

Greves em Moçambique

Os sindicatos a nível das empresas, assim como central, têm tido um papel pouco relevante na vida profissional e social dos trabalhadores. As inúmeras greves verificadas no país na sua maioria têm sido levadas a cabo à margem dos sindicatos, ou seja, poucas foram as que contaram com o apoio do Comité Sindical local.

Dentre as preocupações dos trabalhadores, destacam-se o reajuste de salário, violação dos direitos laborais ou incumprimento da Lei de Trabalho em vigor no país.

A título de exemplo, nos finais de 2009, cerca de 60 trabalhadores do Hotel Santa Cruz, na Avenida 24 de Julho, em Maputo, entraram em greve, exigindo que o Estado esclarecesse por que motivo vendeu aquele hotel a privados, desrespeitando a Lei do Trabalho no seu artigo 77, números um, dois e três. Além disso, exigiam também 20 por cento das acções reservadas aos funcionários e técnicos pela conservação do hotel desde o seu abandono pelos proprietários após a independência.

Ainda em 2009, pouco mais de 1200 trabalhadores da Oderbrecht, consórcio da companhia mineira Vale, paralisaram as suas actividades, pois exigiam o reajuste do salário e a melhoria das condições de trabalho.

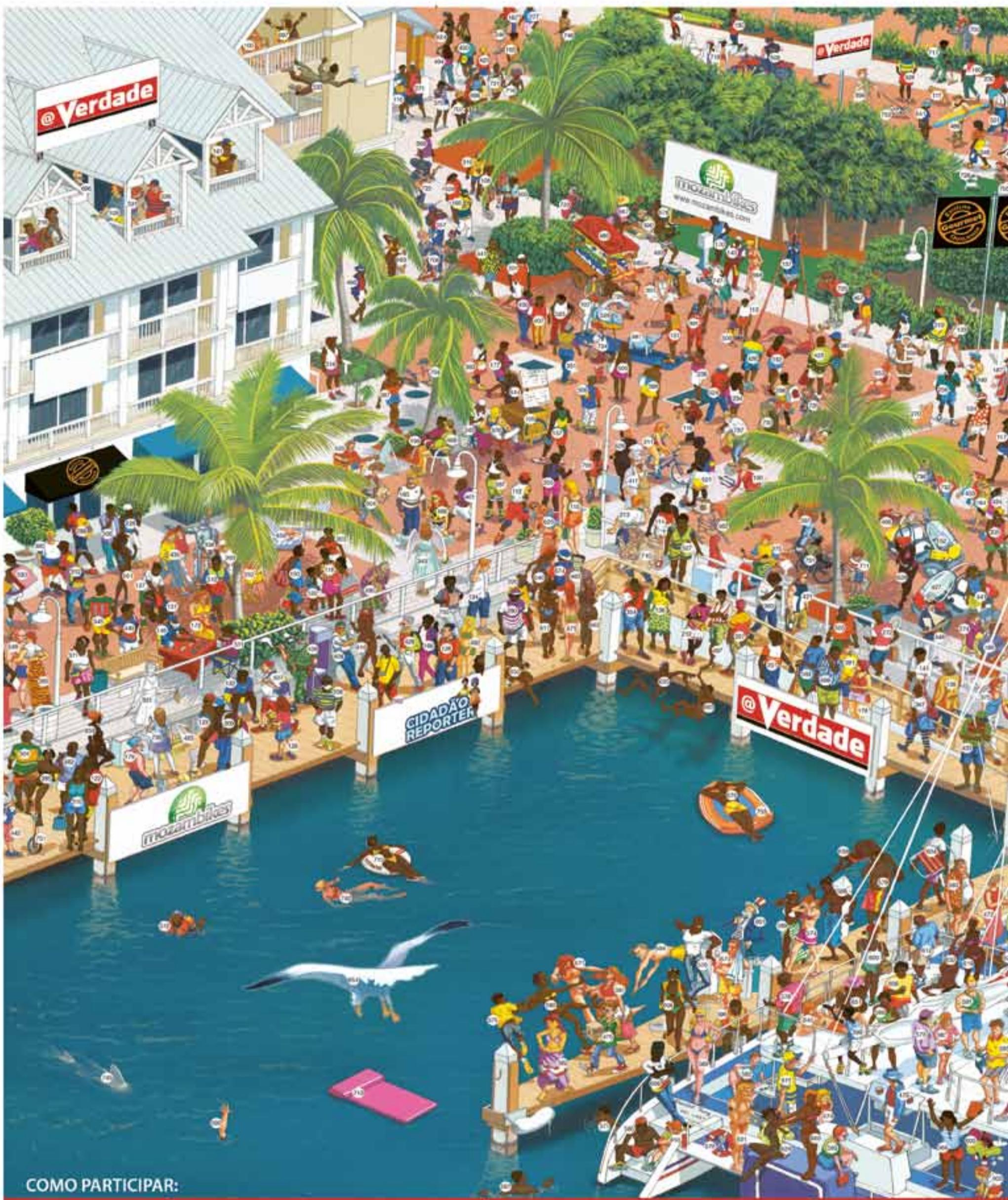
Em Junho de 2010, os 650 trabalhadores moçambicanos envolvidos na construção do Estádio Nacional do Zimpeto paralisaram as suas actividades, reclamando o cumprimento de uma série de reivindicações. Eles exi-

giam um aumento salarial de 20 por cento, com efeitos retroactivos a partir de Abril, fornecimento de equipamento de protecção e segurança no trabalho e garantias de um subsídio de gratificação fixado em quatro salários mínimos. Semanas depois, voltou-se a assistir a mais uma nova greve, pois apesar de o sindicato ter concordado com algumas questões, a maioria dos trabalhadores não aceitava as conclusões das negociações.

Em Julho de 2010, pouco mais de 1800 trabalhadores da empresa Matanuska, no posto administrativo de Namialo, distrito de Monapo, em Nampula, entraram em greve exigindo a revisão salarial, assistência médica, ao mesmo tempo que se manifestavam contra as expulsões sem justa causa.

Nos finais de Abril de 2011, mais de 600 trabalhadores da empresa KENMARE, Projecto das Areias Pesadas de Moma, em Nampula, paralisaram as actividades normais da empresa para observar uma greve geral por tempo indeterminado, pois exigiam o cumprimento da Lei do Trabalho em vigor no país.

Ainda em 2011, um grupo constituído por pouco mais de 100 trabalhadores da G4S entraram em greve para exigir o pagamento de salários em atraso e valores descontados arbitrariamente, a remuneração referente a quatro horas de trabalho extraordinário por dia, o cálculo do salário em 12 horas e o cumprimento do horário estipulado na legislação em vigor no país. Os guardas e vigilantes foram brutalmente espancados pelos agentes da Força de Intervenção Rápida (FIR), além de terem sido presos.



COMO PARTICIPAR:



1 Para participar e ganhar prémios tem que enviar um SMS com a palavra VERDADE para o número 6677 e acertar nas perguntas que receber e encontrar as figuras no cenário. Todos os SMS contam, acumula os pontos e ganha: 5 Pontos por resposta certa e 1 Ponto por resposta errada.



2 Guarda o Cenário contigo para que possas responder acertadamente às perguntas que itás receber por SMS. Quando descobrizes a que personagem corresponde a pista que recebeste por SMS, basta enviares um SMS com V seguido do numero da personagem (ex: V245) para o numero 6677.



PRÊMIOS:

3 Se não tiveres o Cenário contigo basta enviares VERDADE para o número 6677 as vezes que quiseres. O Cenário irá estar disponível nas páginas centrais do Jornal A VERDADE e também em www.verdade.co.mz.

En
Jog

Pode en
campanh
de 5 met

Lojas **SASSEKA** AFRICOM. LDA

JULHO DE 2011



PROCURE NOS SACOS DE 10KG
DE ARROZ CORAL AZUL, VERDE
E LARANJA O SEU PACOTE
DE BOLACHA GLUCOSE



Força e energia

Arroz Coral
Azul - 1kgx20

502,00 Mt



Arroz de qualidade
Long Grain White Rice

SASSEKA

Coral

Arroz de qualidade
Long Grain White Rice



Mais qualidade à crescer

50 KG



Arroz Coral
Azul - 5kg

136,00 Mt

Arroz Coral
Azul - 25kg

568,00 Mt

Arroz Coral
Azul - 50kg

1.120,00 Mt

Arroz Coral
Azul - 10kg

246,00 Mt

Arroz Coral
Amarelo - 250kg

950,00 Mt

120,00 Mt

Flash D
Emb. 12x6x125g

Bolacha Marie
Cx 24x100g

170,00 Mt



Arroz Coral
Amarelo - 250kg

480,00 Mt

Bolacha Glucose
Cx 24x75g

75,00 Mt



Bolacha Kibom Coco
Cx 24x75g

NOVO 175,00 Mt



Sabonete Five Roses
Emb. 12x6x12.5g

67,50,00 Mt



Não comere de uso
ENVASAGEM DE FIVE ROSES
sobre das incógnitas de
CHAMPOO FIVE ROSES

First Choice 1Kg
Farinha de milho
Emb. de 10

175,00 Mt

440,00 Mt

Maharaja 2Kg
Farinha para apas
Emb. de 10

280,00 Mt

280,00 Mt

Babita 1Kg
Farinha de trigo
Emb. de 10

280,00 Mt

Xitava 1Kg
Farinha de trigo
Emb. de 10

280,00 Mt

OS PREÇOS PODEM VARIAR SEM AVISO PRÉVIO E SUEITOS AO STOCK EXISTENTE.
AS IMAGENS SÃO APENAS UMA ILUSTRAÇÃO DO PRODUTO PARA REFERÊNCIA DO LEITOR.
TODOS OS PREÇOS INCLuem IVA.

NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR EVENTUAIS ERROS TIPOGRÁFICOS



MERCADO DE FARINHA DE TRIGO

Produto	Preço
Farinha Mpupo 50g	700,00 MZ
Farinha Mpupo 12,5g	178,00 MZ
Farinha de trigo Babita Especial - 50kg	1.195,00 MZ
Farinha de trigo Babita - 50kg	1.135,00 MZ
Xiluva Farinha de trigo Especial - 50kg	1.195,00 MZ
Faspão Farinha de trigo SASSEKA - 50kg	1.125,00 MZ

SUGESTÃO SASSEKA

Esparguete à Bolonhessa

Ingredientes:

- 250g de carne de vaca picada
- 1 cebola média
- 1 cebola média
- 1 lata de tomate pelado molido
- 8 folhas de louro
- 1 fio de vinho tinto
- Azeite
- Margarina
- Esparguete Bela
- Sal e pimenta q.b.
- Queijo parmesão ralado

Modo de fazer:

- Picar a cebola e a cebola para um tacho fundo e juntar as folhas de louro;
- Regar com o azeite e um pouco de margarina e resogar;
- Juntar a carne e mexer para que fique soltinha e deixar cozer até a carne esbanquejar;
- Ajuntar o vinho tinto e deixar o juice brando por um minuto;
- Deitar o tomate pelado e mexer para que fique bem envolvido;
- Temporar com sal e pimenta e deixar em juice brando por 10 minutos, mexendo de vez em quando;
- Entretanto por ao horno um tacho com bastante água e quando estiver a ferver ponha o esparguete e tempere com sal;
- Deixar cozer até ficar al dente, retirar da panela e escorrer;
- Servir o esparguete com o molho por cima em pratos individuais e polvilhar com o queijo.

Bom Apetite!

SIMPLEMENTE IRRESISTÍVEL

Merc
Rua 21115 nº 421 Machava

Socimol
Av. Matola Gare Km 15

Africom Beira 1
Rua Machado dos Santos no 94 R/c
Bairro do Maquinino. - Telef: 23 354405

Africom Beira 2
Rua Pedro Alves Cabral no 96 Chaimite,
Telef: 23 353100

Loja Jardim
Av. de Moçambique nº2446 R/C

Loja Benfica
Avde Moçambique nº6600 R/C

Africom Quelimane
Av. Julius Nyerere no 941 R/C
Telef: 24 217305

Africom Chimoio
EN6, Bairro 25 de Junho,
Zona Industrial - Telef: 25 124228

Loja Xiquelene
Av. das FPLM nº342 R/C

Loja Sede
Av. do Trabalho nº1107 R/C

Africom Nacala
EN6, Bairro 25 de Junho,
Zona Industrial - Telef: 25 124228

Loja Baixa
Av. Guerra Popular nº 312 R/C

Loja Alto-Maé
Praça 21 de Outubro nº195 R/C

Loja Xipamanine-1
Rua Imaos Roby nº133 R/C

Loja Xipamanine-2
Rua Imaos Roby nº1188/1192 R/C

contacte as nossas linhas de venda
82 373 8798 - 82 373 8795 - 82 373 8797

ARROZ
100%
INTEIRO



Arroz Bela
25kg

715,00 M

Uma *Bela* família
Na dimensão do seu gosto



Arroz Bela
10kg

315,00 M



Arroz Bela
5kg

178,00 M



Arroz Bela
20x1kg

630,00 M



Fraldas descartáveis
Lovely Baby
12 peças

75,00 M



Fraldas descartáveis
Lovely Baby
10 peças

75,00 M



Fraldas descartáveis
Lovely Baby
14 peças

75,00 M



Arroz Coral
Verde - 10kg

215,00 M

Arroz Coral
Verde - 25kg

493,00 M

Arroz Coral
Verde - 50kg

975,00 M



Arroz Coral Laranja
10kg

250,00 M

Arroz Coral Laranja
25kg

518,00 M

PROMOÇÃO



Arroz Ashoka
1kg

78,00 M

Arroz Ashoka
2kg

145,00 M



Massa Espaguete
Bela - Cx 20x400g

310,00 M

Dê a sua opinião sobre os nossos produtos no facebook da sasseká

Água Vumba 12x1.5L **204,00 M**

Água Namaacha 12x1.5L **189,00 M**

Leite fresco First Choice Cx. 10x500ml **287,00 M**

Sumo Parmalat Emb. 10x500ml **272,00 M**

Fizz Laranja,Limão e Framboesa Emb. 24x350ml **205,00 M**

Água Vumba 24x0.5L **49,00 M**

Água Namaacha 5L **189,00 M**

Óleo Dona 20L **1.258,00 M**

Óleo Mila 4x5L **1.130,00 M**

Óleo Dona 12x1L **791,00 M**

Óleo Mila 20L **1.115,00 M**

Red Bull Cx. 4x6 (24) **1.107,00 M**

Davita mango 6x12 **135,00 M**

Óleo Flô 6x2L **787,00 M**

Óleo Maeva 6x2L **774,00 M**

Óleo Flô 12x350ml **317,00 M**

Carapau Namibiano Cx. 16+/30kg **1.480,00 M**

Bolacha Milco Bites 24x80g **148,00 M**

Bolacha de Limão Bites 24x80g **142,00 M**

Bolacha Toffo Coco com Chocolate Bites 24x70g **121,00 M**

Açúcar Pérola Emb. de 20x1Kg **750,00 M**

Açúcar Ouro Emb. de 20x1Kg **595,00 M**

Açúcar Cristal Emb. 20x1kg **750,00 M**

Açúcar Golden Emb. 20x1kg **595,00 M**

Klin Cx. 150x30g **383,00 M**

Klin Cx. 20x150g **283,00 M**

Nestle Lactogen 6x400g **779,00 M**

Chupa Voveta 16x48g **110,00 M**

Pilhas 777 Cx. 24x12 **1.500,00 M**

Sabão em Barras Wala - 20 **427,00 M**

MAQ 18x1kg **1.565,00 M**

MAQ 36x500g **1.565,00 M**

LUX Sabonete Lux Emb.12x12x100g **212,00 M**

CINTHOL Sabonete Cinthol Emb.6x12x125g **92,00 M**

Palmolive Sabonete Palmolive Emb.12x100g **144,00 M**



Responde
e Ganha!
@Verdade

Via VERDADE para o 6677 e encontra a verdade.
a, diverte-te e habilita-te a ganhar prémios todas as semanas.

contrair o regulamento em www.verdade.co.mz. Ao participar neste passatempo estará a autorizar o tratamento dos seus dados para futuras campanhas de Marketing da Verdade. Pontuação e mecânicas de atribuição de prémios podem ser encontrados no regulamento. Cada sms tem o custo de 1.50€ e é válido para ambas as operadoras. Linhas de apoio 842400310 e 828217825



Doentes de diabetes duplicam no planeta

O número de adultos com diabetes superou o dobro em todo o mundo desde 1980, passando a 347 milhões de pessoas, um número muito maior do que se pensava anteriormente e também um indício de que os custos para o tratamento da doença vão subir muito.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa



De acordo com uma pesquisa divulgada pela publicação científica *The Lancet*, uma equipa de pesquisadores internacionais a trabalhar com a Organização Mundial de Saúde (OMS) descobriu que as taxas de diabetes aumentaram ou, no mínimo, permaneceram na mesma praticamente em todas as partes do mundo nos últimos 30 anos.

O número estimado de diabéticos é marcadamente maior do que as projecções, segundo as quais seriam 285 milhões em todo o planeta. O estudo constatou que há 347 milhões de diabéticos no mundo, dos quais 138 milhões vivem na China e Índia e outros 36 milhões nos Estados Unidos e Rússia.

A diabetes mais comum, a do tipo 2, é fortemente associada à obesidade e à vida sedentária. "A diabetes está a ficar mais comum em quase toda a parte do mundo", disse Majid Ezzati, do Imperial College London, na Grã-Bretanha, que liderou a pesquisa em parceria com Goodarz Danaei, da Harvard School of Public Health, nos Estados Unidos.

"Se não desenvolvemos programas melhores para identificar pessoas com taxas elevadas de açúcar no sangue e ajudá-las a melhorar sua dieta, a actividade física e o controlo de peso, a diabetes vai inevitavelmente continuar a representar um grande fardo para os sistemas de saúde de todo o mundo", acrescentou

Danaei, num comunicado conjunto.

As pessoas com diabetes têm um controlo inadequado de açúcar no sangue, o que pode provocar graves complicações como doenças cardíacas e derrames, danos aos rins e nervos e cegueira. Especialistas dizem que taxas elevadas de glicose no sangue causam cerca de 3 milhões de mortes em todo o mundo anualmente, cifra que continuará a crescer à medida que aumentar a quantidade de pessoas com a doença.

O número de diabéticos expandiu-se dramaticamente nas nações-ilha do Pacífico, que actualmente têm a maior proporção de pessoas

com a doença.

O estudo descobriu que nas Ilhas Marshall um terço de todas as mulheres e um quarto dos homens têm diabetes. Entre os países ricos, a expansão foi maior na América do Norte e relativamente pequena na Europa Ocidental. Os níveis mais elevados de glicose e de diabetes registam-se nos Estados Unidos, Groenlândia (território da Dinamarca), Malta, Nova Zelândia e Espanha. Os mais baixos são os da Holanda, Áustria e França.

A região com os menores níveis de glicose é a África subsaariana, seguida do leste e sudeste da Ásia

Como combater

A prevenção é a chave para o combate da diabetes, explica um especialista. «Temos que começar a introduzir medidas preventivas mais cedo na vida das pessoas, logo na infância,» diz o médico finlandês Dr. Saaristo.

O «FIN-D2D», um programa de grande envergadura sobre a diabetes em cinco hospitais distritais da Finlândia e cobrindo 1,5 milhões de pessoas, é até agora a maior iniciativa de prevenção deste tipo levado a cabo na Europa. Destina-se a inventariar todos os diabéticos ou pessoas em risco de se tornarem diabéticas, e ensiná-las a mudarem o estilo de vida a fim de evitar ou reduzir a gravidade da doença.

Existe também uma campanha intensiva dos meios de comunicação, incluindo concertos de rock, que promovem um estilo de vida

mais saudável para todos. Os esforços desencadeados pela Finlândia parecem estar a ter retorno: o FIN-D2D já atingiu o alvo, apesar de ainda estar a meio.

No período de 1998 a 2002 as amputações de membros inferiores baixaram 58%. A detecção prematura faz parte das políticas de saúde de alguns países. Na República Checa as pessoas que são obesas ou sofrem de diabetes são sujeitas a análises.

Na Suécia, as pessoas de meia-idade com excesso de peso, tensão arterial alta, com diabéticos na família ou sinais de pré-diabetes são automaticamente observadas pelo seu clínico geral por meio de um teste à diabetes Tipo 2.

Tal como a Finlândia, muitos países europeus fazem campanhas públicas

de consciencialização. Em França, faz-se anualmente uma volta de bicicleta de Paris a Lyon, em que participam artistas de circo, músicos, profissionais de saúde e especialistas em diabetes cujo papel é informar o público. Na Bélgica fazem-se testes à diabetes em eventos como rallies de motos e de bicicletas e nos átrios dos hospitais.

Dizem os especialistas que a batalha contra a diabetes tipo 2 tem a ver com responsabilidade individual. «As pessoas não devem comer mais do que o necessário», alerta a Fundação Internacional de Diabetes Prof. Lefèvre. «Devem reduzir o açúcar, a gordura e os refrigerantes e comer mais fruta e vegetais.»

Estará você em risco? Faça um teste rápido

- Algum familiar próximo

tem diabetes?

- Tem excesso de peso?
- Tem mais de 40 anos?
- Algum dos seus filhos tinha mais de 4 kg à nascença? Grávidas que têm bebés mais pesados podem desenvolver um tipo de diabetes chamados diabetes de gestação, que poderá aumentar a possibilidade de a mulher desenvolver mais tarde a diabetes tipo 2.

Já teve alguns destes sintomas, com regularidade?

- Sede excessiva
- Micção frequente durante o dia ou a noite
- Perda de peso inexplicável
- Problemas de visão
- Cansaço extremo

Se respondeu afirmativamente a duas ou mais destas perguntas poderá estar em risco de já ter diabetes. Vá ao médico e faça uma análise para ver o teor de açúcar do sangue. Uma leve picadela é tudo o que é preciso.

Caro leitor

Pergunta à Tina...
Antes de começar a vida sexual eu e a minha parceira temos que tomar algum medicamento?

Oi pessoal, espero que se encontrem bem de saúde, eu estou óptima! Tendo como foco a pergunta acima, vou falar um pouco do que devemos ter em conta para que a primeira experiência sexual não se torne um pesadelo. A primeira vez é um assunto muito complexo e rodeado de mistério. Muitas "primeiras vezes" existem dentro de uma relação amorosa. O primeiro beijo, o primeiro carinho, a primeira vez que se está nu frente a alguém, a primeira relação sexual. A primeira vez acaba por ser um momento rodeado de preocupações, ansiedade e inquietações. Será que vai ser bom? Será que a pessoa que escolhi é certa? Ele vai-me achar fácil? Será que os meus pais vão descobrir? Será que devo contar? Será que vou gostar? Será que ela vai gostar? O meu corpo vai mudar? Será que vou dar conta do recado? E se não der conta? O que vão dizer de mim?

Ele vai perceber que sou virgem? Tais questões reflectem conflitos de ideias e desejos.

O adolescente tem muitas dúvidas e acaba por ficar muito apreensivo. Começar a vida sexual é uma escolha individual, e tal decisão deve ser baseada na maturidade. Para que não sejam apanhados desprevenidos, é importante procurar orientação profissional, para obter instruções importantes a fim de que a vida sexual corra sempre bem. Respeito próprio é um dos sinais de maturidade para se seguir em frente. Aguardo por mais dúvidas e comentários vossos.

Envie-me uma mensagem através de um sms para
821115 ou 8415152
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá, eu gostaria de saber se antes de começarmos a vida sexual eu e minha parceira temos que tomar algum medicamento antes ou depois da relação. Filipe.

Olá, Filipe, obrigado por partilhar essa dúvida comigo. Antes de mais, gostaria de saber a tua idade, seria melhor para poder responder com mais detalhes, mas posso dizer-te que não precisam de tomar nada, o mais sensato seria procurarem os serviços de planeamento familiar no centro de saúde mais próximo.

Lá vocês receberão informações acerca dos métodos de planeamento familiar e os seus benefícios principalmente para quem está a iniciar a vida sexual. Um dos primeiros passos para começarmos a vida sexual é sabermos se realmente estamos preparados para isso, pois não se trata de uma aventura, a responsabilidade de ambas as partes deve ser levada a sério.

O mais importante neste momento é sabermos o nosso estado serológico. Já fizeram os testes? Não te esqueças de usar o preservativo sempre para se protegerem de uma eventual gravidez indesejada ou mesmo uma infecção de transmissão sexual incluindo o HIV. Cuidem-se!

Oi Tina, tudo bem Fofa? Estou muito aflito. Tenho 29 anos, e sou pai de 2 filhos, mas separado. Há quase quatro meses que não fazia sexo. No dia que procurei uma namorada, foi muito difícil fazer sexo com ela, o meu pênis não tinha aquela força, era preciso meter com o dedo, ejaculei sem problemas, mas faltou-me aquela força.

Olá, estou óptima e obrigado por teres escrito para mim. É assim, quando iniciamos uma nova relação, principalmente se a última foi duradoura, é normal ter algumas reacções físicas diferentes quando estamos com a nova parceira.

Essas reacções podem ter vários motivos tais como: a ansiedade por medo de falhar, a falta de estímulo ou mesmo o sentimento que temos pela pessoa.

Esse tipo de reacções são normais e quando conhecemos melhor a pessoa as reacções tendem a desaparecer. Sendo assim, terás que fazer uma análise do que provavelmente pode estar a causar essa reacção, mas também não podemos descartar a possibilidade de ser um problema físico.

Se com o passar do tempo as coisas não mudarem e o problema se mantiver, procura a ajuda de um profissional de saúde para que te ajude a descobrir se realmente é algo de maior preocupação.

Aproveita a ocasião para te lembrar acerca da prevenção. Os preservativos (masculino e feminino) são os únicos capazes de nos protegerem das IST/HIV, assim como as gravidezes indesejadas. Beijinhos e bom fim-de-semana.

Mudar a cor das nuvens e injectar aerossóis nas camadas altas da atmosfera podem servir para combater as mudanças climáticas à escala global, segundo uma afirmação feita por especialistas internacionais em geoengenharia, convocados em Lima por um programa das Nações Unidas para uma discussão sobre o tema.

AMBIENTE
COMENTE POR SMS 821115

A Terra precisa de advogados contra “ecocídios”

As imagens da imensa mancha negra de petróleo que cobriu o Golfo do México percorreram o mundo como testemunho de um dos maiores desastres ambientais da História.



ção a ocorrer diariamente, e agrava-se, não diminui”, acrescentou. A sua proposta define “ecocídio” como “a vasta destruição, dano ou perda de ecossistemas de um determinado território, seja por causa humana ou outras, a tal nível que o gozo pacífico dos seus habitantes seja severamente reduzido”.

Higgins afirmou que, na verdade, ela vê o planeta Terra como “um cliente que realmente necessita de um bom advogado”. E, “reconhecer o ‘ecocídio’ significaria uma expansão do nosso círculo de preocupação. Já não seria apenas o dano de humano para humano, mas de humano para toda a comunidade da Terra”, destacou.

A advogada também explicou que existe um círculo vicioso nas relações da humanidade com a natureza: a exploração intensiva dos recursos esgota e degrada os ecossistemas, o que gera conflitos entre as pessoas, às vezes armados. A guerra, por sua vez, provoca danos em grande escala no meio ambiente. A deterioração ambiental maciça durante tempos de guerra já é proibida.

O artigo sobre “crimes de guerra” no Estatuto de Roma, que deu origem ao TPI, proíbe “o dano de longo prazo e severo do meio ambiente” em certas condições. A convenção sobre a proibição de utilizar técnicas de modificação ambiental com fins militares ou outros hostis proíbe o uso do meio ambiente como arma nos conflitos armados.

A proposta de Higgins procura estender essas proibições para tempos de paz. Embora haja diferentes cami-

nhos para um caso ser levado ao TPI, ela acredita que os “ecocídios” provavelmente se basearão em informações apresentadas por organizações não governamentais e comunidades locais.

A proposta é que o TPI castigue os responsáveis por “ecocídios” e ordene a restauração do dano em vez do pagamento de multas, pena comum nas legislações ambientais de muitos países. Várias corporações conscientes das sanções financeiras simplesmente incluem as multas no seu orçamento de despesa, alertou Higgins.

“Sem dúvida, há uma brecha na lei internacional” em matéria ambiental, afirmou, por sua vez, David Hunter, professor associado de direito na American University, que destaca, particularmente, a vulnerabilidade dos países do Sul em desenvolvimento que enfrentam significativos problemas ambientais, mas carecem de fortes sistemas legais para vencê-los.

“É necessário algo assim, que se expanda o direito penal internacional e sejam cobertos os problemas ambientais atrozes. Creio que é uma boa ideia. Agora, se receberá apoio e quanto tempo durará esse apoio é outro tema”.

Hunter explicou que os crimes julgados pelo TPI são actos deliberados.

A destruição ambiental, por outro lado, é resultado da negligência. Além disso, estas acções, como no caso da extração de areias de alcatrão no Canadá, devem ser consideradas ilegais a nível local.

Alguns vêem a proposta contra o “ecocídio” como outra tentativa de “destruir a prosperidade, criminalizando as necessárias actividades económicas”. Foi o que disse Wesley J. Smith, do Centro sobre Excepcionalismo Humano do Instituto de Descobrimento.

Num artigo publicado em Maio de 2010 pelo neoconservador The Weekly Standard, Smith disse que “equiparar a extração de recursos e/ou a contaminação com o genocídio trivializa os verdadeiros males como a matança de Ruanda, os campos de extermínio do Camboja, os Gulag (campos de trabalho forçado na União Soviética), e eleva os sistemas ambientais indefinidos ao status moral de populações humanas”. Contudo, Higgins disse que esperava mais oposição além da que já recebeu. “Em certa medida, estou na mira”, afirmou com um sorriso. Para ser reconhecida, a proposta de “ecocídio” deve ser aprovada por pelo menos dois terços dos votos na ONU e adoptada por todos os Estados-membros. Entretanto, a proposta da advogada vai além de dissuadir actividades potencialmente destrutivas e castigar os responsáveis.

“Precisamos de criar amnistia, dar um período de transição onde possamos ajudar as empresas a serem limpas, com soluções verdes, porque necessitamos da actividade das grandes corporações. Não se trata de julgar ninguém”, afirmou Higgins. “Pois, de facto, somos todos cúmplices. A energia que chega à minha casa, por mais que eu queira que procedesse de energias renováveis, não o é. Se conduzo o meu carro estou a usar combustível fóssil”, acrescentou.

Outras, como a Grande Mancha de Lixo do Pacífico – uma gigante pilha de detritos que flutua no norte deste oceano –, as incontáveis árvores cortadas na Amazónia ou das areias de alcatrão do Canadá, não tiveram tanta repercussão, mas também atestam o preço que tem a ambição humana.

Para impedir desastres semelhantes e exigir justiça a nível mundial, a advogada e activista Polly Higgins, radicada em Londres, apresentou, em Abril de 2010, uma proposta legal à Organização das Nações Unidas (ONU) para considerar os danos ambientais graves como crime contra a paz, chamando-os de “ecocídios”. O Tribunal Penal Internacional (TPI) foi criado em 2002 para julgar casos contra quatro tipos de crime contra a paz: genocídio, crimes de guerra, de agressão e contra a humanidade.

“As legislações nacionais ambientais não são suficientes”, disse Higgins. “Temos um enorme dano e destrui-

Mudanças climáticas encarecem manutenção de estradas

As mudanças climáticas deverão encarecer sobremaneira os custos de manutenção de estradas, particularmente em África, onde a extensão de vias pavimentadas ainda é muito reduzida. Segundo uma pesquisa da Universidade das Nações Unidas, nas condições de hoje, África precisaria de um montante extra de 183 biliões de dólares americanos apenas para a manutenção das suas poucas estradas pavimentadas.

Citada pelo jornal britânico “Guardian”, esta pesquisa indica que cada país africano terá de alocar um montante adicional de entre 22-54 milhões de dólares anuais para a manutenção de infra-estruturas rodoviárias já precárias, considerando as suas condições actuais. Refira-se que só em 2008, Moçambique, particularmente, terá investido 65 milhões de dólares para a manutenção de rotina e periódica das suas estradas, cuja extensão totaliza 30 mil quilómetros em todo o país, dos quais menos de 10 mil estão pavimentados. Este tipo de manutenção é realizado anualmente para assegurar a transitabilidade das vias de acesso degradadas durante a época chuvosa. Contudo, essas obras não abrangem todos os cerca de 30 mil quilómetros de estrada existentes no país. Para aquele ano, a Administração Nacional de Estradas (ANE) projectara fazer a manutenção de rotina em 17.600 quilómetros de estrada e a periódica em 719 quilómetros em todo o país.

Certamente, a factura será também cara para Moçambique, que ainda recorre a financiamentos externos para a manutenção rotineira das estradas cuja degradação se acentua na época chuvosa bem como com o calor generalizado e ventos fortes registados anualmente. Segundo o jornal inglês, a previsão da equipa de economistas da Universidade das Nações Unidas não considera o investimento dos países no melhoramento e manutenção de milhões de quilómetros de estradas secundárias que também tendem a deteriorar-se ano após ano.

“Os dados não são exactos, mas mostram como até o mínimo de melhoramento de infra-estruturas – considerado como um pré-requisito para o desenvolvimento económico – será refreado nos países pobres a não ser que se lhes sejam disponibilizados fundos para se adaptarem às mudanças climáticas ou que os países desenvolvidos diminuam as formas de aquecimento descontrolado através da rápida redução de emissões”, escreve a publicação.

Esta pesquisa sobre infra-estruturas rodoviárias coincide com o lançamento de pequenos relatórios solicitados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) a um grupo de 19 países em desenvolvimento sobre as estimativas de custos de adaptação nos próximos 20 anos. Estas estimativas apenas consideram um ou dois sectores da economia de cada país. Os resultados são “chocantes”, considera o jornal, apontando o exemplo da Costa Rica que irá precisar de mais de três biliões de dólares para medidas de adaptação dos sectores de água e biodiversidade aos efeitos das mudanças climáticas.

Em África, destaque vai para o Níger e o Togo, que vão precisar de 2,5 biliões de dólares e 688 milhões, respectivamente, para esse efeito. O Níger pretende encontrar alternativas ao uso combustível lenhoso e adaptar a sua agricultura, enquanto o Togo quer reduzir as suas emissões nos sectores da energia e também adaptar a sua agricultura às mudanças climáticas. Apesar de estas estimativas envolverem poucos sectores de alguns países, a sua totalidade está acima de 100

biliões de dólares. “Estes números não são uma simples lista de desejos de fundos dos países ricos, mas uma avaliação dos custos de redução das emissões em apenas alguns países”, considera o PNUD.

Certamente que África não vai conseguir fazer esses grandes investimentos sem o apoio dos países desenvolvidos. Diversas organizações consideram que os países industrializados têm a obrigação histórica de apoiar os estados mais afectados pelas mudanças climáticas na implementação de medidas de adaptação aos efeitos das mudanças climáticas.

Como disse a ministra para a Coordenação Ambiental, Alcinda Abreu, em Bruxelas no ano passado, Moçambique não pode nem deve pagar, com a vida do seu povo, o preço da industrialização dos outros países.

Particularmente, Moçambique já se ressentiu de mudanças climáticas há mais de 40 anos, segundo indica a pesquisa do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) publicada em 2009. Das respostas possíveis, o INGC recomendou o Governo a liderar a implementação de medidas de adaptação e criação de capacidade para implementar e monitorar essa acção bem como a atrair o sector privado a participar nesse processo.

Entretanto, uma pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em Moçambique, publicada em Maio último, indica que as acções destinadas a abordar as mudanças climáticas, a gestão ambiental e de desastres, não têm sido suficientemente integrada

nos sectores do desenvolvimento do país. “Poucos fundos têm vindo a ser direcionados à abordagem da degradação ambiental, tanto pelo Governo como pelos parceiros, provavelmente devido a dificuldades em avaliar o retorno desses investimentos a longo termo”, refere a pesquisa, que faz o enfoque do impacto das mudanças climáticas para a criança.

O UNICEF considera que sem esses investimentos, a degradação ambiental tem potencial para reduzir consideravelmente ou mesmo reverter os progressos alcançados na sobrevivência da criança, educação e protecção.

“É necessária uma acção urgente para sensibilizar as comunidades sobre a necessidade de reduzir as práticas destrutivas ao ambiente e assegurar que as iniciativas públicas e privadas sejam realizadas de uma maneira ambientalmente sustentável”, indica a pesquisa, sublinhando que “as mudanças climáticas são uma questão que deve ser abordada em cooperação com os parceiros regionais e internacionais de Moçambique”. Informações existentes sublinham igualmente o facto de ainda se estar longe de se providenciar os 30 biliões de dólares anunciados durante a cimeira de Copenhaga em 2009 para financiar medidas de adaptação às mudanças climáticas. Análises do Instituto de Recursos Mundiais (WRI) publicadas no mês passado indicam que o grupo dos 21 países mais industrializados do mundo e a Comissão Europeia anunciaram a concessão de um montante de 28 biliões de dólares para o fundo “fast-track”, mas nenhum montante foi desembolsado até agora./AIM

CARTOON



DESPORTO



BRINDA AOS BONS MOMENTOS DE FUTEBOL

PATROCINADOR OFICIAL DO MOÇAMBOLA 2011



Re(i)posto?

A 15ª jornada chegou e com ela trouxe um novo líder: a Liga Muçulmana. O Ferroviário voltou a sorrir, sendo essa uma das notas de maior destaque.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze



De repente a luta pelo primeiro lugar centrou as atenções do Moçambique. A Liga Muçulmana venceu o Matchedje, o Maxaquene empatou em casa com o Costa do Sol, os dois rivais trocaram de posições e estalou o verniz: cada um interpretou as arbitragens como quis e tratou logo a seguir de colocar pressão nos homens do apito.

Para além destes episódios que acompanham o futebol sempre que a pressão aperta, sobraram mais algumas evidências. A primeira é que a Liga está melhor. A incorporação de Italo, aliada à subida de forma de Momed Hagy, trouxe mais criatividade ao meio-campo. O futebol ganhou outra organização.

No entanto, a Liga continua com velhos vícios: o mais visível é a tendência para complicar o fácil. Podia ter ganho com extrema facilidade. Porém, embrenhou-se em confusão na hora de balançar as redes mili-

tares e ganhou o jogo por via dum grande penalidade polémica.

Na Machava, a equipa de Arnaldo Salvado jogava a liderança. Um vitória deixaria o Maxaquene mais uma jornada no topo da tabela classificativa. O adversário era o Costa do Sol. Um grande que sofreu na primeira volta a fúria tricolor. Foram três golos no reduto canarinho que revelaram um Maxaquene intratável. Porém, a história, nesta jornada, foi desenhada com outros contornos. Apesar de os donos da casa terem entrado fortes, com o apoio dos espectadores, o nulo prevaleceu. Assim, os tricolores foram atingidos por um empate com sabor a derrota. A Liga Muçulmana é agora líder na tabela classificativa, com mais dois pontos do que os tricolores.

Traídos por Mavó

O Vilankulo FC esteve a ganhar em casa até

aos 88 minutos, chegou a ter uma vantagem de um golo, mas um jovem de 38 anos encarregou-se de não dar tudo por perdido. Um golo fantástico de Mavó garantiu um ponto aos homens da hidroeléctrica, que nesta época continuam a ser uma equipa de duas caras.

Os homens da casa até entraram bem e Tendai marcou aos 40 minutos, mas a entrada de Mavó, aos 75 minutos, precipitou o crescimento do HCB de Songo até ao empate no último instante do jogo.

Os dois rostos

Ao Ferroviário de Maputo tudo é possível. Ganha jogos quando ninguém espera e perde de forma impensável. Uma equipa de duas faces. No domingo apresentou o seu lado imparável. Mesmo sem Chiquinho Conde, triturou o Atlético Muçulmano e deu sinais de força.

Luís foi a figura do jogo: deu um, marcou três golos e os locomotivas golearam por um claro 1-4.

Mais abaixo, na luta pela permanência, a 15ª jornada foi muita esclarecedora. Matchedje, Sporting e Atlético Muçulmano perderam.

A derrota mais amarga foi sem dúvida do Atlético Muçulmano. Os muçulmanos, já se sabe, perderam em casa com os locomotivas que, à custa dos três pontos, subiram agora ao sétimo lugar.

O Chingale, recorde-se, já esteve em segundo. Esta semana bateu o Incomáti e continua colado ao Desportivo.

Resultados 15ª Jornada					
Maxaquene	0	x	0	Costa do Sol	
Vilankulo FC	1	x	1	HCB Songo	
Desportivo	0	x	0	Fer. Beira	
Chingale	1	x	0	Incomáti	
Matchedje	0	x	1	Liga Muçulmana	
A. Muçulmano	1	x	4	Fer. Maputo	
Sporting	0	x	1	Fer. Nampula	

Classificação MOÇAMBOLA						
	J	V	E	D	B	P
1º Liga Muçulmana	15	09	03	03	17-8	31
2º Maxaquene	15	08	05	02	19-8	29
3º Desportivo	15	07	04	04	12-8	25
4º Costa do Sol	15	07	03	05	15-15	24
5º Chingale de Tete	15	06	05	03	11-8	24
6º HCB Songo	15	05	07	03	12-8	22
7º Fer. Maputo	15	06	03	06	20-19	21
8º Fer. Beira	15	04	08	03	10-7	20
9º Fer. Nampula	15	06	02	07	20-19	20
10º Incomáti	15	05	03	07	08-12	18
11º Vilankulo FC	15	04	03	06	15-15	17
12º Sporting	15	03	02	09	7-21	12
13º Matchedje	15	03	03	09	12-21	12
14º A. Muçulmano	15	02	04	09	10-21	10

Próxima Jornada (16ª)						
Campo do Costa do Sol	15:00	Costa do Sol	x	Fer. Beira		
Campo	15:00	Incomáti	x	Maxaquene		
Campo da	15:00	Liga Muçulmana	x	Chingale		
Campo do HCB	15:00	HCB Songo	x	Matchedje		
Campo do	15:00	Fer. Maputo	x	Vilankulo FC		
	15:00	Fer. Nampula	x	A. Muçulmano		
1111	15:00	Sporting	x	Desportivo		

MELHORES MARCADORES

6 GOLOS: Chana (Vilankulo FC), Liberty (Maxaquene) e Luís (Fer. Maputo).

5 GOLOS: Dário (Liga Muçulmana) e Tendai (Vilankulo FC).

4 GOLOS: Eboh (Atlético) e Baúte (Desportivo).

Moçambique derrota Suazilândia com golo solitário de Lurdes Mutola

A Selecção Nacional de Futebol de Moçambique venceu (1-0), no último sábado, a sua congénere da Suazilândia, em partida realizada no campo do 1º de Maio, em Maputo, com o único tento marcado pela menina de ouro, aos 35 minutos da segunda parte, após receber um passe do meio-campo, galgar o terreno, isolando-se da defesa contrária e já na área com muita calma fazer o resto.

Texto: Redacção • Foto: womenssoccerfrica

O jogo estava inserido na preparação do combinado nacional que esta quinta-feira viaja para a capital zimbabwiana, onde vai participar de 2 a 9 de julho, no torneio regional da COSAFA. Este torneio estava inicialmente marcado para as Ilhas Reunião mas por razões de ordem financeira foi 'transferido' para Zimbabwe.

Entretanto, o jogo entre Moçambique e Suazilândia serviu basicamente para o primeiro contacto internacional, este ano, para alguns foi a primeira vez nas suas ainda curtas carreiras. A equipa técnica manifestou a sua satisfação, não só pelo resultado positivo, mas porque serviu para unir o grupo para um único objectivo.

Lurdes Mutola fez a diferença numa equipa que ainda precisa de alguma purificação, mas que psicológica e fisicamente



do que tomar parte do torneio, as atenções estão viradas para os Jogos Africanos de Setembro próximo em Maputo. Ainda assim, em Harare, a equipa vai lutar para conquistar os melhores resultados possíveis mas pensando nas olimpíadas africanas.

Depois do jogo de sábado, a equipa técnica escolheu 22 atletas, das quais 20 seguirão viagem para o torneio da COSAFA. Do grupo que se juntou mais tarde, foram escolhidas as seguintes jogadoras: Lurdes Mutola (África do Sul), Josefa e Fazila (Zambézia), Telina e Amélia Jorge (Sofala) e Nelufa (Inhambane).

Contra a Suazilândia moçambique jogou com a seguinte equipa: Celeste; Amélia Jorge, Célia, Meque e Aurora; Aissa, Inês, Amélia Banze e Augusta; Lurdes e Sarita Jacob.

promove um futuro melhor.

Carlos Manuel, treinador da seleção nacional, considerou, no final do jogo, de positiva a exibição da equipa e promove que até quinta-feira, dia da viagem para Harare, serão melhorados alguns aspectos pertinentes.

Segundo ele, foi muito bom vencer, porque isso eleva o espírito do grupo mas mais

Moçambique afunda-se no ranking da FIFA

A derrota da seleção nacional de Moçambique frente à Zâmbia, para além de haver praticamente hipotecado as nossas aspirações de qualificação para o Campeonato Africano da Nações de 2012, também originou a queda da nossa seleção no ranking da FIFA.

Texto: Redacção/FIFA • Foto: Miguel Manguze



Nem a vitória no jogo amigável com a Tanzânia, na inauguração do Estádio Nacional do Zimpeto, amorteceu a queda de 12 posições que colocam os Mambas na posição 106 do ranking.

Recorde-se que há cerca de um ano Moçambique atingiu a sua melhor posição quando esteve na 80ª posição.

Entre as dez melhores seleções, somente as duas primeiras classificadas, Espanha e Holanda, mantiveram as posições. O Brasil, terceiro no mês passado, perdeu pontos e dois lugares, passando a ocupar agora o quinto lugar. O México ganhou 19 posições gra-

cas à conquista da Copa Ouro e chegou ao nono posto, assumindo um lugar entre as dez melhores seleções pela primeira vez desde Julho de 2007.

Movendo-se em direcção oposta está o Uruguai, que perdeu 11 posições e agora ocupa o 18º lugar, depois de ter sido especialmente prejudicado pela desvalorização dos seus bons resultados na fase de grupos da África do Sul 2010. A próxima Copa América, porém, dará a todas as seleções sul-americanas ampla oportunidade de conquistarem mais pontos.

Assinalar ainda as boas prestações de Montenegro (que galgou

oito posições e está em 16º) e Costa do Marfim (em 14º, após subir sete posições), que alcançaram as suas melhores classificações desde que o ranking foi criado.

Várias seleções africanas também tiveram progressos importantes, entre elas Zimbábue (87º, subindo 39 posições), Libéria (125º, subindo 32), Comores (164º, subindo 24), Serra Leoa (95º, subindo 23) e República Centro-Africana (91º, subindo 22).

Ao todo, foram disputadas 131 partidas envolvendo seleções principais desde a edição anterior do Ranking Mundial da FIFA/Coca-Cola: 61 amigáveis, 22 partidas da Copa Ouro e 48 de eliminatórias para copas continentais. Isso eleva a 286 o número total de jogos deste ano.

A expectativa será particularmente grande em relação à próxima edição da classificação mundial, que servirá como base para o sorteio das eliminatórias para a Copa do Mundo da FIFA 2014, a ser realizado no dia 30 de Julho no Rio de Janeiro.

A CAMINHO DOS JOGOS AFRICANOS TÉNIS EM QUADRAS IMPROVISADAS SONHA COM PÓDIO

O ténis de campo é uma modalidade sem grande expressão no país. Uma pequena élite de moçambicanos pratica a modalidade na cidade e província de Maputo, em Nampula e em Lichinga. Moçambique não possui nenhum título africano nesta modalidade, segundo Alberto Nhacale, antigo tenista e actual seleccionador nacional, fundamentalmente porque os nossos atletas não têm conseguido apoios para participar em torneios fora de portas.

Nos campeonatos africanos os atletas nacionais não se fazem presentes e, pela mesma razão – falta de competição internacional – o nosso país não tem nenhum atleta no ranking internacional ATP. No ranking africano mais recente, de Maio de 2011, de um total de 49 atletas masculinos e 71 atletas do sexo feminino, nenhum é moçambicano. Mesmo assim, a Missão Moçambique aposta forte e perspectiva alguns lugares no pódio.

Dez atletas fazem parte da pré-selecção, seis trabalham em Maputo sob a orientação do seleccionador nacional – que recebeu o apoio de um técnico português durante um curto período – dois evoluem no Estados Unidos da América e outros dois preparam-se na África do Sul. Deste naipe, oito atletas deverão ser seleccionados para representar-nos nos X Jogos Africanos onde estarão como grandes favoritos ao pódio atletas da África do Sul, Marrocos, Argélia, Egito, Tunísia, Nigéria e Zimbabwe.

Se os lugares de pódio parecem estar longe, a massificação da modalidade também é um sonho. Salvo algumas escolas privadas a nível de iniciação, o ténis não é praticado. Faltam quadras, não há raquetes e até bolas um pouco por todo o nosso país. Nem mesmo nos novos bairros mais abastados, que como cogumelos vão aparecendo, surgem infra-estruturas novas que possam proporcionar a prática do ténis de campo e, diga-se, mesmo a de outras modalidades.

O seleccionador nacional recorda-se de que o "bichinho" do ténis começou na sua vida quando ainda muito jovem ia aos courts do Tunduro – percorrendo a pé o trajecto da sua casa no bairro do Aeroporto até a baixa – como assistente do seu tio, levando o equipamento às costas. Da curiosidade de miúdo à entrada nas quadras de raquete em punho não teve a vida facilitada. Quase uma década se passou mas, para quem jogava com gosto e treinava com afinco, os resultados começaram a aparecer até despertar a atenção dos treinadores da altura que o formaram até se tornar no profissional vencedor que é hoje.

Um palco improvisado

Na alta competição, uma partida de ténis de campo, entre vários requisitos, precisa de silêncio para a concentração dos jogadores que na quadra estão a jogar.

Quando começou a planificação, atrasada, dos X Jogos Africanos, esta modalidade estava programada para ser disputada no Zimpeto. Factores que desconhecemos, de que ninguém fala, terão originado que o ténis de campo vá ser disputado nos courts do jardim Tunduro, na baixa da cidade.

À parte da degradação do jardim, as quatro quadras existentes não têm padrão internacional. Entre vários aspectos negativos destacam-se o facto de estarem localizadas muito juntas umas das outras, havendo inclusive duas quadras sem nenhuma separação física. Nos planos da reabilitação, já em curso, está prevista a criação de áreas de bancada para espectadores e uma separação com rede entre as quadras abertas. Imaginando que deverão acontecer quatro partidas em simultâneo, grande será, seguramente, a desconcentração dos atletas em competição.

Quiçá possa ser uma vantagem para os atletas moçambicanos, mais habituados a jogar nestas condições!

Adérto Caldeira

O dia em que o River Plate desceu de divisão

Texto: Escrito por Público • Foto: LUSA



O que têm em comum Milan, Juventus, Manchester United, Liverpool, Atlético Madrid e agora River Plate? São clubes históricos que desceram à II Divisão. Um empate (1-1), em Buenos Aires, com o Belgrano, foi insuficiente para evitar a despromoção.

Foi o final de tarde mais dramático da história do River Plate. Com o Estádio Monumental esgotado, os seus adeptos assistiram ao que nunca tinham visto na vida: em 110 anos de história, o seu clube desceu à II Divisão.

O empate com o Belgrano foi insuficiente para o

River, que no primeiro jogo perdeu por 2-0 em Córdoba. Agora, marcou primeiro, logo no início (5 minutos), mas o Belgrano empatou no segundo tempo. E Pavone, herói ao apontar o golo dos "milionários", foi vilão ao falhar um penalty no segundo tempo.

Houve uma troca de posições: o River, clube com mais títulos na Argentina (34 campeonatos contra 29 do Boca) desceu de divisão e o Belgrano tomou o seu lugar.

O jogo terminou mais cedo, já que alguns adeptos invadiram o relvado e o árbitro interrompeu a partida quando faltavam dois minutos para o final. Mas não chegou a reatar o encontro. Os jogadores do River saíram protegidos por um cordão de segurança policial.

As últimas três temporadas, as que contam na Argentina para calcular as médias daqueles que descem, condenaram o River a um "play-off" com o Belgrano de Córdoba, que terminou em quarto lugar na II Divisão.

Restam agora Boca Juniors e Independiente, os únicos que nunca desceram de divisão na Argentina.

Tsonga mais forte do que Federer

Texto: Escrito por Público • Foto: LUSA



Caiu o primeiro dos quatro fabulosos. Roger Federer falhou o acesso às meias-finais do torneio de ténis de Wimbledon, ao perder nos quartos-de-final com o francês Jo-Wilfried Tsonga.

Federer até começou muito bem, vencendo os dois primeiros "sets" (6-3 e 7-6), mas perdeu os dois seguintes, ambos por 6-4.

DESPORTO

COMENTE POR SMS 821115

Santos volta ao topo 48 anos depois

Quase meio século depois de dominar a América com o avassalador esquadrão de Pelé, o Santos voltou ao topo do continente graças a um grupo não menos talentoso, agora comandado por Neymar e Paulo Henrique Ganso. Com autoridade, a equipa derrotou o Peñarol, do Uruguai, na final – no mesmo confronto que em 1962 deu o primeiro título aos santistas –, faturou o tri e deixou a taça da Libertadores pela 15ª vez no Brasil. Foi a consagração da terceira geração dos Meninos da Vila, depois que que a segunda, composta por Robinho e Diego, havia batido na trave com o vice em 2003.

Texto: Redação/FIFA • Foto: Reuters



O título e os 11 jogos de invencibilidade até a final podem até passar a impressão de que a campanha do Santos foi perfeita. Mas o início conturbado prova que a história do tricampeonato não foi sempre um mar de rosas. Com dois empates e uma derrota nas três primeiras jornadas, além de uma troca de técnico – Adílson Batista deixou o cargo após a estreia –, a equipa esteve perto da eliminação, mas soube na hora exata se reerguer.

A vitória sobre o Colo-Colo e a chegada de Muricy Ramalho, que deixara o Fluminense ainda na primeira fase, serviram como impulso para a classificação às eliminatórias. Com a defesa arrumada pelo novo treinador, o ataque também se soltou e nem mesmo a lesão de Ganso após os oitavos de final diminuiu o ritmo dos paulistas.

Após eliminar Once Caldas e Cerro Porteño com vitórias no jogo da primeira mão, o Santos chegou à decisão embalado e fez óptima partida no Pacaembu para derrotar o Peñarol após empate sem golos no Uruguai. Assim como em toda a campanha, Neymar foi mais uma vez a estrela, abrindo o placar no segundo tempo e mostrando a habilidade e maturidade que fazem dele o grande nome do futebol brasileiro no momento.

As lições

O Brasil começou a atual edição do torneio com seis participantes e dava indícios de que poderia mais uma vez dominar as fases finais. No entanto, a queda de aproveitamento começou a evidenciar-se na fase de qualificação, quando o Corinthians foi surpreendido pelo Deportes Tolima. Os demais representantes seguiram adiante, liderados pelo Cruzeiro, que

conquistou 16 dos 18 pontos possíveis com duas goleadas no Estudiantes.

Mas a lição mais dura veio em seguida. Mesmo com a melhor campanha da fase de grupos, a Raposa acabou eliminada já nos oitavos pelo Once Caldas, campeão de 2004. A jornada, aliás, foi traumática para o país: de uma só vez caíram o atual campeão Internacional, Fluminense e Grêmio, cabendo ao Santos a responsabilidade de carregar – e bem – a bandeira verde-amarela.

Além do Once Caldas, os avanços de Peñarol, Vélez Sarsfield e do próprio Santos comprovaram a teoria de que a fase final da Libertadores é mesmo outra competição. As três equipes encontraram dificuldades em seus grupos, mas dominaram rivais que haviam largado bem, como Cerro Porteño (eliminado pelo Santos na semi), Libertad (que sucumbiu diante do Vélez nas quartas) e Universidad Católica (derrotado pelo Peñarol).

As surpresas

Considerar uma equipa pentacampeã da Libertadores como surpresa pode, a princípio, parecer estranho. Mas o fato é que o Peñarol chegou ao torneio sem o moral de outros tempos e ainda passou apuros em seu grupo com as goleadas sofridas para Independiente e LDU. Na sequência, quando muitos davam como certa a eliminação diante do Internacional após um empate no Uruguai e

um golo-relâmpago de Oscar no Beira-Rio, a equipa ressurgiu com a velha garra charrúa e voltou a uma final continental 28 anos mais tarde.

O que também não chegou a ser surpresa, mas, sim, uma confirmação, foi a boa campanha das equipes paraguaias. Além do semifinalista Cerro Porteño, o Libertad alcançou os quartos de final pela quarta vez desde 2006.

Os destaques

Neymar foi a maior estrela da Libertadores, mas o Santos teve outros personagens importantes, a começar por Elano. Coadjuvante na primeira geração dos Meninos da Vila, ele voltou em 2011 mais experiente e foi importante no esquema tático de Muricy Ramalho. Já o jovem Danilo mostrou versatilidade como lateral e volante, ajudando na defesa e marcando golos decisivos como o segundo da final. Menções ainda para o guarda-redes Rafael, que superou o bombardeio do America nas oitavas, e, claro, Paulo Henrique Ganso, maestro da equipa quando esteve em campo.

Do Peñarol, Alejandro Martinuccio e Juan Manuel Olivera foram os grandes nomes. A fase foi tão boa que, após o término da competição, Martinuccio, de 23 anos, passou a ser cobiçado por diversos clubes. Com a mesma idade, o argentino Lucas Pratto foi fundamental na boa trajetória do Universidad Católica, marcando os dois golos na vitória fora de casa sobre o Grêmio.

Os argentinos, aliás, tiveram mais um bom representante em Roberto Nanni, do Cerro Porteño, que desandou a marcar golos na primeira fase e terminou como o melhor marcador, embora não tenha sido tão decisivo na reta final. Para encerrar a lista, vale citar os bons aproveitamentos de Maximiliano Moralez e Juan Manuel Martínez, ambos do Vélez Sarsfield, e do brasileiro Wallyson, autor de sete golos – seis deles na primeira fase.



LIBERTADORES

No quinto e decisivo "set", Tsonga quebrou o serviço a Federer logo no início e venceu outra vez por 6-4, ao fim de três horas e oito minutos.

Esta foi a primeira vez que Federer perdeu um encontro de um torneio do Grand Slam, após estar a vencer por dois "sets".

"Foi fantástico. Joguei de forma inacreditável", confessou o francês, mal terminou o encontro. "É incrível. Ele [Federer] é o maior campeão neste desporto, conseguiu muitas coisas. É o melhor jogador do mundo e estou muito feliz por o ter derrotado, especialmente em relva, que é uma das melhores superfícies dele."

Nas meias-finais, Tsonga defrontará o sérvio Novak Djokovic, que bateu o australiano Bernard Tomic, por 6-2, 3-6, 6-3 e 7-5.

MOTORES

COMENTE POR SMS 821115

Fórmula 1: Sebastian Vettel vence sem problemas pela sexta vez este ano



Texto: Redacção/Agências • Fotos: Lusa

O alemão da Red Bull Racing (RBR) largou na pole position e, enquanto os rivais se revezavam nas posições atrás dele, venceu o GP da Europa de ponta a ponta, sem sustos ou surpresas. Se um erro no fim lhe custou a primeira posição no Canadá, agora Vettel não se importou nem para a nova e polémica regra do mapeamento dos motores: tratou de carregar o seu carro até à linha de chegada e esticou a supremacia no campeonato, com 77 pontos de vantagem na liderança.

Se a nova regra da FIA tinha o objectivo de reduzir o domínio da equipa austriaca, pelo menos em Valência a estratégia não teve efeito. Mas deu para perceber que a Ferrari – e não a McLaren – se consolida como a equipa mais disposta a incomodar a RBR no campeonato. Tanto que atrás de Vettel cruzou Fernando Alonso. Correndo em casa, o espanhol passou a prova toda a disputar a posição com Mark Webber, que completou o pódio em terceiro.

Só então apareceu um McLaren: o de Lewis Hamilton, quarto classificado. Felipe Massa, que teve

problemas na sua segunda paragem nos boxes, chegou em quinto, espremido entre o McLaren de Hamilton e o de Button, sexto classificado.

A corrida

Se o GP do Canadá começou ao ritmo do safety car, o público em Valência viu uma largada de verdade. Enquanto Vettel saltou à frente, Massa saltou para terceiro, ultrapassando de uma só vez Hamilton e Alonso. Ainda tentou cortar Webber, mas o australiano fechou-lhe a porta, e Alonso aproveitou para dar o troco, recuperando a terceira posição. O inglês da McLaren caiu de terceiro para quinto e ganhou logo a companhia do colega de equipa: Button, que tinha perdido a sexta posição para Rosberg na largada, respondeu na sexta volta.

Na 13ª volta, começaram as paragens. Hamilton foi o primeiro do pelotão da frente a ir para as boxes, seguido por Webber, Vettel e Alonso. Massa sentiu o gosto da liderança e parou pouco depois, na 16ª. Voltou em quinto lugar, entre Hamilton e Button.

Desta vez não houve chuva, não houve safety car, não houve interrupção e, principalmente, não houve erro na última volta. As ruas de Valência recolocaram a Fórmula 1 no seu ritmo normal no passado domingo, e Sebastian Vettel retomou a sua rotina de vitórias – foi a sexta em oito etapas da temporada 2011.

Schumacher, que voltava das boxes, forçou para cima de Petrov e viu o russo levar parte da sua asa dianteira. Teve de retornar para trocar o bico inteiro do seu Mercedes e disse adeus à hipótese de uma boa corrida.

O pelotão da frente manteve as suas posições até à 21ª volta, quando Alonso ultrapassou Webber. No fim da recta, o espanhol abriu a asa móvel traseira, passou pelo australiano e assumiu o segundo lugar, para delírio da claqué.

Massa ganhou a quarta posição quando Hamilton parou de novo. Mas a Ferrari voltou a complicar a vida do brasileiro nas boxes. Se a primeira paragem tinha sido boa, com 3.7s, na segunda teve problemas na roda traseira esquerda e levou 8.6s. Voltou na mesma quinta posição, mas se estava a lutar com Hamilton pela quarta, passou a defender-se de Button na luta pela sexta. Para sua sorte, o inglês reclamava com a McLaren do seu Kers.

Enquanto isso, lá à frente, Vettel já começava a ver no horizonte os 25 pontos da vitória. Na 34ª volta, o alemão fez a melhor da corrida até então, com 1m42s420. Atrás dele estava novamente Webber, que tinha tomado a vice-liderança de Alonso após a segunda paragem. Mas o troca-troca entre

o australiano e o espanhol continuou nas paragens seguintes. Alonso retomou a segunda posição e criou um certo conforto para a RBR que vinha atrás, mas

não conseguia chegar nem perto da que estava à frente. Assim se desenhou o pódio em Valência.

Os pilotos descansam este fim-de-semana e voltam à pista no dia 10 de Julho, para o GP da Inglaterra, em Silverstone.

Classificação do Grande Prémio da Europa em Valência

POS.	PILOTO	EQUIPA	TEMPO
1	Vettel	Red Bull-Renault	1h39:36.169
2	Alonso	Ferrari	a 10.891
3	Webber	Red Bull-Renault	a 27.255
4	Hamilton	McLaren-Mercedes	a 46.190
5	Massa	Ferrari	a 51.705
6	Button	McLaren-Mercedes	+ 1:00.000
7	Rosberg	Mercedes	+ 1:38.000
8	Alguersuari	Toro Rosso Ferrari	a 1 volta
9	Sutil	Force India-Mercedes	a 1 volta
10	Heidfeld	Renault	a 1 volta
11	Perez Sauber	Ferrari	a 1 volta
12	Barrichello	Williams-Cosworth	a 1 volta
13	Buemi	Toro Rosso-Ferrari	a 1 volta
14	Di Resta	Force India-Mercedes	a 1 volta
15	Petrov	Renault	a 1 volta
16	Kobayashi	Sauber-Ferrari	a 1 volta
17	Schumacher	Mercedes	a 1 volta
18	Maldonado	Williams-Cosworth	a 1 volta
19	Kovalainen	Lotus-Renault	a 2 voltas
20	Trulli	Lotus-Renault	a 2 voltas
21	Glock	Virgin-Cosworth	a 2 voltas
22	D'Ambrosio	Virgin-Cosworth	a 2 voltas
23	Liuzzi	HRT-Cosworth	a 3 voltas
24	Karthikeyan	HRT-Cosworth	a 3 voltas

Classificação no Mundial de Pilotos

1	Vettel	186 PONTOS
2	Webber	109
3	Button	109
4	Hamilton	97
5	Alonso	87
6	Massa	42
7	Rosberg	32
8	Petrov	31
9	Heidfeld	30
10	Schumacher	26
11	Kobayashi	25
12	Sutil	10
13	Alguersuari	8
14	Buemi	8
15	Barrichello	4
16	Perez	2
17	Di Resta	2

Classificação no Mundial de Construtores

1	Red Bull-Renault	295 P
2	McLaren-Mercedes	206
3	Ferrari	129
4	Renault	61
5	Mercedes	58
6	Sauber-Ferrari	27
7	Toro Rosso-Ferrari	16
8	Force India -Mercedes	12
9	Williams-Cosworth	4

Motos 125cc: Maverick Viñales triunfa pela segunda vez em 2011

Texto: Redacção/Agências • Fotos: Lusa

MotoGP: Ben Spies estreia-se a vencer em Assen

Ben Spies (Yamaha) conquistou a sua primeira vitória no MotoGP em Assen, na Holanda, numa corrida que prometia bastante más que se revelou morna.

Texto: Redacção/Agências • Fotos: Lusa

Autor da pole position, Marco Simoncelli (San Carlo Gresini Honda) acabou por ser protagonista de uma queda logo nas primeiras curvas, arrastando consigo o espanhol Jorge Lorenzo (Yamaha), com os dois a perderem bastante tempo ao saírem de pista. O italiano tentava ultrapassar Lorenzo por dentro mas, ao perder o controlo da sua moto, acabou por acertar na do campeão do mundo, pelo que se prevêem novos capítulos na 'guerra' entre Lorenzo e Simoncelli muito em breve.

Imune a isto, Spies, que já estava no comando, começou des-

de logo a aumentar a distância face aos restantes adversários, com Casey Stoner a manter a sua Repsol Honda no segundo posto mas sem nunca parecer em condições para enfrentar Spies. Assim, o norte-americano venceu com quase oito segundos de vantagem sobre Stoner, ao passo que Andrea Dovizioso colocou a outra Repsol Honda no lugar mais baixo do pódio.

Após uma qualificação bastante complicada, Valentino Rossi levou a sua Ducati até ao quarto posto, numa posição que foi muito celebrada pelo veterano piloto italiano, em especial depois de ter partido do 11º lugar.

Logo atrás ficou Nicky Hayden, também em Ducati, enquanto Lorenzo recuperou ainda até ao sexto lugar, fruto de uma pilotagem agressiva do espanhol, que protagonizou os poucos momentos interessantes da prova.

Colin Edwards, ainda a recuperar da sua fratura na clavícula, finalizou em sétimo na sua Tech 3 Yamaha, com Hiroshi Aoyama a terminar na oitava posição na terceira moto da Repsol Honda. Marco Simoncelli terminou em nono, não sendo desta que conseguiu chegar ao seu primeiro triunfo. O décimo posto ficou para Toni Elias (LCR Honda).



enquanto logo atrás Luis Salom (RW Racing) fazia uma grande prova, com bastantes ultrapassagens arriscadas para finalizar em segundo. Sergio Gadea, companheiro de equipa de Viñales, ficou no terceiro posto e completou um pódio integralmente espanhol.

Em quarto ficou Sandro Cortese (Intact-Racing Team Germany), que pediu por algumas vezes que a direcção de corrida parasse a prova devido à chuva, acabando por ficar frustrado quando tal sucedeu mas já com 75 por cento da prova decorrida e, por conseguinte, com a entrega total dos pontos. Johann Zarco (Avant-AirAsia-Ajo) foi quinto, à frente de Danny Kent (Red Bull Ajo MotorSport), Efren Vazquez (Avant-AirAsia-Ajo) e Jonas Folger (Red Bull Ajo MotorSport), que não tirou partido da ausência de Terol para recuperar muitos pontos no campeonato.

Com o líder da geral, Nico Terol, fora da equação depois de ontem ter sofrido uma queda com consequências físicas (obrigando mesmo a uma intervenção cirúrgica ao dedo mindinho da mão direita em Barcelona), a luta pelo triunfo ficava ainda mais aberta. E foi isso que se verificou, ainda para mais com a presença da chuva que, não sendo muito forte,

caiu de forma incessante ao longo de praticamente toda a corrida e que acabou mesmo por obrigar ao final antecipado da prova a sete voltas do término e com apenas 14 disputadas.

As primeiras voltas proporcionaram muitas lutas, com Maverick Viñales a conseguir chegar ao primeiro posto e não mais o largar,

entre os 14 pilotos que fizeram

parte da corrida.

Responde corretamente à pergunta:

Quantos livros Lina Magaia publicou?

Habilite-se a ganhar os livros "CONTOS DE FUGA" e "POEMAS EM SACOS VAZIOS QUE FICAM DE PÉ".

Envie-nos a sua resposta por sms para 82 1115

entre os 14 pilotos que fizeram

parte da corrida.

Responde corretamente à pergunta:

Quantos livros Lina Magaia publicou?

Habilite-se a ganhar os livros "CONTOS DE FUGA" e "POEMAS EM SACOS VAZIOS QUE FICAM DE PÉ".

Envie-nos a sua resposta por sms para 82 1115

entre os 14 pilotos que fizeram

parte da corrida.

Responde corretamente à pergunta:

Quantos livros Lina Magaia publicou?

Habilite-se a ganhar os livros "CONTOS DE FUGA" e "POEMAS EM SACOS VAZIOS QUE FICAM DE PÉ".

Envie-nos a sua resposta por sms para 82 1115

entre os 14 pilotos que fizeram

parte da corrida.

Responde corretamente à pergunta:

Quantos livros Lina Magaia publicou?

Habilite-se a ganhar os livros "CONTOS DE FUGA" e "POEMAS EM SACOS VAZIOS QUE FICAM DE PÉ".

Envie-nos a sua resposta por sms para 82 1115

entre os 14 pilotos que fizeram

parte da corrida.

Responde corretamente à pergunta:

Quantos livros Lina Magaia publicou?

Habilite-se a ganhar os livros "CONTOS DE FUGA" e "POEMAS EM SACOS VAZIOS QUE FICAM DE PÉ".

Envie-nos a sua resposta por sms para 82 1115

entre os 14 pilotos que fizeram

parte da corrida.

Responde corretamente à pergunta:

Quantos livros Lina Magaia publicou?

Habilite-se a ganhar os livros "CONTOS DE FUGA" e "POEMAS EM SACOS VAZIOS QUE FICAM DE PÉ".

Envie-nos a sua resposta por sms para 82 1115

entre os 14 pilotos que fizeram

parte da corrida.

Responde

Na perspectiva de ajudar a mulher desfavorecida e não só, no acesso ao crédito bancário, vai nascer no país, até princípios do próximo ano, um banco de microfinanças, a ser gerido por um grupo constituído por 15 mulheres moçambicanas de negócios.



com Amélia Franklin



Texto: Victor Bulande • Foto: Miguel Mangueze

É uma pessoa exigente. Talvez por isso, sente-se inquieta com a dependência da mulher em relação ao homem. Porém, acredita que ela é capaz de se emancipar. Nos tempos livres, Amélia gosta de ler e cozinhar. Adora um prato de peixe seco com salada de tomate. Em suma: é uma apreciadora da cozinha moçambicana.

Amélia Franklin conta como foi a sua participação na luta de libertação nacional e os contornos que antecederam a sua eleição ao mais alto cargo daquela colectividade.

Onde e quando é que nasceu?

Nasci no dia 12 de Fevereiro de 1958 na província de Manica.

Onde é que passou a sua infância?

Foi na cidade de Chimoio, onde fiz o ensino primário. Em 1973 ingresso nas Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM) na Frente de Manica e Sofala. Na altura tinha a 6ª classe.

Foi por vontade própria que entrou para as FPLM?

Foi sim.

O que a motivou?

O desejo de lutar pela justiça e pela libertação de Moçambique e dos moçambicanos.

Foi a única?

Não. Éramos um grupo de quatro jovens e eu era a única mulher.

Onde é que recebeu os treinos?

Em Nachingwea, na Tanzânia.

Foram duros?

Tudo o que é treino é duro, principalmente na área militar, mas a vontade de libertar o país e o povo moçambicano falou mais alto.

Com quem treinou?

Treinei com a Verónica Macamo, actual Presidente da Assembleia da República, Alcinda Abreu, ministra dos Recursos Minerais, Pamela Santos, esposa de Marcelino dos Santos, Aurélio Manave, Tobias Dai (era instrutor do centro) e outras figuras. Conheci também o Presidente Samora Machel.

Quando é que deixou o exército?

Depois da independência fui colocada no Ministério do Interior onde permaneço até hoje como quadro sénior.

É casada?

Sou divorciada.

Tem filhos?

Tenho sim. São quatro, duas meninas e dois rapazes, e cinco netos.

O que gosta de fazer nos tempos livres?

Gosto de ler, cozinhar e estar com a família. Gosto também de fazer trabalhos domésticos, tais como engomar, lavar a roupa.

Qual é o seu prato favorito?

Peixe seco com salada de tomate. Gosto também de matapa, chiguinha, cacana e folhas de abóbora com xima.

Que defeito é que tem?

Sou muito exigente. As pessoas podem não entender, mas eu gosto de ver as coisas no seu devido lugar.

E qualidades?

Gosto de trabalhar em equipa e sou muito amiga das pessoas que me rodeiam.

Gosta de música?

Sim. Adoro música romântica, gospel e moçambicana.

Artistas favoritos?

Roberto Carlos, Roberta Miranda, Elvira Viegas e Anita Macuacua.

Em quem se inspira?

Samora Machel, Armando Guebuza, Josina Machel e Nelson Mandela.

O que é que não pode faltar na sua bolsa?

A Bíblia – sou cristã – e o telemóvel.

Qual era o seu sonho de infância?

Era ser professora.

Conseguiu realizar?

Mas ou menos. Nunca estive perante uma turma, mas no meu trabalho tenho a oportunidade de transmitir conhecimentos e experiência às pessoas com quem trabalho.

Lembra-se de algum episódio que tenha marcado a sua vida?

Sim. A minha participação na luta de libertação. Ter de abdicar dos estudos e juntar-me à luta foi uma decisão muito dura de tomar.

O que a levou a concorrer para o cargo de Secretária-Geral da OMM?

Não foi por iniciativa própria que concorri para este cargo, o meu nome foi proposto pelas províncias.

Aceitou logo?

Não, tinha que consultar os meus proponentes e as pessoas mais próximas e elas aconselharam-me a aceitar.

O que as mulheres podem esperar de si?

A continuidade do trabalho que vinha sendo feito pelo elenco anterior, nomeadamente a educação de adultos, capacitação, emancipação e exaltação da mulher e envidar esforços para que a mulher tenha direitos e oportunidades iguais perante o homem.

O que a preocupa na sociedade quando se fala da mulher?

A dependência perante o homem, ela deve ser independente. Vamos fazer de tudo para que ela alcance a independência. Vamos massificar a mulher no combate à pobreza e todos os males com que se debate. Outro problema é a violência contra a mulher e a criança, são males que devem ser combatidos.

Acha que a mulher está preparada?

Está sim, aliás, sempre esteve. Ela está ciente de que o seu papel é fundamental para a construção de uma sociedade próspera.

MULHER

COMENTE POR SMS 821115

A ntyiso wa wansati'

* A verdade da Mulher



Text: Margarida Rebelo Pinto
averdademz@gmail.com

A alquimia, outra vez

Cá estou eu de volta ao meu tema preferido, para lá do sexo e do prazer, para lá da vida e da morte, o amor. Não sei se é de andar a tropeçar em casais felizes, quando a realidade dos últimos anos era constantemente ensombrada por zangas, separações e divórcios à minha volta, fazendo-me pensar que esta era não andava pelos ajustes com os amores ditos normais, aqueles aparentemente sem história que escondem a história dos casais verdadeiramente felizes que precisam de pouca agitação e nenhuma discussão para manter os níveis de interesse, cumplicidade, respeito, entendimento e já agora, de amor na sua essência mais pura.

Enganei-me. À minha volta afinal gravitam casais felizes de vários géneros, sexos e idades, a quem a vida parece correr de feição, e isso traz-me algum conforto e faz-me pensar que afinal não é assim tão difícil construir uma relação estável e duradoura com alguém de quem gostamos e que gosta de nós.

Há quase vinte anos quando era cronista no semanário Olá escrevi um texto que falava da alquimia do amor no qual dizia *o amor não é para os amantes, é para os amados, não é para os solteiros, é para os casados, não é para os casos, é para os namorados. Não quer saber de tempo nem de dinheiro, de vantagens nem de inconvenientes. Não mede prós e contras, não faz contas nem se arrepende.*

Concordo em quase tudo, embora hoje tenha uma visão muito mais terrena. Hoje acredito que os melhores amantes são aqueles que estão casados, que quem é solteiro também sabe amar, mas já não sou tão idealista; o amor precisa de tempo e de dinheiro, precisa que as vantagens suplantem os inconvenientes, precisa de medir os prós e os contras, faz contas à vida e às vezes também se arrepende. Ninguém vive do ar, ninguém vive só para amar, ninguém é tão generoso que não cobre nada ao outro, ninguém é tão altruísta – ou masoquista – que aceite um amor descompensado em que o outro só dê chatices e preocupações. A velha história do amor incondicional já atirou para a sarjeta muitas relações por excesso de zelo de uma das partes. Hoje olho para a realidade com outros olhos, e sem perder o romantismo, vejo uma ideia mais construída do que é o amor.

O amor dá trabalho. O amor exige dedicação e concentração. O amor é feito de escolhas, de cedências e de pequenos gestos todos os dias. Se ficar doente, prefiro que o meu amor me vá comprar vitamina c e aspirinas do que se perca em floristas. Se estou cansada, prefiro que vá ao supermercado por mim em vez de me escrever declarações de amor. E se estou triste, prefiro que me oiça do que me cale a boca a dizer que me ama.

O verdadeiro amor, aquele que é feito no terreno, tem de ser resistente à vida, à realidade, às pequenas contrariedades e aos grandes problemas, ou então não é bem amor. Até pode ser um amorzinho querido, mas não tem aquela força, aquela garra, aquela alquimia que faz com que o amor vença e prevaleça.

Não basta vontade, é preciso disciplina. E já agora, muito riso e algum siso; juntos, operam milagres.

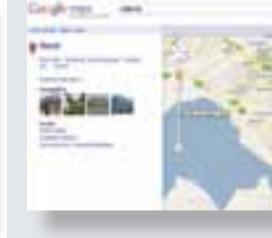
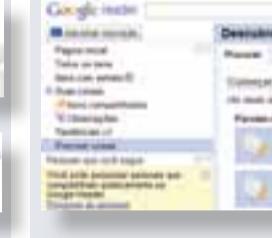
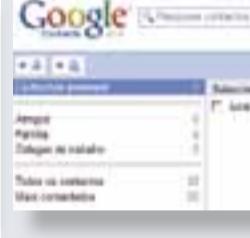
Com seis horas de exposição solar será possível, num futuro próximo, carregar telemóveis, e mesmo computadores, utilizando um "protector de ecrã" especial. O dispositivo chama-se WYSIPS e estará no mercado, segundo informações da companhia francesa com o mesmo nome, em 2012.

Sete serviços do Google para organizar a sua vida

Utilidade: esta é a palavra de ordem dentro do Google, uma das maiores empresas de Internet e tecnologia do mundo. Desde a fundação da companhia, em 1998, vários projectos interessantes nasceram e morreram por falta de interesse do público. Aqueles que sobreviveram, contudo, oferecem recursos inovadores e, acima de tudo, úteis aos consumidores. É o caso do Docs, que permite a criação e compartilhamento de documentos e planilhas on-line. Óptimo para organizar a vida – pessoal e profissional. Eis outras mãozinhas que o Google oferece aos seus usuários.

Texto: Revista Veja • Fotos: Google

1 PICASA Permite a edição e gestão de fotos na Internet. Funciona em conjunto com um site de compartilhamento de arquivos que possibilita a publicação das imagens na rede, o Picasa Web Albums. O serviço foi criado em 2002 e adquirido pelo Google em 2004.	2 CONTACTOS O serviço armazena a agenda de contactos do usuário e sincroniza-a com os dados presentes no sistema de e-mails do Google, o Gmail. Um ponto forte do serviço é o facto de ele ser acessível a partir de celulares e tablets. Ou seja, é a unificação das agendas de contactos presentes em computadores e em dispositivos móveis.	3 DOCS É um dos serviços mais populares da empresa. Oferece ferramentas que rivalizam com as presentes no pacote Office, da Microsoft, como editor de textos, planilha electrónica, plataforma para criação de apresentações e até um módulo para desenhos. O Docs também permite a criação de formulários para a realização de pesquisas com usuários.	4 CALENDAR Permite reunir todos os compromissos do usuário num calendário virtual, que pode ser consultado a partir de qualquer computador ou smartphone. O serviço fornece recursos para a criação de diferentes agendas e também o compartilhamento dessas informações com os contactos do usuário, como colegas de trabalho.	5 TRANSLATE Oferece o serviço de tradução de textos em quase 60 idiomas. É possível traduzir artigos completos e até páginas da Internet, o que possibilita acesso a conhecimentos que, de outra forma, ficariam vedados a muitos usuários. É importante observar, contudo, que o sistema de tradução está longe da perfeição, e erros e imprecisões no trabalho são comuns. Ainda assim, o saldo é positivo.	6 READER O Google conseguiu integrar o leitor de notícias e interface no sistema de correio electrónico Gmail. Basta colocar o endereço do site desejado e, se o RSS estiver disponível, o recurso actualizará a lista sempre que houver uma novidade. O usuário também pode compartilhar links interessantes com os seus contactos.	7 MAPS Já é um recurso quase obrigatório para quem anda pelas ruas e quer chegar a um destino desconhecido. Óptimo para calcular o trajecto de um ponto a outro (de casa ao trabalho, por exemplo) ou mesmo criar roteiros de viagem. O serviço oferece diversas ferramentas, como informações sobre condições de trânsito e fotos. A partir de celular ou tablets, pode ser utilizado como uma espécie de GPS gratuito.
--	--	---	---	---	--	--



O grande susto da Sony

No rescaldo dos casos de pirataria da PlayStation, a empresa japonesa não tem escolha e precisa de reencontrar o caminho da inovação.

Texto: The Guardian • Fotos: Courier internacional

Quer saber qual é o equivalente digital de uma maré negra? Imagine que piratas se conseguem infiltrar na rede de uma empresa e roubam dados privados de 100 milhões de utilizadores. Eis o drama que atinge o galês Sir Howard Stringer, o primeiro não japonês a liderar a Sony desde a sua criação, há 65 anos. Mais ou menos a posição de Tony Hayward, o patrão da BP, quando a plataforma Deepwater Horizon explodiu ao largo da costa do Luisiana na Primavera de 2010. Pelo menos no caso da Sony não há mortos a contabilizar. Mas desde que se soube que a PlayStation Network (PSN, 77 milhões de utilizadores) e a Sony Online Entertainment Network (SOE, 25 milhões de utilizadores) tinham sido pirateadas, Howard Stringer tem-se desfeito em desculpas e promessas de reposição da ordem.

A Sony, enquanto marca, conseguirá recuperar a antiga glória?

Foi ela que inventou o walkman. Que durante algum tempo dominou o mercado das consolas e dos jogos com a PlayStation. E conquistou o mercado norte-americano com o Trinitron, na década de 1970.

E hoje?

Quando falamos de música pensamos no iPod da Apple, que acombarcou o mercado de música digital desde o seu lançamento, em Outubro de 2001. A Wii, da Nintendo, e a Xbox 360 vendem mais do que a PlayStation 3, e o mercado

dos aparelhos de televisão é implacável. Reina a necessidade de redução dos custos e as margens são mais pequenas do que a espessura dos ecrãs que estarão na moda no ano que vem. É um mercado onde ninguém lidera. Neil Gaught, da Gaught Conlon, uma empresa de consultoria especializada, estima que a Sony gastou todo o capital de reputação de que dispunha, ao não conseguir manter a ligação emocional com os clientes. Ao não vender produtos que eles de facto "adorem" (termo amplamente utilizado pelos utilizadores da Apple), a empresa sacrificou-se no altar da concorrência e dos preços.

Então o que resta da Sony? A empresa é só Howard Stringer?

Os problemas já lá estavam antes de ele ser chamado a liderar o grupo, em 2005. Há dez anos, quando os engenheiros da Apple produziam em segredo o primeiro iPod, tremiam de medo só de pensar que a Sony pudesse entrar no então incipiente e embrionário mercado de leitores de MP3, e arrasar a concorrência. Tinha sido a Sony a dar início ao mercado da "música em movimento" com a invenção do walkman em 1978. O minidisc deu origem a outra revolução na década de 1990. Jon Rubinstein, director da Apple, afirmava, na altura, que era uma questão de tempo até o gigante japonês ter sucesso nesse novo mercado. "Julgávamo-nos que estávamos um ano à frente da Sony e dos outros", contou Jon



Rubinstein a Steven Levy, autor do livro *The perfect thing* (O objecto perfeito, ed. Simon & Schuster, não publicado em português), acerca da invenção e do sucesso do iPod. "Nunca nos passou pela cabeça termos cinco anos de avanço."

Como é que a Sony se conseguiu enganar tanto?

Que aconteceu ao seu lendário dom? À medida que cresceu, a empresa viu os seus armazéns aumentarem, para desespero de Howard Stringer que bem quis integrar as diferentes operações da empresa. Em

vão. Basta ver a panóplia de produtos – dos sensores ópticos às máquinas fotográficas, passando pelos serviços financeiros, que financiam a venda ou aluguer dos mesmos – para perceber que o tamanho da Sony é, simultaneamente, a sua força e a sua fraqueza. A sua grande desvantagem é o facto de estar exposta ao mercado de produtos económicos de grande consumo que já dominou. "Quando recuamos duas ou três décadas, vemos que a Sony 'era' a referência dos consumidores de electrónica", explica Peter Shankman, consultor sénior da empresa.

"Quando pensávamos comprar material audiovisual era a palavra Sony que nos vinha à cabeça. Não que a marca tivesse perdido credibilidade, mas não reagiu tão depressa como as outras." A PlayStation dominou o sector, mas chegou tarde com o lançamento da PS3. A parceria Sony Ericsson falhou porque o iPhone da Apple cativou todos os clientes.

E agora?

No mundo dos profissionais de vídeo, a reputação da Sony continua intacta. Mas para o mercado dos computadores,

televisões, máquinas fotográficas, alta-fidelidade e, claro, dos leitores de MP3 é só mais uma marca a disputar a atenção dos consumidores.

Então, qual é o seu argumento-chave para vender?

Howard Stringer vangloria-se do 3D como experiência unificadora. Mas os utilizadores não parecem muito entusiasmados, sobretudo por causa da incompatibilidade entre os formatos propostos pela Sony e os dos rivais. Apesar de tudo, Peter Shankman diz ser pouco provável que a maré negra digital da pirataria à PSN e à SOE afecte jogadores e compradores. "O pai e a mãe não consultam o Mashable (sítio de informação sobre tecnologias de ponta). Os miúdos de 15 anos da rede PSN provavelmente usaram o cartão de crédito dos pais. Só quando, de repente, perceberem que o seu cartão foi utilizado em grandes consumos, cuja responsabilidade pode ser imputada à Sony, é que vão começar os problemas. Mas o caso não poderia ter acontecido na melhor altura do ano, ou seja, bem longe do Natal. E a Sony fica impune."

E o futuro?

"Não devemos acreditar que tenham sido derrotados", acrescenta Peter Shankman. "Tudo o que precisam é de um produto, um sucesso, e regressarão em força. Mas posso dizer uma coisa, seja qual for o produto, não vai ser um ecrã de 52 polegadas."

A implementação em Moçambique do novo acordo ortográfico vai custar pelo menos 100 milhões de dólares, disse o ministro da Educação, Zeferino Martins, que prometeu para 2012 a discussão parlamentar do projecto. Nós queremos saber a sua opinião sobre o novo acordo ortográfico envie-nos um SMS para 821115, ou um email para averdademz@gmail.com ou um tweet para @verdademz.

@Verdade

PLATEIA

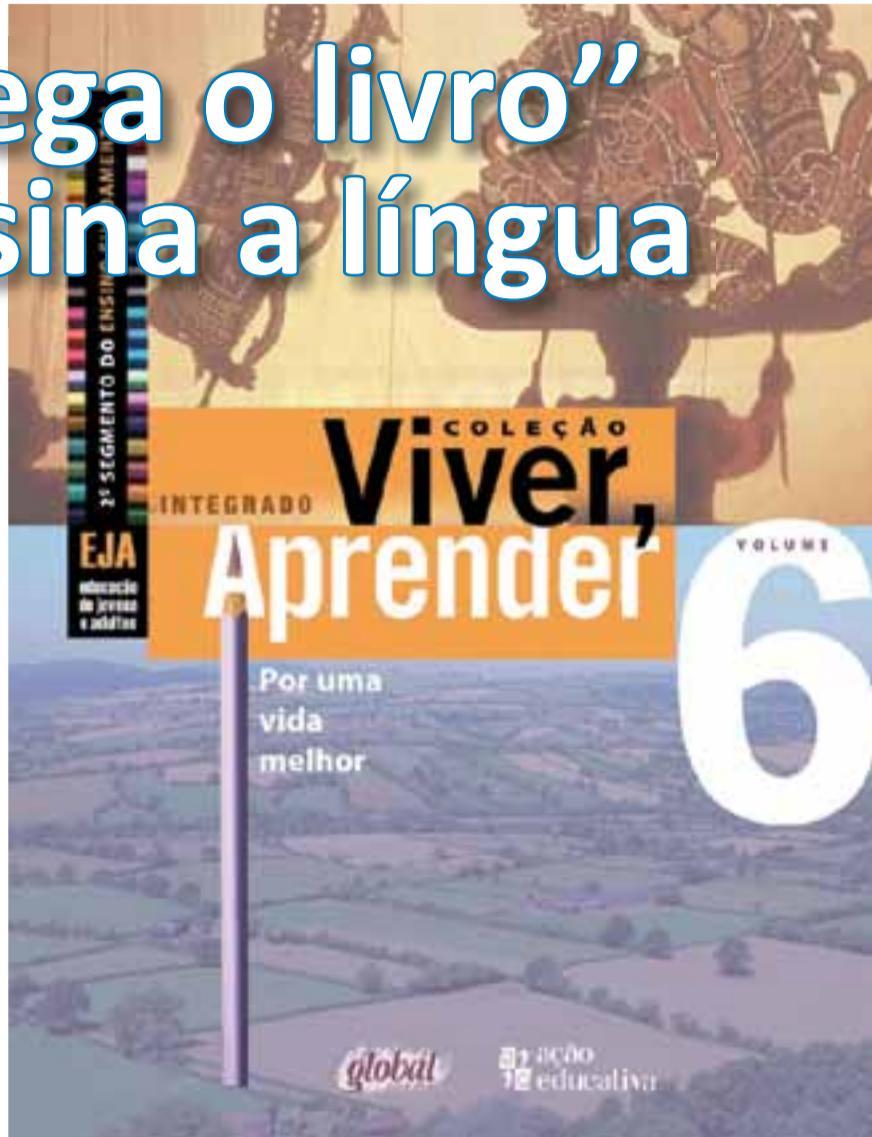
01 • Julho • 2011

Suplemento Cultural

“Nós pega o livro” e assassina a língua

Livro distribuído pelo Ministério da Educação do Brasil tolera erros gramaticais como “os livro” e “nós pega”. Assassina o português, prejudica a aprendizagem de meio milhão de alunos e atrasa o desenvolvimento.*

Texto: Revista ISTO É • Foto: ipco



Imagine a seguinte cena: na sala de aula, o adolescente levanta o braço para perguntar à professora se ele pode falar “nós pega o peixe”. Acto continuo, a mestre pede ao jovem para consultar o livro *Por uma Vida Melhor* e dar uma olhada na página 16.

Sedento por conhecimento, o aluno acompanha com olhos curiosos enquanto a docente lê o trecho proposto. O garoto, enfim, sacia a dúvida: sim, ele pode falar “nós pega o peixe”. Está escrito ali, claro como a soma de dois mais dois numa cartilha de matemática.

Com nuances diferentes, a situação descrita acima provavelmente vai-se repetir em milhares de escolas públicas de todo o país. Não é difícil calcular os efeitos nefastos no futuro dos 485 mil estudantes do ensino fundamental que devem receber a obra distribuída pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do Programa Nacional do Livro Didático.

Da autoria da professora Heloísa Campos e outros dois educadores, *Por uma Vida Melhor* defende a ideia de que erros gramaticais são aceitáveis na língua falada. Para Heloísa, frases como “os livro ilustrado mais interessante estão emprestado” (tal pérola aparece em destaque no material) não podem ser condenadas se forem expressas verbalmente. Mesmo que numa sala de aula. Autora desconhecida, sem grandes feitos na área da educação, Heloísa viu-se

no centro de uma polémica que envolveu escritores, linguistas e professores. Por mais que alguma voz aqui e ali tenha defendido os argumentos de Heloísa, além dos eternos demagogos de plantão, a maioria esmagadora condenou os seus métodos de ensino. Uma das mais importantes escritoras brasileiras, Nélida Piñon tem autoridade – como poucos, a propósito – para falar sobre a língua portuguesa. Eis o seu veredito: “O livro confirma a tese de que esteve sempre em curso no Brasil o projecto de manter uma legião de brasileiros como cidadãos de segunda classe”, diz a autora de *Vozes no Deserto*.

Escritor que conseguiu a rara combinação de fazer sucesso junto ao público e, ao mesmo tempo, conquistar a crítica, Fernando Morais está indignado. “Esse livro é uma barbaridade”, diz o biógrafo do jornalista Assis Chateaubriand. “Trata-se de um desastre, o oposto do que é pregado por uma pessoa minimamente civilizada.”

Linguista com décadas de serviços prestados à educação brasileira e ex-professor da Unifesp, Francisco da Silva Borba amplia a discussão. “O aluno tem que ser ensinado”, diz. “Se tolerar infracções às regras, então para que serve a escola?”

continua Pag. 29 →

O legado de Fernando Amado Couto



Centenas de pessoas, muitas delas destacados membros do partido Frelimo, encheram no dia 23 de Junho – quinta-feira da semana passada – a principal sala do centro de conferências do Indy Congress & Spa para o lançamento do livro da autoria do empresário Fernando Amado Couto intitulado “Moçambique 1974 – O fim do Império e o Nascimento de uma Nação”. A obra, composta por 473 páginas, tem a chancela da Ndjira, e foi escrita, fundamentalmente, segundo Couto, “para dar a conhecer ao povo, às gerações mais novas, o que foi uma determinada época da história do nosso país.”

continua Pag. 28 →



Pandza

Helder Faife
helder.faife@yahoo.com.br



O meu salário

No princípio, o meu salário hesitava, como um vulcão hesita a erupção, com aquele tímido mas imponente rugido. Estas hesitações salariais abalaram as placas tectónicas que me estruturaram as finanças. Com o salário assim, comecei a falhar nos timings das contas domésticas, provocando violentas tempestades no humor na minha esposa. No final do mês, como *tsunamis* enfurecidos, facturas de prazos vencidos apareciam com multas que arrasavam o orçamento geral lá de casa.

Eu, um cidadão em vias de desenvolvimento, estava longe de erradicar a pobreza absoluta do meu agregado familiar mas, habituado a uma vida de carências, aguentava-me e sobrevivia aos adiamentos salariais. Decretei sérias medidas de austeridade lá em casa e passei a empreender em pequenos empréstimos para garantir a cesta básica atempada: tinha crédito na banca de legumes da vizinha, na mercearia de rua montada na esquina, e mantinha conta corrente na tasca do bairro.

Quando o salário começou a dar avisos mais sérios de mau tempo com a gravidade dos seus atrasos, perdi a capacidade de gerir as dívidas. Um dia, de repente, o salário não veio mais.

Com o salário em estiagem, navegando em dívidas, sem parceiros económicos, nem FMI que me injectasse algum, naufraguei numa crise financeira. Mudei de comportamento e passei a andar pelas sombras, pelos cantos, mudando cirurgicamente de trajecto, para evitar os pontos de dívida nos pequenos comerciantes da vizinhança. Aos credores que me visitassem a resposta era simples: “Papá não está”. Valeu-me fama de aldrabão.

Na tasca da esquina as dívidas espumavam e transbordavam os copos. O barman cancelou-me os créditos e os amigos (amigos?) das tardes, noites e madrugadas animadas, partilhando por vezes o mesmo gargalo, afastaram-se como hienas interesseiras. O desequilíbrio nas finanças valeu-me a alcunha de crava. Tragédia: não tinha onde beber para afogar as dívidas.

Pior do que a minha dívida externa, eram a dívidas internas lá de casa. Por estas alturas já não era respeitado. Por instinto de sobrevivência, as minhas filhas, adolescentes ainda, começaram a ter negociações com investidores estrangeiros, que lhes pagavam a escola e pizzas. A minha esposa, que já me respondia alto e torto, arranjou no vizinho um saco azul. Quando por falta de pagamento cortaram a energia e quase cortaram água, foi o vizinho, com quem muitas vezes fora vista, quem regularizou as facturas.

Um dia, desesperado, deparei com uma oportunidade, aquela que faz o ladrão. Mas no meu caso foram as dificuldades que quase me fizeram ladrão. Em desespero roubei um telemóvel e tive tratamento de ladrão. Enquanto uns me pontapeavam e outros assistiam sem pena, caí aos pés dum a mulher de pouca idade. Era a minha filha de 14 anos. Endireitou os óculos escuros e, como se não me conhecesse, entrou para o carro do senhor que lhe melhorava o PIB per capita, fazia parte do rancho lá de casa.

Chefia da família em final de mandato, Demitido do cargo de pai e de marido, senti-me despromovido da condição de homem. Naquela tarde, com os hematomas ainda frescos, olhos mortiços, recostei-me no balcão do bar, inclinando penosamente a cabeça sobre a palma da mão, e o braço apoiado no tampo. Racionalizando o que me restava no copo de cerveja, até que uma alma caridosa me oferecesse outro, falava sozinho, nem os meus botões me queriam ouvir. Decidi: vou-me suicidar!

Àquela hora ninguém estava em casa. A única corda que tínhamos era a do estendal. Cortei-a e amarrei-a no candeeiro da sala. “Por vingança, vou-me suicidar aqui mesmo, no meio da sala” pensei.

Fiz na corda aquele nó de gravata, cachecol dos desesperados. Subi para a mesa de jantar, onde deixei um bilhete claro com o título bem visível: “Adeus”. Com o laço no pescoço, saltei da mesa.

Antes de sentir a força estrangular-me, senti um baque doloroso. A corda rebentou. “Sou um falhado, nem suicidar-me consigo”, pensei. Naquele instante a minha mulher entrava na sala com o “coc, coc!” do salto alto em que se emancipou, e um cesto de compras feitas provavelmente com o cartão de crédito do vizinho. Olhou para mim, caído naquela posição caricata, com a corda no pescoço. Leu o bilhete suicida em cima da mesa, abanou a cabeça e com a boca torta disse: “Tsc!”, e foi para a cozinha.

Eu quis chorar, mas em vez de lágrimas tive um súbito ataque de risos, e comecei a rir-me da minha desgraça. No dia seguinte, o salário veio. Já era tarde, eu tinha decretado falência. Saí de casa, falava e ria com o vento. Até hoje moro na rua, e nunca mais parei de rir.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação → O legado de Fernando Amado Couto



A mesa de honra reunia gente ilustre só ultrapassável, em importância, no lançamento da autobiografia do ex-presidente Joaquim Chissano no passado mês de Março. Assim, sentaram-se com o autor, Fernando Amado Couto, o Primeiro-Ministro Aires Ali, o ex-presidente Joaquim Chissano e os ex-ministros Alberto Chipande, José Luís Cabaço, Óscar Monteiro e Rui Baltasar. Os quatro últimos foram-se levantando à vez para tecer algumas palavras sobre a obra. Todos dispensavam apresentações, mas a mestre de cerimónia insistiu em fazer um breve BI de cada um, mesmo depois de dizer que dispensavam apresentações.

Disposta em 10 capítulos, "Moçambique – O Fim do Império e o Nascimento da Nação" não esconde, nem pretende esconder, o posicionamento político do autor: engajamento na causa independentista, revolucionária, adesão

de corpo e alma à Frelimo, "o único representante legítimo do povo moçambicano." Aliás, os próprios títulos e subtítulos dos capítulos denunciam claramente o colonialismo, o racismo – com epicentro na Beira – e os males de uma guerra perdida porque de um lado já não há vontade de lutar, particularmente visíveis em "A PIDE vai ao cinema", "A UDI moçambicana" ou a "PIDE e a Boss: as secretas alianças".

Título enganador

Rui Baltasar, o apresentador "oficial", abriu as intervenções chamando a atenção para o "título enganador" e para "a estrutura interna algo caótica ou desorganizada" de "Moçambique 1974 – O Fim do Império e o Nascimento da Nação". Em relação ao primeiro "este Moçambique 74 começa na realidade lá muito atrás, talvez nos inícios da década de 60 e não vai além dos Acordos de Lusaka e de um algo apressado capítulo final sobre o governo de transição. Fica, assim, bastante 74 por descascar." No que concerne ao segundo, a desorganização, "faz-nos dar saltos no tempo, que ao fim e ao cabo acaba por tornar mais saborosa a leitura pois cada capítulo arrasta-se por uma nova e diferente aventura. Tudo escrito num estilo simples e directo, desprestensioso, numa linguagem como que de reportagem, por alguma razão passou pelo jornalismo, a lembrar-nos que Moçambique

não começa nem acaba lá onde se planearam e se acabaram lutas nem na sua capital, arrastando-nos para uma abordagem que eu classificaria de egocêntrica ou, se me é permitido, centrocêntrico." Noutro desenvolvimento, referiu: "O livro faz-nos mergulhar e ver com outras lentes acontecimentos recentes. Traz à memória colectiva dos moçambicanos personagens, movimentações, contatos e conspirações que são outras tantas pistas para reencontrar o passado e de o melhor o investigar se quisermos compreender o presente para poder enfrentar os desafios do futuro."

Para Óscar Monteiro o livro trouxe-lhe à memória os debates do dia 27 de Abril, quando a Frelimo teve que tomar uma atitude em relação ao 25 de Abril. "A declaração de Vítor Alves, em nome dos capitães, tinha uma última alínea que dizia que a solução para o problema do ultramar era política e não militar. Era só isso. O livro faz ressaltar sobre este aspecto." Óscar Monteiro realçou também, a "intenção branca" que se seguiu aos acordos de Lusaka, "o segundo 7 de Setembro, o da contra-independência. Um 7 de Setembro branco, mas sombrio de ameaças." No fim referiu: "Ajuda (o livro) também a pensar no que poderia ter sido mas não foi. Espero que seja para todos parte de uma longa catarse na reconciliação entre povos e nações. Dentro de Moçambique, na África do Sul com a África do Sul, em Portugal e com Portugal, para juntos enfrentarmos um mundo sempre mais difícil com a alma limpa e o coração aberto."

Nos 'ismos' só havia lugar para colonialismo

Já José Luís Cabaço preferiu partilhar com a assistência as recorda-

ções dos episódios que viveu com o autor no jornal "Notícias", naquele período do governo de transição quando Cabaço foi director-adjunto e Fernando Couto um jovem redactor que havia interrompido o curso de Direito em Lisboa para abraçar a causa da independência. "Lendo este livro comovi-me e revi alguns momentos importantes da minha juventude. Em Maio de 1974 assumi as funções de director-adjunto do "Notícias" e nessa altura já a grande maioria dos jornalistas era da Frelimo. Ele (Fernando Couto) estava ansioso por se inserir numa frente qualquer, e começámos a trabalhar juntos." Mais adiante contou: "A minha vida dentro da redacção não era fácil. Os jovens redactores eram muito mais dinâmicos. Eles queriam avançar muito depressa. Lembro-me de cortar todas as palavras que terminavam em 'ismo' excepto colonialismo. Eles ficavam furiosos, diziam que eu não acompanhava o ritmo da revolução. Mas ficámos camaradas e amigos. O pai dele também levou alguns riscos! Tudo o que não pôde dizer em 50 anos queria dizer agora, e então também foi preciso que ele desse o exemplo."

Naquela época o "Notícias" "era um centro militante." Mas "não houve exercício profissional mais motivante do que trabalhar no jornal", recordou ainda Cabaço. Aquele ex-dirigente lembrou ainda que as tiragens e as vendas do jornal não baixaram quando a Frelimo começou a controlar o "Notícias". "O colono comprava o jornal para se irritar, mas não deixava de comprar." Cabaço contou ainda que o jornal, a par do grupo dos Democratas de Moçambique, era o principal centro de ódio dos colonos mais assanhados. "O jornal era um espaço que lhes havia sido retirado. Até foi duas vezes ataca-

do, uma das com explosivos. Mas mesmo assim acabámos por sair da parte da tarde."

Um legado para as gerações vindouras

Joaquim Alberto Chipande foi o último dos convidados a pegar a palavra e, em jeito de comício, – há quem tenha visto nesta intervenção uma pré-campanha presidencial – disse que a obra trazia o espírito da resistência ao colonialismo. "O caminho que percorremos para chegar à independência não foi fácil. Não foi só ter um hino nacional, uma bandeira e uma constituição! Cumprimos o nosso programa de uma forma inabalável, e isso é transmitido aqui no livro. De nós diziam: 'Esses não vão governar o país nem uma semana!' Mas ainda estamos aqui, embora com proble-



mas.' reflectem a forma caótica como fui fazendo o livro. Terá lacunas, terá omissões, mas deixo-as para serem colmatadas porque isso enriquece o debate e a vida do nosso país." Já a terminar lembrou o pai "a quem toda a família muito deve. Ele soube-nos educar num contexto colonial de determinada maneira e ensinar-nos desde pequenos que o futuro de Moçambique, o futuro do território onde estávamos a viver, era a independência, contrariando todos os princípios de educação que se ensinavam nas escolas."

No final, Amado Couto fez saber que todo o espólio utilizado na sua pesquisa iria ser integralmente doado à Fundação Joaquim Chissano porque "a pesquisa tem de ser continuada e para que isso aconteça tem de estar ao serviço de uma instituição." E, olhando para Chissano, concluiu: "Faço isto para o desafiar e para ajudá-lo a completar mais facilmente as suas memórias."

Do povo para o povo!

Texto e Fotos: Inocêncio Albino

Com cerca de 2000 minutos de imagem, 100 documentários, sete salas de cinema (das quais, cinco improvisadas), uma multiplicidade temática e de nacionalidades, arranca esta semana a II edição do Fórum do Cinema de Curta Metragem – Kugoma. A ter lugar na cidade e periferia de Maputo, em dez dias, a iniciativa irá devolver ao povo o que dele se captou – a imagem.

Segundo a organização, o objectivo da iniciativa é divulgar e promover o cinema no país, com prioridade para as obras que, sendo produzidas localmente, "não são acessíveis a largas camadas da sociedade moçambicana".

Semelhante à experiência da edição passada, este ano a mostra de filmes será feita ao ar livre. Assim, a terminal de chapas da Marinha, na KaTembe, o campo de futebol, no mítico bairro da Mafalala, o pelado desportivo de KapeKape, no de Chamaculo, a Escola Nacional de Artes Visuais, no bairro do Aeroporto, são alguns lugares do subúrbio de Maputo que acolhem o II Kugoma.

A estes juntam-se o Centro Cultural Franco-Moçambicano, a Escola Secundária Francisco Manyanga e o Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema, onde se estreou o festival, esta quinta feira.

Temas diversificados como os que se prendem à realidade política, nacionalista, da cultura e tradição dos povos; sobre as artes e os artistas, bem como acerca de valores como a solidariedade, o amor e o ódio serão explorados num evento em que a imagem perpassa a realidade cinematográfica nacional.

Como tal, além de realizadores mo-

çambicanos e africanos, em geral, o II Kugoma conta com a participação de documentários de realizadores da Espanha, França, Portugal e Brasil.

Aliás, em relação ao Brasil, o Kugoma acomoda algumas mostras do Festival Curta Santos, realizado naquele país latino-americano. Em relação a Portugal, destaca-se o filme "Apesar da solarenga tarde lá fora" – primeiro filme do realizador português Renato Chagas, que retrata uma crise conjugal de um casal moçambicano.

Tal como o Dockanema – Festival Internacional de Cinema Documentário, realizado anualmente em Maputo, o Kugoma é mais uma força que orienta o documentário moçambicano à reconquista do seu espaço na cena do audiovisual nacional.

Olhares para o Território – projecto paralelo

Gweva – a mulher na luta pela sobrevivência

"Olhares para o Território" é como se chama o projecto à margem do qual, em 15 dias de formação, 16 jovens sem nenhuma experiência cinematográfica, em três filmes, aumentaram a produção de documentários "machamba" do cinema nacional.

Com "Gweva", "Paragem" e "Outra face", os novos realizadores retrat-

tam o sofrimento dos moçambicanos de maneiras diferentes. E tem mérito porque – não cegando a vista para a triste realidade local – reportando-a pelo audiovisual, tensionam transformá-la em benefício de todos.

Não é obra do acaso que o director executivo do projecto, Andrés Morote, em jeito de auto, defesa afirma:

"A escolha dos temas foi da iniciativa dos formandos, de maneiras que não há nenhum cunho ideológico por parte dos financiadores do projecto". Com alguma frieza, até certo ponto cómica, as imagens referem-se à pobreza urbana, bem como à inoperância do nosso sistema de transportes na capital. A produção dos documentários obedeceu ao padrão cinematográfico internacional.

Para a equipa do "Olhares sobre o Território", documentar a vida da dona Amélia em "Gweva", acaba por ser "uma aula didáctica para os realizadores sobre como ser uma revendedora de hortaliças", como comenta a protagonista.

De qualquer modo, Amélia, assume-se como a maior beneficiária da iniciativa. "Estou feliz não somente pela gravação do filme, mas, acima de tudo, pela amizade que se desenvolveu com o pessoal do projecto".

Mulher batalhadora

Na verdade, o documentário "Gweva", de apenas 20 minutos, conta histórias de vidas humanas, em particular a mulher, na luta pela sobrevivência. "Escolhi reportar a história da dona Amélia como forma de revelar as dificuldades e os sacrifícios que nós, as mulheres, fazemos para sustentar as nossas famílias", conta Lina, a responsável pela produção externa do filme.

No entanto, mais do que reportar a vida de Amélia, Lina (que vive maritalmente, e com dois filhos) é um retrato fiel das idiosyncrasies da mulher. "O filme é um apelo para que pessoas de boa vontade possam ajudar a dona Amélia. Tenho passado por situações similares. Não obstante, sendo formanda, não podia retratar a minha vida".

De seu nome completo Lina José Machai, esta mulher (que aprendeu da oficina artística algumas técnicas de entrevista) abriga nas entradas da sua alma os mais ambiciosos sonhos. Interrompeu a escola em 2005, quando transitou para a 9ª classe.

"Desde criança sempre sonhei em ser jornalista, porque gosto de revelar aspectos da vida que os outros não sabiam".

Paragem

Em "Paragem" – o filme sobre a crise dos transportes em Maputo – os realizadores impregnam a película do semblante preocupado de muitos moçambicanos que vêm o esforço diário, na luta contra a pobreza, reduzido a nada pela inoperância do sistema de transportes.

E mais, no documentário, "a degra-

dação dos valores morais, o desrespeito aos mais velhos, a falta de solidariedade para com os mais necessitados" são alguns problemas que daí derivam.

Mas, o documentário não somente se limita à grande maioria da população – os que dependem do "chapa" – mas igualmente aos que apesar de possuírem viaturas próprias, são sujeitos a contornar o congestionamento de algumas rotas a que se assiste nas estradas da capital.

Octávio de Sousa, estudante de Ciências Políticas na Universidade Eduardo Mondlane, e co-produtor da curta-metragem "Paragem" reporta que teve uma experiência fantástica. Primeiro, "por ter aprendido a fazer e, por fim, por retratar uma realidade que nos atinge".

Por isso, a aposta é aceitar o desafio de "levar à película a crítica social nas próximas realizações". Muito em particular quando se recorda de que "uma imagem equivale a mais de mil palavras". Acredito que através das imagens – captadas de forma simples e barata – podemos contribuir muito para o desenvolvimento do país, relatando os problemas para ver se algo muda".



O artista plástico Kheko Lualuali (Afonso Joaquim Macuáua) inaugurou, na última quarta-feira, no Instituto Camões - Centro Cultural Português, a sua oitava exposição de pintura denominada "Percursos". Com 18 obras expostas, a mesma estará patente até o dia 12 de Julho.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação → "Nós pega o livro" e assassina a língua

Apartheid linguístico

Sob diversos aspectos, *Por uma Vida Melhor* tem potencial para piorar a existência de meio milhão de brasileiros. Se realmente for levado a sério pelas escolas públicas, a obra vai condenar esses jovens a uma escuridão cultural sem precedente. Ao dificultar o aprendizado da norma correta, os professores da ignorância terão criado uma espécie de "apartheid linguístico", para usar uma expressão do ex-ministro da Educação, Cristovam Buarque. De um lado, os ricos e bem instruídos. Do outro, os jovens reféns da falta de conhecimento gramatical.

Se é evidente que o livro assassina a língua portuguesa, na medida em que diz que o aluno pode, na fala, escolher usar a concordância ou não, por que diabos ele teve o aval do MEC? Procurado, Fernando Haddad, o actual ministro da pasta, não se quis pronunciar. A autora Heloísa Campos, pelo menos, não se furtou ao dever de defender a sua obra. "Falar 'os livro' do ponto de vista da linguagem popular não é

um erro", diz a professora. "A nossa abordagem é de acolher a fala que o aluno traz da sua comunidade. A cultura dele é tão válida como qualquer outra."

Embora não faça referências directas, Heloísa repete as máximas do livro "Preconceito linguístico", do professor e escritor Marcos Bagno, que faz certo sucesso entre educadores modernos por colocar questões políticas e ideológicas na discussão. Bagno afirma que a linguagem reproduz desigualdades sociais – como se isso fosse uma descoberta assombrosa.

É claro que sim. A questão não é essa. Em vez de manter o jovem que não domina a língua imerso na triste ignorância a pretexto de preservar suas raízes culturais –, porque não retirá-lo de lá?

Falar correctamente não é o primeiro passo para, no avanço seguinte, escrever melhor? Escrever melhor não representa uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional? Tente conseguir um emprego falando "nós vai" e

você certamente terá as suas chances reduzidas a zero. É simples.

Validar erros grosseiros

Pode ser bonito, pode ser simpático, pode ser ousado defender o direito de as pessoas cometerem barbaridades gramaticais, mas na vida prática isso é uma tragédia. É claro que todos nós cometemos erros ao falar – intencionais ou não –, como é óbvio que, em certos ambientes, se expressar como um decano da linguística pode soar arrogante e desnecessário.

Mas, na vida real, falar minimamente correctamente só traz vantagens e são justamente essas vantagens que autores como Heloísa Campos desprezam.

"Uma coisa é compreender a evolução da língua, que é um organismo vivo, a outra é validar erros grosseiros", diz Marcos Vilaça, presidente da Academia Brasileira de Letras. "É como ensinar tabuada errada. Quatro vezes três é sempre 12, na periferia ou no palácio."

Mesmo para aqueles que, em tese, defendem a abordagem de Heloísa, o livro é visto como uma obra menor. "Não há nenhuma novidade no que o livro diz", afirma o professor de português Pasquale Cipriano Neto. "Ele tem uma ou outra passagem meio ingénua, pueril, mas no todo cumpre o seu papel."

Para um país que nos últimos anos vem registando índices de crescimento assombrosos e tem a ambição de reduzir o abismo da desigualdade social, a educação é talvez a arma mais poderosa que existe.

Nesse campo, conforme estudiosos internacionais demonstram, o Brasil está encalhado na rabeira global. Aqui pouco se lê, pouco se estuda, pouco valor se dá ao conhecimento. Não é hora de mudar? A língua, como já observaram pesquisadores importantes, é um elemento que traduz a identidade nacional. É um instrumento de unificação – e não de segregação entre os que sabem e os que não merecem saber. Ela é, acima de tudo, um princípio de cidadania.

Financiar material que emburrece

Diante da onda de protestos provocada pela notícia da distribuição de *Por uma Vida Melhor*, é possível que o livro encontre alguma resistência entre os professores. A procuradora da República Janice Ascari, do Ministério Públiso Federal, afirmou que a Justiça provavelmente receberá uma avalanche de ações contra a publicação.

Ela própria foi incisiva no seu blogue. "Vocês estão desperdiçando dinheiro público com material que emburrece em vez de instruir", escreveu Janice. "Essa conduta é inadmissível." Se as ações vingarem, os jovens terão a chance de dizer, alto e bom som: "Nós pegamos o peixe".

A polémica sobre os livros didáticos distribuídos pelo MEC não foi a única a atormentar o ministro Fernando Haddad nos últimos tempos. O episódio da fraude no Enem (Exame Nacional do Ensino Médico) em 2009, quando foram roubadas provas dentro da gráfica responsável pela

confecção dos testes, foi mais uma das suas trapalhadas.

No ano seguinte, constatou-se erro na impressão das provas – e de novo a responsabilidade recaiu sobre o Ministério da Educação. À época, os exames correram sério risco de serem cancelados, o que acabou por não acontecer. Os equívocos não param por aí.

Neste ano, surgiu a denúncia de fraudes no Prouni (Programa Universidade para Todos), com estudantes beneficiados pelo programa, mas que não se enquadravam nos limites de renda. Ao mesmo tempo, veio à tona o episódio da sobra de vagas, principalmente no caso de bolsas parciais e no programa de educação à distância, o que demonstraria uma falha administrativa.

Para aumentar o desgaste de Haddad, entidades internacionais de fomento não cansam de advertir que o grande gargalo ao desenvolvimento do Brasil continua a ser o baixo nível da educação.

*Texto não editado e fiel ao publicado no Brasil

Morreua a escritora solidária

Texto e Foto: João Vaz de Almada

As letras moçambicanas estão de luto desde a tarde da passada segunda-feira, quando a morte foi ao encontro da escritora Lina Magaia na sua casa do bairro do Triunfo, em Maputo. Há cerca de um mês, Magaia sofreu um AVC tendo sido internada de urgência no Instituto do Coração. A casa regressara há uma semana com a saúde muito debilitada. Contava 66 anos.

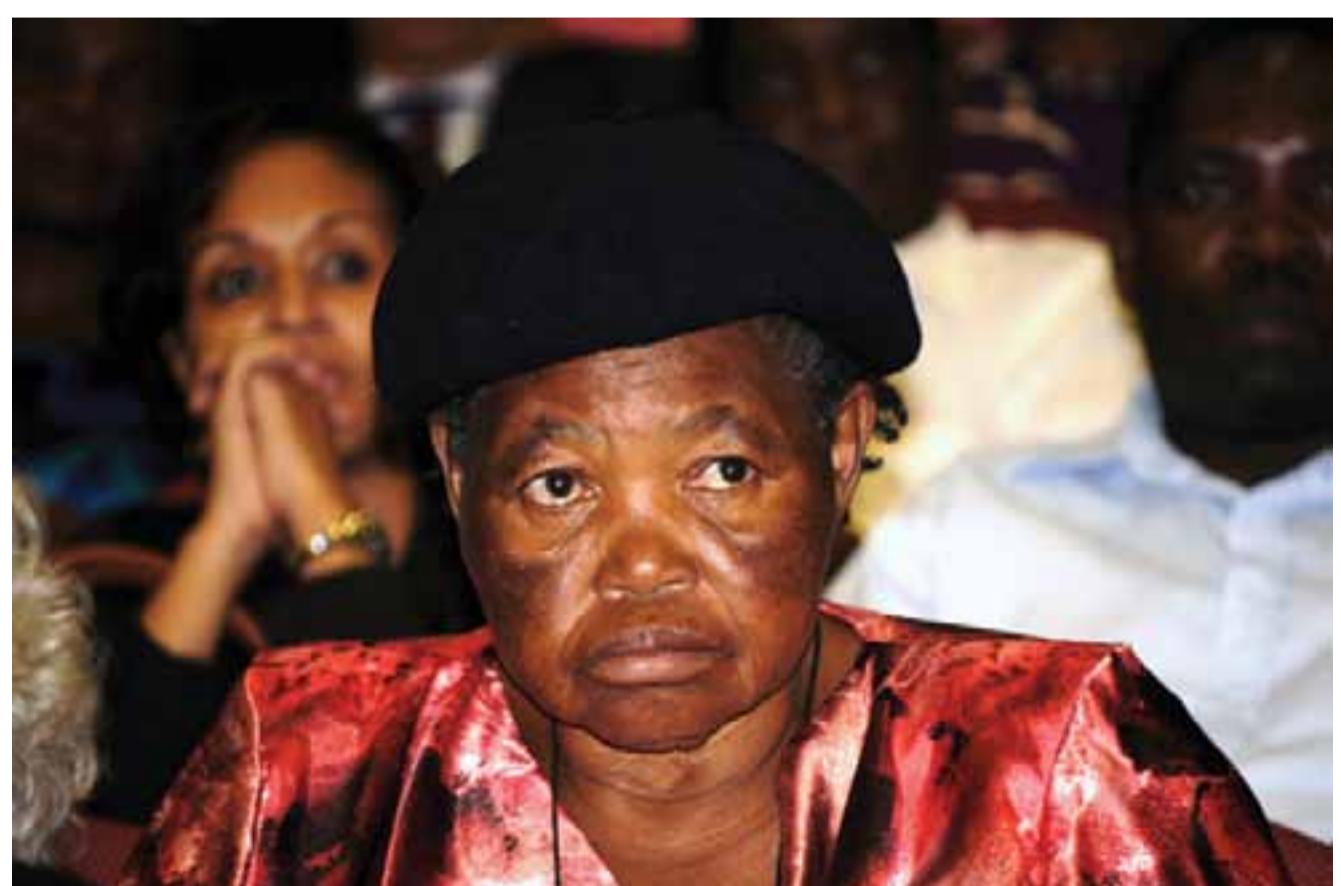
contra a criminalidade, sugerindo mesmo a necessidade de uma segunda "Operação Produção" para os criminosos.

Antes disso, deu à estampa vá-

cial que o nosso país viveu um pouco antes da independência até aos anos '90. Vale a pena ler sobretudo o "Dumba-Nengue", refere ao @ VERDADE Lucílio Manjate, professor de literatura

estava muito preocupada em discutir estéticas literárias mas sim em passar pensamentos e ideias que de alguma forma estavam em tensão, em conflito. É uma literatura funcional, que

últimas aparições teve lugar na cerimónia de lançamento da autobiografia do ex-presidente Joaquim Chissano no anfiteatro da universidade "A Politécnica".



"Conhecia-a desde os meus 15 anos. Como pessoa sempre se caracterizou por ser uma rapariga muito dinâmica, extremamente consciente e muito lutadora, primeiro pela libertação nacional e depois pelos valores culturais. Fez teatro, cinema, escreveu para os jornais", refere o professor Calane da Silva instado pelo @ VERDADE a falar sobre Lina Magaia. E prossegue: "Realizei um filme, "Maputo Mulher", em que ela entrou como actriz. Teve um desempenho fantástico!" Calane não tem pejo em afirmar que Lina "era uma mulher que punha os pontos nos i, criticava fortemente quando as coisas não lhe agradavam. Possuía também um aspecto que é muito moçambicano: a solidariedade. Estava sempre preocupada com os outros."

Lina Júlia Francisco Magaia nasceu em Maputo, no ano de 1945. Na juventude, integrou o Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos, antes de ir para Portugal com uma bolsa de estudos. Após ter conhecimento da prisão do irmão Albino, – jornalista recentemente falecido

– engajou-se na causa da independência nacional, juntando-se à Frelimo na Tanzânia, já na segunda metade dos anos '60. Aqui, integrou o Destacamento Feminino das Forças Populares de Libertação de Moçambique, atingindo um lugar de destaque na organização.

Após a independência do país começou a escrever com mais regularidade, sobretudo a partir dos anos '80 e '90. O desenvolvimento agrícola foi outra das causas que abraçou com vigor custando-lhe a 'engolir' o facto de que um país tão rico agricola estivesse tão dependente do exterior. Insurgiu-se contra a falta de subsídios agrícolas dizendo que "é inconcebível que num país onde se diz que a agricultura é a base do desenvolvimento se recuse a conceder créditos a agricultores, alegando que tal constitui uma operação de risco."

No primeiro parlamento democraticamente eleito saído das eleições de 1994, onde foi deputada pelo partido Frelimo, Lina Magaia travou duras batalhas pelos direitos humanos, e

rias obras como "Duplo Massacre em Moçambique", "Histórias Trágicas do Banditismo", "Dumba-Nengue" e "Deletha" que retratam a guerra civil que o país viveu entre 1977 e 1992. "A obra da Lina Magaia deixou-nos um legado histórico no sentido em que procura trazer toda uma atmosfera político-so-

comparada da UEM. "Na minha perspectiva é mais um arquivo, no bom sentido de termo, porque permite-nos regressar a esse passado e captar aquilo que foram as angústias da guerra depois da independência."

Em relação à sua escrita, Manjate considera-a "muito próxima do depoimento." "Ela não

abraça uma causa, engajada nesse sentido. Isto reflecte-se no estilo dela: directo, coloquial, que nunca perde de vista o seu objectivo principal que é a informação."

Ultimamente, com a saúde debilitada, Lina Magaia era pouco vista em público. Uma das suas

O seu último livro, "Recordações da Vovó Marta", resultou de uma série de conversas informais com Marta Mbocota Guebuza – mãe do chefe de Estado, Armando Emílio Guebuza. Esta seria a primeira de uma série de biografias que Lina Magaia planeava escrever nos próximos tempos. A doença roubou-lhe os planos.

O Sindicato Nacional de Jornalistas realiza, no próximo dia 30 de Junho corrente, na cidade de Maputo, um seminário de consultação aos jornalistas sobre a revisão da Lei de Minas, número 14/2002 e sobre a iniciativa de transparéncia na Indústria Extractiva.

Moçambicana vence Prémio CNN Jornalista Africano de 2011

No dia em que Moçambique comemorou 36 anos de independência, sexta-feira passada, uma jornalista e apresentadora moçambicana conquistou o mais prestigiado troféu do jornalismo em África, o Prémio CNN Multichoice Jornalista Africano, na categoria de Notícias Gerais de Expressão Portuguesa. Selma Marivate é o seu nome.

Texto: Adérito Caldeira • Foto: Hush@jadephoto



A reportagem vencedora é sobre o movimento Rastafari em Moçambique – foi produzida, e difundida, em meados de 2010 no programa Contacto Directo da TV Miramar – em que Selma leva o telespectador a uma viagem à sua cultura, explica-nos como vivem e fala-nos da filosofia de vida desta seita muitas vezes olhada com desconfiança pela sociedade.

"Selma soube encontrar nesta reportagem o balanço entre a objectividade e a criatividade. Uma história que começa por ser apenas interessante acaba por ser muito profunda e com muito trabalho investigativo", comentou o jornalista da CNN Pedro Pinto, um dos membros do júri independente.

Linda e emocionada, a jornalista moçambicana recebeu o prémio no Centro de Convenções de Sandton, na cidade de Johanesburgo, na África do Sul, das mãos de Arlindo Lopes, também membro do júri independente.

Na cerimónia da gala, Selma começou por agradecer a Deus pelo prémio, não descartando o apoio do seu marido, dos seus colegas e da administração da TV Miramar – o canal de maior audiência em Moçambique – que tem dado suporte para que reportagens como estas possam ser produzidas e dedicou o prémio aos moçambicanos.

A grande vencedora



Os outros premiados

Na categoria de Arte e Cultura, o prémio foi para o jornalista freelancer Kofi Akpabli, do Gana, que já havia vencido

o mesmo troféu em 2010, e este ano impressionou o júri com uma história, publicada pelo jornal Daily Graphic, sobre uma bebida alcoólica quase tradicional no seu país, a Akpeteshie.

A cobertura de um assunto muito técnico de forma simples e atractiva valeu à jornalista egípcia Lamia Hassan, do jornal Business Today, o prémio na categoria de Meio Ambiente.

O prémio na categoria de Jornalismo Digital foi atribuído, pelo segundo ano consecutivo, à equipa do DispatchOnline da África do Sul, que criou e mantém em funcionamento um website sobre os problemas, sonhos e esperanças dos alunos e professores de uma pequena localidade na zona do Eastern Cape, Mbizana.

Na categoria de Desporto o troféu coube ao jornalista queniano Kamau Mutunga, da revista DN2, com um artigo sobre superstições no futebol do seu país mas com uma visão que transporta o leitor até França e Brasil.

Na categoria de Reportagens para TV o prémio foi para Lindile Mpanza, da ETV da África do Sul, que expôs de forma abrangente e clara um problema que aflige muitas pessoas pobres num dos países mais desenvolvidos do continente. Lindile passou muito tempo na aldeia para ganhar a confiança das suas personagens, jovens seqüestradas e vítimas de abusos, e até conseguiu falar com um dos abusadores.

Na categoria de Saúde e Medicina o prémio foi para Oluwatosi Ogunseye, jornalista do Punch da Nigéria, com um bom artigo de investigação. Segundo o júri, "É jornalismo e activismo no seu melhor porque após a publicação da história algo foi feito para melhorar a situação retratada.

O prémio Notícias Gerais Impressas de Expressão Francesa o troféu foi para Rabin Bhujun com uma reportagem investigativa sobre a influência das castas familiares no sistema político das Maurícias.

Na categoria de Notícias Gerais TV/ Rádio de Expressão Francesa a vencedora foi a jornalista Claudine Efoa

Atohoun, da Rádio ORTB do Benin, com uma reportagem cativante onde as técnicas de reportagens radiofónicas estão brilhantemente aplicadas.

O prémio da categoria de Turismo foi para Benon Herbet Oluka, do jornal Daily Monitor do Uganda, que num artigo bem documentado explica as razões que levam os ugandeses a não visitar os seus museus.

Muitas peças jornalísticas têm sido feitas sobre HIV/SIDA. Apesar de em muitas delas começar a parecer que já tudo foi escrito sobre o assunto, a jornalista Beryl Ooro, do canal televisivo K24 do Quénia, conseguiu fazer uma reportagem fascinante, apresentando uma perspectiva inteiramente nova que mostra que um grupo de idosos (octogenários), até então considerado fora de risco, também pode ser vulnerável.

O Prémio Fotográfico "Mohamed Amin" foi atribuído a um freelancer do Uganda. Norman Katende fez as imagens, que correram o mundo, das explosões que aconteceram no Uganda durante o Mundial de futebol.

Farouk Kayondo, do canal televisivo UBC do Uganda, conseguiu mostrar um outro lado da cidade de classe mundial, Johanesburgo, durante o Mundial de futebol e conquistou o prémio na categoria de Boletins Noticiosos de TV. Numa pequena vila pobre, os habitantes, mesmo sem energia eléctrica viveram as emoções do torneio usando uma bateria de automóvel.

Um reportagem que consegue levar os ouvintes a sentir-se a andar e a presenciar crimes ignorados em Johanesburgo valeu o Prémio na categoria de Boletins Noticiosos de Rádio à jornalista sul-africana Melini Moses.

Na categoria de Economia e Negócios o troféu foi atribuído a Sylvia Chebet e Kimanji Githeo do canal televisivo Citizen do Quénia com uma reportagem que mostra que Economia não é apenas uma abordagem sobre números. Os jornalistas contaram a história dos habitantes de uma localidade remota onde falar ao telemóvel os obrigava a caminhar muitos quilómetros e até subirem a um monte. Depois de exibida, uma empresa de telefonia móvel acabou por colocar uma antena melhorando a vida nessa localidade.

Liberdade de Imprensa

Todos os anos o júri do prémio CNN e Multichoice reconhece também os jornalistas que pelo seu trabalho em



condições de enorme pressão, e contra forte oposição muitas vezes de grupos poderosos e mesmo governos, levam ao público informação importante sem se preocuparem com as consequências para a sua vida, através do Prémio de Liberdade de Imprensa. Em 2011 o galardoado foi Mahamud Abdi Jama, editor de um



jornal independente e privado publicado da Somália, o Wa-aheen.

Mahamud foi condenado a três anos de prisão e multado devido a uma história sobre corrupção na Função Pública.

Depois de o governo ser alvo de pressão, Mahamud recebeu um perdão presidencial e foi libertado depois de passar mais de um mês na prisão.

Como afirmam todos os jornalistas reconhecidos por estes prémios da CNN e da Multichoice, o troféu é um estímulo muito grande para

as suas carreiras e um incentivo para continuarem o seu árduo trabalho. Mahamud acrescenta que depois deste reconhecimento já não tem medo de voltar a ser preso se tiver de escrever algum outro artigo.

Os moçambicanos poderão assistir pela televisão à gala de entrega destes prémios no programa 'Inside Africa' da CNN International este sábado, 2 de Julho, pelas 19h30, ou na RTP África, em dia a anunciar, durante o mês de Julho.



Programação da

CARTAZ
COMENTE POR SMS 821115



Segunda a Sábado 20h35

CORDEL ENCANTADO

Herculano repreende Cícero e Jesuíno por deixarem o acampamento. Filó conta para Antônia que viu Cícero. Inácio confessa a Miguézim que sente falta de Antônia. Úrsula se compromete a ajudar Virtuosa e Euzébio a se portar no baile, mas arma contra eles. Doutor Sergio fica comovido com a forma com que Inácio trata os necessitados em Vila da Cruz. Penélope se recusa a divulgar a inauguração do gerador. Quiquiqui canta para Téisha a prosa escrita por Setembrino. Neusa questiona as histórias de Farid. Bel convida Penélope para sair. Miguézim afirma que Açucena não pode ser coroada e observa a tiara que Augusto pretender dar a ela. Euzébio diz à filha que eles precisam recuperar a medalhinha que ela vendeu. Augusto vê Janaína usando uma medalha de um membro da corte. Dora convida Jesuíno para ir à inauguração da casa de forró. Petrus decide ir ao baile. Úrsula garante a Timóteo que entregará Açucena para ele.

Segunda a Sábado 21h35

MORDE & ASSOPRA

Carol pede um tempo para pensar na proposta de André. Vitória reclama de Douglas para Bibi. Cortez pede para Wagner tentar colocá-lo sozinho em uma cela. Wanda comenta com Natalie sobre o sumiço do filho. Norma destrata Léo. Ismael marca um encontro com Eunice em seu hotel. Gabino se entristece com a despedida de Fabíola. Eunice tenta se entumar com Lourdes. Vinícius revela-se cada vez mais intolerante. Carol aceita morar com André. Cortez comenta com Wagner sobre sua desconfiança sobre o sumiço de Léo. Douglas acredita que se casará com Bibi. Wanda pede que Raul a ajude a encontrar Léo. Beto vai à casa de Daisy e se diverte com ela, Olívia e Gabino. Vitória sugere que Pedro e Marina contratem um detetive para encontrar Léo. Wagner avisa a Norma que Cortez quer se vingar de Léo.

Salomé procura Oséas e avisa que Fernando vai fugir com Lavínia. Ícaro conta para Naomi que Rafael tem leucemia e precisará de um transplante de medula. Rafael conversa com Naomi robô e des-

Segunda a Sábado 22h45

INSENSATO CORAÇÃO

cobre que ela está magoada com Ícaro. Tutu depõe na delegacia e desmente o alibi de Akira. Guilherme procura Herculano e oferece a guarda do filho.

Júlia leva o avô para a fazenda e ele pede para pintar um retrato de Hortência. Celeste, com a ajuda de Áureo, cozinha novamente para Abner e provoca uma briga entre Júlia e o fazendeiro. Wilson descobre que Pimentel fez planos de passar uns dias no SPA e comenta com Augusta que Élcio ainda está sendo procurado pela polícia. Wilson deixa uma foto de Élcio com Xavier para tentar reconhecê-lo.

Élcio se disfarça de Elaine para sair do SPA e vê Wilson e Xavier. Hortência estranha a amizade de Áureo e Celeste. Marcos aconselha Cristiano a aproveitar a vida antes de querer casar. Virgínia fala em casamento com Isaías e ele se esquiva. Guilherme inicia o processo de transferência da guarda do filho para os avós maternos. Dora apoia Fernando a fugir com Lavínia. Naomi visita Salomé.

Ismael tranca Léo em seu quarto e Norma despista Wanda. Marina e Pedro planejam seu casamento. Cecília termina o namoro com Vinícius. Roni é perseguido na rua. Douglas defende Cortez em um jantar na casa de Vitória. Daisy conta para Fabíola detalhes sobre a conversa que teve com Alice. Serginho consegue agradar Kléber. Beto fica atordoado quando Alice afirma que Daisy é apaixonada por ele. André diz para Leila que está namorando Carol. Gabino vai à casa de Fabíola. Léo é humilhado por Ismael e Jandira. Pedro e Marina pensam na lua de mel. Leila admite para Cecília que ficou abalada ao saber que André está namorando Carol. Vinícius se desentende com Rafa por causa de Cecília. Natalie e Douglas confortam Roni. Daisy pede demissão. Pedro e Marina descobrem que Léo sumiu. André pergunta se Carol quer morar com ele.

KUGOMA

DIA LOCAL & HORÁRIO	01.06 Sexta	02.06 Sábado	03.06 Domingo	04.06 Segunda	05.06 Terça	06.06 Quarta	07.06 Quinta	08.06 Sexta	09.06 Sábado	10.06 Domingo
MAFALALA Cineclube	FAVELA 1	MOZ 6	MOZ 2					MOZ 5	CURTA SANTOS 3	MOZ 3
	HISTÓRIAS DE MENINOS 1 SOMBRADO AO VIVO	FAVELA 2	HISTÓRIAS DE MENINOS 2 SOMBRADO AO VIVO					ÁFRICA CURTAS + STILL MOTION	MOZ 4	
KA TEMBE Terminal da Marinha	MOZ 2	HISTÓRIAS DE MENINOS 1 SOMBRADO AO VIVO	MOZ 5					HISTÓRIAS DE MENINOS 2 SOMBRADO AO VIVO	MOZ 3	ÁFRICA CURTAS + STILL MOTION
	MOZ 4	FAVELA 1	FAVELA 2					CURTA SANTOS 1	MOZ 6	
AEROPORTO Esc. Nac. das Artes Visuais	MOZ 3	ANIMAÇÃO 1	ANIMAÇÃO 2		OLHARES REALIZADORES	VIDEOARTE IMIGRAÇÃO SOMBRADO AO VIVO	REDE JOVEM 1	REDE JOVEM 2	HISTÓRIAS DE MENINOS 1 SOMBRADO AO VIVO	MOZ 4
	MOZ 6	HISTÓRIAS DE MENINOS 2 SOMBRADO AO VIVO	FAVELA 1					FAVELA 2	EBELE OKOYE + STILL MOTION	
CHAMANCULO Cine do Kage Kage	HISTÓRIAS DE MENINOS 1 SOMBRADO AO VIVO	MOZ 2	HISTÓRIAS DE MENINOS 2 SOMBRADO AO VIVO					MOZ 4	MOZ 5	MOZ 6
	CURTA SANTOS 2	ÁFRICA CURTAS + STILL MOTION	MOZ 3					FAVELA 1	FAVELA 2	
INSTITUTO NACIONAL DE AUDIOVISUAL E CINEMA				PORTUGAL DOCS 1	PORTUGAL DOCS 2	PORTUGAL FICÇÃO	CURTA SANTOS SOMBRADO AO FESTIVAL	MOZ ESTREIAS REALIZADORES		
CENTRO CULTURAL FRANCO MOÇAMBICANO	MOZ ESTREIAS REALIZADORES	ÁFRICA CURTAS BRASIL EXPERIMENTAL		PLANETA TERRA	OLHARES REALIZADORES	VIDEOARTE IMIGRAÇÃO SOMBRADO AO VIVO	EBELE OKOYE + STILL MOTION	MOZ 1 REALIZADORES		

HORÓSCOPO - Previsão de 01.07 a 07.07**carneiro**

21 de Março a 20 de Abril

touro



21 de Abril a 20 de Maio

Sentimental: Tudo se conjuga para que esta semana seja muito agradável. Uma maior aproximação do seu par será mais que suficiente, para desencadear momentos muito agradáveis. Para aqueles que não têm par, este é um momento favorável para se iniciar uma nova relação.

gémeos

21 de Maio a 20 de Junho



21 de Junho a 21 de Julho

Sentimental: Motivações de ordem íntima e amorosa convidam mais a dar do que a receber. Tente ser compreensivo com algum problema ou situação que o seu par atravesse e não lhe recusa ajuda. Caso não tenha par, poderá conhecer, durante este período, alguém importante para si. De uma maneira geral o aspecto amoroso encontra-se favorecido.

leão

22 de Julho a 22 de Agosto



virgem

Sentimental: O aspecto sentimental passa por um período difícil motivado por insatisfação pessoal. O diálogo e a aproximação espiritual contribuirão para suavizar outros aspectos um pouco mais duros. O entendimento do essencial da sua relação tem uma importância enorme na sua paz e equilíbrio interior.

balança

23 de Setembro a 22 de Outubro



escorpião

Sentimental: Tudo poderá correr da melhor maneira durante este período, depende unicamente de si e da forma como se relacionar com o seu par. Para os que não têm par, este, é um momento muito favorável para se iniciar uma nova relação.

sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro



capricórnio

Sentimental: Na área sentimental tente ser coerente e não deixe, nem consinta que interferências de terceiros possam pôr em causa a sua relação amorosa. Para os que não têm par, este período não se encontra favorecido para se iniciarem novas relações.

aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro



peixes

Sentimental: Questões de ordem sentimental passam por uma fase que se bem aproveitada será muito gratificante. Não perca esta oportunidade de estreitar as suas relações amorosas. Viva um dia de cada vez. Além do mais poderá funcionar como um refúgio agradável para questões que não estão sendo positivas, são transitórias.

NIVEA



NOVO HIDRATANTE INTENSIVO 24H+

A inovadora fórmula de creme hidratante da NIVEA contém Hydra IQ - um ingrediente que trabalha na sua pele naturalmente para oferecer-lhe suavidade e Hidratação por mais de 24hrs, deixando-a cuidada por mais tempo.

www.NIVEA.com

